

**RIL**



revista literária

**11**

revista literária do corpo discente da ufmg

**REVISTA LITERÁRIA DO CORPO DISCENTE DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**



NOVEMBRO DE 1976

\*

ANO XI — NÚMERO 11

# Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais

COMISSÃO DA REVISTA

PLÍNIO CARNEIRO

ORLANDO BIANCHINI

MARIA ANTONIETA ANTUNES CUNHA



BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**



**PUBLICAÇÃO Nº 656**

**IMPrensa UNIVERSITÁRIA**

**Caixa Postal 1.621 — 30.000 - Belo Horizonte, MG — Brasil**

**Edições da  
REITORIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

## CONCURSO DE ILUSTRAÇÕES

O Concurso de Ilustrações para a Revista Literária número 11 teve a participação de onze alunos, todos da Escola de Belas Artes da UFMG, que enviaram um total de 25 trabalhos. A Comissão Julgadora foi formada pelos professores Wilde Damaso Lacerda, Márcio Sampaio e Rosângela Carvalho, da Escola de Belas Artes. A coordenação foi da professora Maria do Carmo Vivacqua Martins, do Centro de Extensão da EBA/UFMG.

O primeiro lugar ficou com Lucas Tadeu Salgado, que usou o pseudônimo «Antônio» e ilustrou o trabalho «Marcolino»; o segundo lugar foi para Sérgio Nunes de Moraes, pseudônimo «Frejé», que ilustrou o trabalho «Além», e o terceiro lugar com Rosa Helena Razuck, pseudônimo «Mena», ilustrando o trabalho «Mata-me de Amor». A Comissão deu Menção Honrosa para Elizabeth Nato Calil Zarur, pseudônimo «Ruraz», que ilustrou o trabalho «Quatro Tempos e o Reverso».



**Endereço para correspondência:**

**SERVIÇO DE RELAÇÕES UNIVERSITÁRIAS DA UFMG**

8º andar do prédio da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Rua Carangola, 288

30.000 — BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL



## ÍNDICE

### CONCURSO DE CONTOS

Além — <i>Hugo de Almeida Souza</i> .....	9
Mata-me de Amor — <i>Lúcia Castelo Branco</i> .....	29
Malícias do Pano Verde — <i>Sandra Lyon</i> .....	35

#### *Trabalhos Escolhidos — Menção Honrosa*

Marcolino — <i>José Liberato Costa Póvoa</i> .....	39
Onde Está Muriel? — <i>Maria Lúcia Silva Couto</i> .....	57
Avatar — <i>Angela Cançado Lara Resende</i> .....	60

### CONCURSO DE POEMAS

Quatro Tempos e o Reverso — <i>Osias Ribeiro Neves</i> .....	65
Talvez — <i>Lígia Augusta Muniz</i> .....	69
Viajante-Caminhante das Quebradas de Além-Mar — <i>Lúcia Castelo Branco</i> .....	70

#### *Trabalho Escolhido — Menção Honrosa*

Canto Para a Amada que Dorme — <i>Alvaro Eustáquio Rocha Fraga</i> .....	75
--	----

## SEGUNDA SEÇÃO

### POEMAS

Ars Poética — <i>Luiz Carlos Alves</i> .....	81
Poema — <i>Luiz Carlos Alves</i> .....	83
Intervenção — <i>Daniilo dos Santos Pereira</i> .....	84
Atlântico — <i>Valéria Furtado Azevedo</i> .....	85
Eu, A Propósito de um "Cuba-Libre" — <i>Eduardo Lopes</i> .....	87
Canção Urbana — <i>Ronald Claver</i> .....	89

## CONTOS

Um Cansado Caporal — <i>Daniilo Gomes</i> .....	95
Além da Graxa e do Óleo — <i>Antônio Barreto</i> .....	99
A Nossa Volta — <i>Regina Neves</i> .....	102
Roberval & Eliana — <i>Eugênio Gomez</i> .....	107
A Barata — <i>Kenneth Albernaz</i> .....	111
Em Decúbito Dorsal — <i>Plínio Carneiro</i> .....	117

## ENSAIO

O Trágico em "Boquinhas Pintadas": Sentido e Função do Destino — <i>Vera Lúcia Andrade</i> .....	123
---	-----

## RESENHA

Estatística da Revista Literária .....	149
Relação dos Contos Recebidos .....	150
Relação dos Poemas Recebidos .....	151
Publicações Recebidas .....	159
Críticas à Revista Literária .....	160

**RL**

revista literária

---

CONCURSO  
DE  
CONTOS



## ALÉM

SIM

**Hugo de Almeida Souza**

Curso de Comunicação Social da FAFICH

O pão estava tão gostoso essa manhã que fiquei mais tempo na mesa. Pretendia olhar uns papéis velhos acumulados há vários anos numa gaveta desarrumada e dar uma forma talvez literária neles. Além continuou dormindo, como agora — ela está ali, a poucos passos — semi-coberta por um lençol estampado (virol, segundo ela) deixando aparecer a perna esquerda e um dos seios. Pequeno e perfeito. Além do pão gostoso, havia também um cacho de bananas maçãs maduras que perfumavam a pequena copa-cozinha desse nosso apartamento alugado. E como hoje é sábado e estou de folga, fiquei ali, na mesa. Comi duas ou três bananas e fiquei observando e sentindo tudo o que me cercava. Há muito tempo eu não fazia isso. Diariamente acordo e mal engulo o café e saio já atrasado. Conheço pouco a minha casa. Então permaneci olhando aquilo tudo (que é quase nada, mas me é caro) que me pertence — as três cadeiras (uma sempre vaga, porque Manhã está com cinco meses), a mesa redonda, a geladeira quase vazia, o fogão desligado, a parede opaca — e por um bom tempo esqueci-me de meu plano literário para hoje. Manhã choramingou, fui vê-la. Dormia novamente, tranqüila.

Gastei o resto do dia em tarefas caseiras, com Além que levantou pouco depois e se queixou porque não a havia acordado. Queria fazer o café pra mim. Hoje é dia de Jan receber

Thereza, por isso não fui visitá-lo. Li jornal quase o dia inteiro, ouvi rádio, ajudei Além a olhar Manhã, dei até um passeio com ela lá fora, até a esquina do bar. No momento um homem olhava o carro novo de um amigo e comentou: «Quem me dera se o meu tivesse tanto ponteiro assim.» Fiz as contas de sempre: condução, aluguel, feira, luz, — subtraí do salário, faltou bastante — e beijei Além. Ela sorriu e eu rasguei as contas.

Agora — é madrugada — levantei com o barulho da chuva na janela e penso em organizar aqueles velhos papéis: cartas minhas e de Além, de meus avós, de amigos, anotações antigas, pedaços de impressos curiosos — tudo lembrança de uma época feliz. Ou quase tudo. Ao mesmo tempo que me vêm agora recordações de minha adolescência, minha vida na casa de meus pais, meu tempo de colégio e tudo isso posso também misturar àqueles velhos papéis e, se a madrugada for amiga, pode até surgir alguma coisa boa.

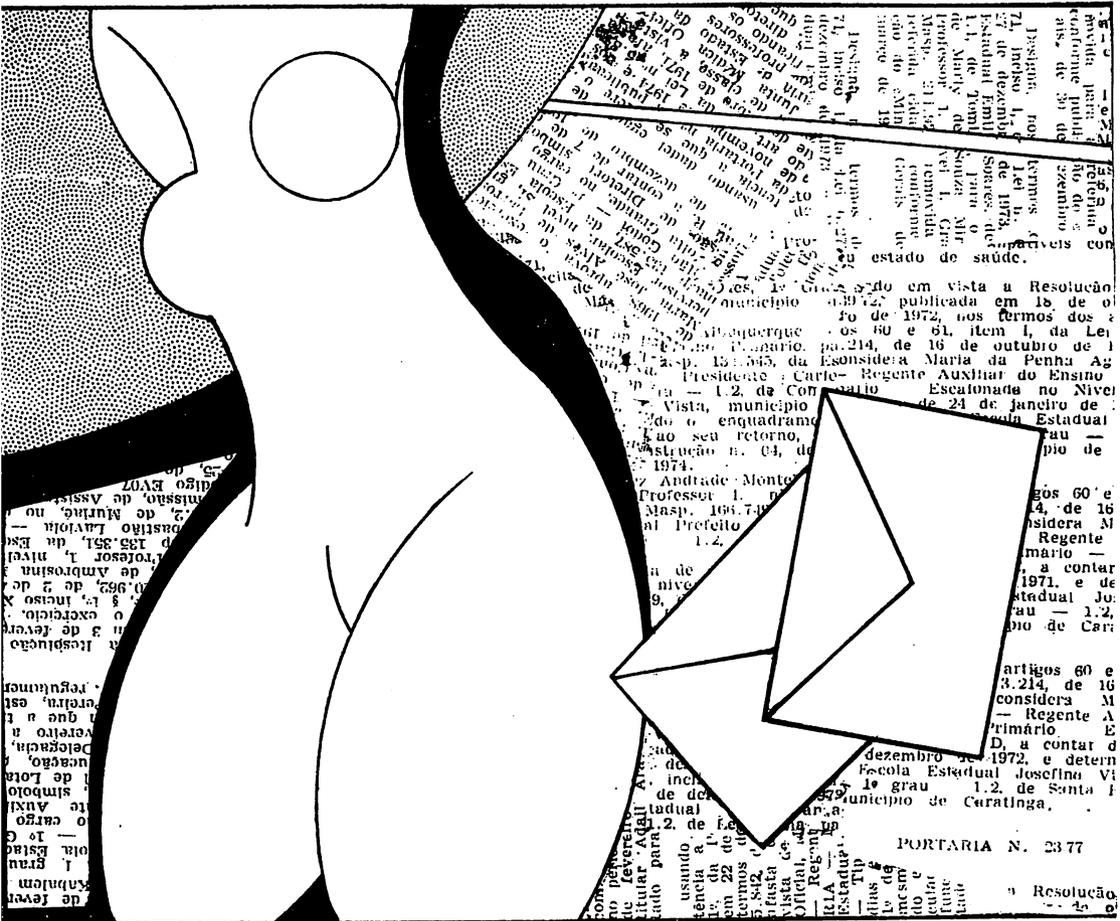
Temo, porém, acordar Manhã, que dorme no outro quarto, e minha mulher, aqui, pertinho de mim, principalmente porque ela não gosta que eu escreva à noite.

— Mas quando eu vou escrever, Além ?

Apesar de ela já ter dito, também, que eu batendo máquina pareço executar algum instrumento musical. Conversa de Além. Sei que música acorda. Ou pode influenciar no sonho — li isso uma vez. Olha, agora ela mexeu. Mas creio que foi porque o barulho da chuva cessou. Cobriu a perna morena e ficou à mostra todo o seu corpo de cintura para cima. O virol embolado, sobre as pernas apenas. Gosto de vê-la assim, dormindo, feliz, nua.

Trouxe os papéis. Estão aqui, ao lado da máquina, dessa velha máquina que já escreveu tanta coisa pra mim. Como eu gosto desses papéis, dessas cartas, dessas fotos em que não apareço e de tudo isso que me faz reviver um passado recente e bom. Ou bem antigo.

Gosto muito, por exemplo, desse exemplar de **O Fluminense**, de 1889, reproduzido em papel craft. Número histórico.



Nictheroy — Domingo, 17 de novembro de 1889

## NOTICIARIO

### REPUBLICA FEDERATIVA BRAZILEIRA

Em virtude de ordens violentas do ex-governo, reuniu-se, antehontem, a força do exercito que havia na capital do Brazil, depondo o ministerio e prendendo o Visconde de Ouro Preto e o Conselheiro Candido de Oliveira.

Foi acompanhado no seu acto pelas forças de mar, pela de policia e de bombeiros.

Durante estes acontecimentos, tendo resistido á prisão o Barão do Ladário, ex-ministro da Marinha, recebeu vários ferimentos de espada e de arma de fogo.

Após isto, foi proclamada a Republica Federativa Brasileira e nomeado o Governo Provisorio.

---

Eis a proclamação do governo Provisorio.

«Concidadãos !

O povo, o exercito e a armada nacional, em perfeita communhão de sentimentos com os nossos concidadãos residentes nas provincias, acabam de decretar a deposição da dynastia imperial e consequentemente a extincção do systema monarchico representativo.

Como resultado immediato desta revolução nacional, de character essencialmente patriotico, acaba de ser instituido um governo provisorio, cuja principal missão é garantir com a ordem publica a liberdade e os direitos dos cidadãos.

Para comporem esse governo, emquanto a nação soberana, pelos seus órgãos competentes não proceder á escolha do governo definitivo, foram nomeados pelo chefe do poder executivo da nação os cidadãos abaixo assignados.

Concidadãos !

O governo provisorio, simples agente temporario da soberania nacional, é o governo da paz, da liberdade, da fraternidade e da ordem.

No uso das attribuições e faculdades extraordinárias de que se acha investido para a defesa da integridade da Patria e da ordem publica, o governo provisorio, por todos os meios ao seu alcance, promette e garante a todos os habitantes do Brasil, nacionaes e estrangeiros, a segurança da vida e da propriedade, o respeito aos direitos individuaes e politicos, salvas, quanto a estes, as limitações exigidas pelo bem da Patria e pela legitima defesa do governo proclamado, pelo exercito, pela armada nacional.

Concidadãos !

As funcções da justiça ordinaria, bem como as funcções da administração civil e militar, continuarão a ser exercidas pelos orgãos até aqui existentes, com relação aos actos na plenitude dos seus effeitos; com relação; com relação ás pessoas, respeitadas as vantagens e os direitos adquiridos por cada funcionario.

Fica, porém, abolida, desde já, a vitaliciedade do Senado e bem assim abolido o Conselho de Estado. Fica dissolvida a Camara dos Deputados.

Concidadãos !

O governo provisorio reconhece e acata todos os compromissos nacionaes contrahidos durante o regimen anterior, os tratados subsistentes com as potencias estrangeiras, a divida publica externa e interna, os contratos vigentes e mais obrigações legalmente estatuidas.

Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do governo provisorio.

Aristides da Silveira Lobo, ministro do interior.

Ruy Barbosa, ministro da fazenda e interinamente da justiça.

Tenente-coronel Benjamin Constant Botelho de Magalhães, ministro da guerra.

Chefe de esquadra Eduardo Wandencolk, ministro da marinha.

Quintino Bocayuva, ministro das relações exteriores e interinamente da agricultura, commercio e obras publicas.

Segue-se o programma de novo governo..

O programa do novo governo resume-se n'estas idéas capitaes:

Restauração da liberdade;

Constituição plena da democracia;

Inauguração da Republica Federal;

Garantia rigorosa da propriedade e do credito nacional;

Manutenção dos funcionarios, que continuarem a bem servir;

Repressão absoluta e implacavel da desordem.

Quase toda a primeira página — são quatro — desse número 1786 de **O Fluminense** trata da «inauguração da Republica Federal», que começa assim:

«Em consequencia da extraordinaria e injusta pressão que ha alguns annos a esta parte e especialmente nestes ultimos mezes foi exercida pelo governo geral sobre o brioso exercito brasileiro, tão cheio de serviços á Patria, operou-se um movimento dos militares feridos em seus brios, determinando esse facto a constituição de um Governo Provisorio e a deposição da dynastia que reinava.»

Isso em duas colunas, ocupando quase dois terços em altura do jornal. Depois vem o «Noticiario» que reproduzi em parte. E o mais curioso está embaixo, na «Chronica», intitulada «De alto a baixo».

«Facto que causou dolorosa impressão durante a semana, foi a prohibição do Sr. Bispo Diocesano, para que não rezassem missas por alma do finado Conselheiro Vieira da Silva.

«Conquanto essa prohibição não fosse claramente expressa, não resta duvida que foi formulda, desde que S. Ex. Revm. lembrou aos sacerdotes debaixo de sua jurisdicção — que a Igreja nega honras funebres aos maços e que elles deviam cumprir o seu dever.»

As três primeiras colunas tratam da «proibição» da missa, e somente na quarta é lembrado o «facto capital da semana». Lindo texto.

«O facto capital da semana foi porém o ultimo, occorrido no dia 15. O Brazil amanheceu Imperio e anoiteceu Republica.»

Gostaria de reproduzir toda a «Chronica» mas esses papéis todos me convidam a novas viagens mais recentes. Antes:

«João Antonio da Silva e seus filhos, confessam-se extremamente agradecidos a todas as pessoas que acompanharam o enterro de sua companheira e mãe Facunda Augusta da Silva, e de novo convidam as mesmas pessoas para a missa de 7º dia que por alma da finada será rezada na igreja de S. João Baptista, segunda-feira, 18 do corrente, ás 8 ½ horas, confessando se gratos a todos que comparecerem a esse acto religioso.»

Uma vez escrevi para Além: Minha vontade é de ficar aqui, horas seguida, tentando dizer, devagar e detalhadamente, o que tem acontecido. Mas, você sabe a minha situação agora. Daqui a pouco vou almoçar — almoço cada dia mais cedo e menos — sair correndo (passageiro de táxi) para o jornal e não tenho horário para voltar ou comer novamente. Ontem fiquei lá até dez e meia. (Minhas cartas rápidas, apressadas, de repórter. Ela sempre tranqüila:

Ô coração... Ô Tolação...

Primeiro de tudo, um beijinho na ponta do nariz. Acertei?

Segundo de tudo, um risão do tamanho do mundo, porque hoje é nosso dia. Meu, seu, de todo mundo que foi criança um dia, de todo mundo que é criança uma vida inteira, de todo mundo que ao lembrar das traquinices d'outrora diz com uma ponta de saudade. Diz: É um tempo que não volta mais. Antes de te falar de outras coisas, mil outras coisas, deixa eu falar de criança, deixa eu falar um pouco de mim, hoje, tá?/ Um minutinho só./ Você? Imagine, você no telefone. Que bom, Sim. Cada dia que passa a saudade aumenta mais, e eu te gosto com mais vontade. Agora eu não consigo mais

concentrar-me aqui, tenho que dar um tempo e pensar em você (sem escrever), no que disse há pouco tempo e no que falei também, há pouco tempo. Só um tempinho, um tempinho só pra te imaginar aí, lendo?, dormindo?, acordado?, cansado? Te imaginar. Dez minutos de sonho, ao vivo.

Além continua dormindo. A chuva voltou mais forte. O que Além está sonhando?

Voltemos à carta, ou melhor, ao que ia dizendo. Pois é, como te falei antes e depois também pelo telefone, há muito não me extravasava tanto em risos, cansaço infantil. Olha que hoje brinquei novamente (apesar disso não ser muito raro pra mim), corri, bati bola, rodei, fiquei tonta, balancei em gangorra, arrumei casinha, com uma porção de crianças-legítimas (eu também não sou uma criança legítima?). É, fiz tudo isso como se tudo isso ainda existisse, e existe sim. Sabe amor, aquele barulho, aquela correria, aquelas quedas proposítas e sem defesa alguma, aquilo tudo parecia estar esperando um dia «D», um momento «a mais» para explodir, voar de dentro de mim. É próprio de criança isso, eu sei. Depois de tudo, veja bem, depois de já estar um tanto suada de tanto correr e falar, falar e correr, fui ter-me com meus objetos (pois teria aula dali a uns trinta minutos mais ou menos) num corredor comprido e arejado. Que delícia, como eu estava cansada, como eu estava feliz. Ali sim, naquele silêncio comprido como o lugar, pude notar a dimensão da minha alegria, do meu riso há muito limitado. Um gravador, uma tomada e uma «Viagem ao Centro da Terra» (Rick Wakemann), uma folha ou melhor duas (brancas?), uma caneta e uma vontade louca de ficar comigo por algum tempo. O colégio em aula parecia prolongar inda mais aquele silêncio de descoberta, de paz, de alívio, de sonho, de viagem, de tudo, meu amor, tudo. Se você estivesse ali, naquela hora, juro como ia ganhar o abraço e o beijo mais puros de toda sua vida. Uma mistura de infância, adolescência, juventude, uma mistura quase irreal de tanta coisa, que me perdi. Uma viagem

ao centro da terra? Uma viagem. As crianças lá fora viajam também em seus velocípedes, seus carrinhos de pedal, suas carrocinhas, seus trenzinhos, suas pernas ainda por crescer. Ainda por crescer. Quase tudo parece ainda por crescer. Os arranjos instrumentais do Wakemann são ruidosos e brandos e se espalham pelo todo corredor diferente, arejado e não frio. Agora sim, posso afirmar que as paredes não são tão frias e hostis como dizem os grandes. As portas fechadas parecem guardar o segredo das pessoas que por elas passam todos os dias. Cada lâmpada apagada encarava uma vidraça aberta, ou fechada? Não importa. Quero falar sim, do piso fresco e arejado. Quero falar sim, do corredor comprido e das paredes que nada têm de frias e hostis. Quero lembrar do silêncio e da música imprecisa do W. Da minha alegria e do meu amor (com 2 emes) pela criança que guardo comigo. Quero agradecer a você por estar me ouvindo. Quero ainda agora, por volta das onze e noturnas horas, dar mais um sorriso de criança, mais um olhar de adolescente e um silêncio comprido como o corredor, de jovem, louca de amor por você.

Reli as últimas linhas (Além tinha 17 anos — acabava de revelar-se em minha autora predileta) e tive vontade de acordá-la. Além, venha ver o que você escreveu! Ela dorme (criança feliz?), agora toda coberta. Criança que pensa:

Querido...

Hoje, uma sexta-feira horrível para mim. Mistura de cansaço, chateação, dor de cabeça, péssimo humor e uma série de outras coisas que não levam a nada ou levam a muito, ainda não sei. Estou aproveitando um horário vago (de enfermagem) e escrevendo para você. Escrevendo ou descrevendo? Que pergunta tola!

Hoje, 8 de outubro de 1976 (d.C.), continua sendo um dia horrível para mim. Tanto que nem ia escrever pra você, pensei puxa vida, ele lá cansado ao extremo, cheio de problemas (que nunca deixam de surgir mesmo), louco por fim de semana tranquilo, leve, chego eu com tolices que apesar de

serem válidas, mas não deixem de, no fundo, ser tolices: Ontem pensei comigo: amanhã, tenho certeza, vou amanhecer ótima. Tudo errado. Hoje, pior ainda. E daí? Que bobagem. Por que essa tragédia toda, por quê?

### MINHA EULINA,

Comemorando ao longe do teu Santo convívio o aniversário do nosso feliz consórcio mando-te por estas linhas os meus mais ternos afetos, ao tempo em que invoco a proteção de Deus pela continuação de nossa felicidade.

A todos os nossos filhos minhas lembranças e carícias e bons desejos.

Apertados abraços e beijos do teu d'alma e do coração.

**Totonio**

**29-9-1931**

Papai guarda com carinho o original dessa carta e eu tenho uma cópia xerografada — fiel reprodução da bela caligrafia de meu avô.

Demorei bastante mas voltei agora descansado e com tempo: estou de férias da Escola, em casa: e a manhã é sua. Nossa.

(Foi dessa carta que surgiu o nome de nossa filha. Idéia de Além. A chuva está piorando. Parece que isso ajuda minha mulher dormir. Então posso continuar aqui, com a luz acesa, relendo esses papéis velhos).

Em meu quarto — como gosto deste quarto — há silêncio aqui dentro e escassos ruídos lá fora (ônibus freiando, carro passando, alguém — talvez uma criança — brinca num quintal próximo com qualquer coisa de madeira, um ou outro passarinho), depois de muito tempo sem um momento tranquilo como esse, aqui estou para te dizer novamente e com alegria:

Às vezes não gosto de reler as minhas próprias cartas, e ainda que Além tenha marcado várias delas, em alguns trechos, difficilmente tenho coragem de relê-las. Gosto mais dos escritos alheios. Por que a gente gosta de ler a correspondência alheia?

«A nossa língua portugueza é branda para deleitar grave para engrandecer, efficaz para mover, doce para pronunciar, breve para resolver, e accommodada ás materias mais importantes da pratica e escriptura. Para fallar é engraçada, com um modo senhoril. Para cantar é suave, com um certo sentimento que favorece a musica. Para prégear é substanciosa, com uma gravidade que autoriza as razões e as sentenças. Para escrever as cartas, nem tem infinita copia que damne, nem brevidade esterial que a limite. Para historias, nem é tão florida que se derrame, nem tão secca que busque o favor das alheias. A pronunciação não obriga a ferir o céo da boca com aspereza, nem a arrancar as palavras com vehemencia do gargalo; escreve-se da maneira que se lê e assim se falla. Tem de todas as linguas amelhor: a pronunciação da latina, a origem da grega, a familiaridade da castelhana, a brandura da franceza, a elegancia da italiana; tem mais adagios e sentenças que todas as vulgares, em fé da sua antiguidade. E se à lingua hebrêa, pelo honestidade das palavras, chamaram santa, certo que não sei eu outra que tanto fuja de palavras claras em materia descomposta, quanto a nossa. E para que diga tudo, só um mal tem, e é que pelo pouco que lhe querem os seus naturaes, a trazem mais remendada que a capa de pedintes.»

### **Leituras Litterarias**

#### **Dotes da lingua portugueza**

F, Rodrigues Lobo — Côrte na aldeia  
(Ao bem pelo bello-curso secundario,  
Rio de Janeiro, 1923).

As palavras me agradam bastante, confesso, mas a vida lá fora — e muitas vezes aqui dentro — me atraem mais.

Ontem mesmo, vejam que absurdo, quando cheguei à janela tirando a gravata vi a mulher gorda e feia do terceiro andar. Os seios enormes, deformados, maiores que a cabeça. E me lembrei de Tânia, que trabalhou lá em casa muito tempo. Foi minha primeira mulher. As brincadeiras, os abraços pelas costas, os primeiros convites temerosos, até o descontrole total: ela trêmula, pernas abertas, a saia levantada e me abraçando no seu quarto ou no banheiro de empregada. Eu entrava primeiro, ficava atrás da porta, depois ela vinha. Tânia, os seios para sempre marcados por meus dentes da adolescência. Os olhos muito abertos, como os de Além. Depois a mudança, a ausência, o vazio nunca mais preenchido até conhecer Além.

### MEUS PAIS,

Uma ótima chapa: junto a mim o nosso prof. particular de matemática. Este é um dos maiores amigos que tenho. Na outra ponta o Rafael, que até 10 deste viveu aqui; julgavam que fosse meu irmão. Andávamos juntos, desde a viagem de trem quando viemos para aqui. — No segundo plano e só, um doutorando em veterinária. É atualmente meu companheiro de apartamento. — Estou procurando melhorar em todo sentido.

Prudente

15-5-38

Outro dia mesmo eu assisti a uma cirurgia, com massagens cardíacas, controle cardíaco (aqueles aparelhos todos ligados — monitores — quer dizer, no pré-operatório) numa criança de 11 anos. Precisa ver a tensão, o silêncio horrível naquela sala; todos atentos para as «mãos decisivas» do cirurgião, cada movimento é cronometrado e altamente fatal, cada gesto no olhar por detrás daquela máscara, tudo em seus devidos lugares, todos na expectativa maior de um milagre. No final, quase no final, o cirurgião confere o aparelho com uma

olhadela e tudo perdido, batidas lentas (bradicardia), cansadas, diminuídas, finalizadas.

O menino morreu.

Uma morte a mais naquele hospital. Frustrante, não?, para aquele famoso médico que estudou seis anos, aperfeçoou três ou quatro e, numa fração de segundos, perdeu uma vida em suas mãos.

Estou aproveitando alguns minutos de folga aqui no colégio para te escrever, é tanto que deve ter notado a letra pequena e inconstante, confusa até, pois o lugar aqui está super incômodo (em cima de uma janela — aquela da roseira).

### Falecimentos

**Oduvaldo Barbosa de Andrade**, aos 18 anos, na sala de indigente do Hospital Getúlio Vargas, em Teresina. Trabalhava com inseticidas — principalmente NPK (fosfato triplo) e Nematicida — nos fins de semana, no solo do Colégio Experimental Agrícola do Piauí, em troca de comida e hospedagem e sem nenhuma proteção para as mãos. A intoxicação provocou anemia aplasmática e as esperanças de salvá-lo foram desfeitas há duas semanas, segundo os médicos do Hospital Getúlio Vargas. Seus colegas ofereceram sangue para contínuas transfusões feitas até ontem, todas, entretanto, rejeitadas pelo organismo definitivamente intoxicado. Esteve consciente até sexta-feira, quando reclamou estar abandonado pelos médicos, que o deixaram a cuidado de acadêmicos. Era filho de Etelvina Andrade, viúva e verdureira no mercado de Floriano, que não pôde assistir à morte do filho porque o regulamento do hospital não permite além de uma pessoa ao lado do paciente. Os médicos e enfermeiras de plantão não atenderam aos apelos e, ao morrer, Oduvaldo teve a seu lado somente o irmão, Manuel. O hospital explicou, depois, que a presença física de qualquer funcionário de nada adiantaria, pois o estudante estava definitivamente condenado. Oduvaldo será sepultado em Floriano, a 185 km de Teresina, onde morava. Tinha cinco irmãos.

Galeão (Rio) 22 de setembro de 1976, 20h5

Além, meu amor,

Agora, é talvez o meu momento de maior tranquilidade; folga (uma folga mínima), nas últimas 24 horas.

Aguardo o chamado para o embarque, de pé, encostado num balcão, onde escrevo sobre uma pequena pilha de três livros (um que trouxe e dois que o Ronaldo me deu) e mais a «Status» trazendo o conto do Luiz. Reli (agora impresso) o depoimento dele. Talvez durante a viagem releia o conto. Posso também rabiscar qualquer coisa para você e temo que, diante de situações novas e bonitas, use as mesmas palavras de sempre.

Tenho no bolso uns três outros cartões destes, pretendo preenchê-los no avião para você.

Sabe, se eu fosse (se conseguisse e tivesse tempo) escrever tudo o que aconteceu comigo de ontem pra hoje sairia, com certeza, uma pequena obra literária. Tudo o que vi, ouvi, senti etc. Você sabe, não é, Além?

Está quente e visto paletó. Absurdo. Mas ele não caberia na pequena maleta de mão de meu pai que trouxe. Suporto, então, esse calor. No avião eu tiro.

Querida, tenho pensado, embora sempre de relâmpago (as coisas não permitem uma concentração maior, duradoura), tenho pensado muito em mim, em minha vida, no que está acontecendo comigo ultimamente. Sei que você sabe.

E você está dentro de tudo isso. E (como você gosta de falar) como está.

Felicidade. Isso, é o que tenho hoje. Junto com você, mesmo longe e quase partindo (os momentos precedentes a viagem dão uma saudade na gente, não é?). Até já, amor, dentro do avião.

Taí, Além. Quando acabei de escrever o outro cartão, preparava-me para embarcar e, logo em seguida, anunciaram no alto-falante: o vôo foi adiado para às 21h30. O problema é que estou com fome (vamos à Cantina Sta. Rita?)

Agora estou assentado. Viu como a minha letra melhorou? Outro motivo é o tempo maior. Esse aeroporto aqui está sendo usado provisoriamente enquanto o Internacional não

fica pronto: uma beleza, pelo que vi ontem à noite, quando cheguei. E pelo que já li a respeito. Nós ainda vamos frequentar muito isso aqui, e o novo, e outros, em outras cidades, países, planetas.

Talvez fosse bom eu te mandar um cartão do Rio, mas além de não encontrar nenhum que retratasse sua verdadeira beleza, a cada dia penso que cartão é bobagem. Ou não é?

O táxi levou uma hora, quinze minutos e oitenta e cinco cruzeiros do hotel aqui.

Na saída do apartamento, remexendo nas gavetas, encontrei papel e envelope com timbre do hotel. (Antes havia encontrado apenas uma bíblia de capa dura, daquelas que vendem de porta em porta). Pretendo usá-los (papel e envelope) em BH, escrevendo para você. Bobagem? Pelo menos economia é. Bobagem.

Não se preocupe com as misturas, acho difícil agora coordenar as idéias (frases) direito. Ainda mais com essa fome.

Claro que vou comer alguma coisa. E já.

Amor, estou no avião agora (21h22).

Sabe o que aconteceu logo depois que fiz o lanche acima? Procurei um lugar para assentar e encontrei o Prefeito Luiz Verano, de BH. Veio ao Rio para uma reunião «de rotina» da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas). Conversamos bastante (ele lia «Balão Cativo», volume dois das memórias de Pedro Nava, da geração dele, parece) e, no final, como já era de se esperar, ele alertou: «Isso é apenas conversa, não estou te dando entrevista não, não é?» Como se ele tivesse falado alguma coisa de importante. Ou talvez tenha feito uma brincadeira comigo e eu não percebi.

As turbinas são aquecidas agora. Daqui a pouco esse aparelho começa a correr até subir.

(Em BH, me espera sua carta).

Sabe quem é o comandante desse avião?: Pinto!

Começou a andar. (Boa viagem).

Boeing 737 da Vasp. Tempo de viagem ainda não sei: não falaram. Cintos apertados, cigarros apagados. Muito obrigado.

Longe, do outro lado do mar (aqui é a Ilha do Governador), o Rio está piscando suas infinitas luzes.

Pensei que tivesse mais do cartão. O outro usei p/ anotar coisas q o motorista do táxi falou. Por isso uso esse papel que estava também no bolso do paletó.

Ah, sabe porque o vô está atrasado? Não, errou.

Porque não havia aparelho. Isso mesmo: não tinha avião na hora.

Ainda não decolou: vai ser daqui a pouco. O avião corre, corre muito. Acendeu as luzes. Corre. Olhe a minha letra. Subimos. Uma delícia. Gostoso.

Bom, estou do lado esquerdo do bicho, na janela (vou ver BH iluminada), o Prefeito ficou à direita, mais na frente, com o seu chefe de gabinete. No aeroporto eles apresentaram um documento e não foram revistados. O sujeito olhou minha pasta, que trabalho para fechar novamente, e passou um aparelho detector de armas, fazendo um barulhinho e não encontrou nada em ninguém). (Estou um pouco atrás da asa).

Tempo de vô previsto: 33 minutos. Altitude 7 mil e tantos metros. Velocidade: 900 quilômetros mais ou menos, ou não ouvi bem. Em BH, tempo bom — tudo isso informaram agora (Pinto?).

Pediram também para os passageiros lerem as instruções de segurança. Vou ler. Peraí.

Parece que o tempo lá fora não está bom (talvez eu esteja confundindo o piscar da luz da asa do avião com relâmpagos) mas a verdade é que o aparelho trepidava há pouco. Agora está tranquilo: a minha letra mostra isso, está vendo, meu amor.

Mas se esse trem cair, ótimo. (Outro dia Juçara contou uma ótima. Mineiro quando está esperando o trem fala para a mulher: Arruma os trem, mulher, que já vem a coisa).

Claro que não cai.

Sabe, se eu estivesse com o Gapes aqui e pudesse abrir a janela eu jogava ele lá embaixo, no infinito.

E se você também estivesse aqui, faria a mesma coisa, bobinha.

Te jogava no Além.

Querida, acabei de fazer um lanche que serviram aqui: comida gelada, sem sal, sem gosto algum.

Sinto saudades de você. E olha que ia sair saudades com 1.

Estou com o papel apoiado na mesinha que se forma puxando um suporte. (O tempo está bom, o aparelho voa suave, firme). E eu gosto muito de você.

Vejo lá embaixo (aonde?) luzes (o avião trepidou um pouco — vai olhando a minha letra). O papel está acabando e vou pegar mais.

Uma máquina aqui ajudaria bastante: a você e a mim. Imagino o seu sacrifício de ler esses rabiscos aéreos (olha a letra, que você sabe como está o avião no momento momento — escrito agora também, durante o vôo).

Puxa, meu amor, isso está uma delícia. Gostoso. Minha carta aérea, noturna, finalmente. Logo esta folha termina e vou rasgar outra do bloco onde anotei as coisas no Rio (sobraram poucas), mas falta pouco também para chegar. São exatamente 22 horas, aqui, perto do céu?, neste 22 de setembro de 1976.

O que faço aqui, agora? O que sou eu? Quem? Tudo parece tão maravilhoso. Voando.

Minha imagem reflete na janelinha: tenho os olhos abertos, apesar do sono guardado que estou. Vôo tranquilo agora. Que letra!

As aeromoças vestiram um paletó vermelho grená (isso mesmo?) sobre a blusa estampada. A temperatura é agradávelíssima. Não tirei o paletó. Além.

Vejo agora, um pouco apagadas, as luzes da cidade.

Vamos descer logo. (E sua carta está fechada, me esperando).

Ah, hoje te escrevi duas cartas (além desta — isto é carta?) correndo. A segunda delas provavelmente siga apenas amanhã porque deixei na portaria do hotel, já selada, para eles despacharem — isso depois de seis horas.

Vejo a cidade inteira, linda. Certinha. Linda. Mesmo. O Mineirão aceso. Tem jogo hoje, com certeza. Fiquei do lado esquerdo para ver essa maravilha que agora vejo. O avião está fazendo uma curva, a cidade virou. Quase infinita. Iluminada. Sobrevoamos agora um bairro afastado, de poucas luzes. Iniciamos a descida. Estou chegando, meu amor. Vou ver se pego outra folha. Começaram a tocar música. Aviso: cinto e ã fumar.

São três e meia. Quando levantei eram duas e cinco e parece que tem um século que estou aqui, lendo esses papéis. Além continua dormindo. A chuva passou.

Acordei assustada, cansada e viva. Olhei pela janela, estava um céu bonito, azul claro meio manchado de nuvens inofensivas. Fiquei ali fazendo hora uns bons minutos até que resolvi levantar-me. Fiz alguns exercícios (no quarto mesmo, apesar de pequeno) peguei a toalha e fui... Eram quase três horas. O que iria fazer? Que falta de programa, até que não, eu é que estava meio esquisita, ensimesmada. Peguei um livro do Omar Khayyam, «Rubaiyat», e comecei a ler. Um pouco monótono achei aqueles versos orientais, falando de vinhos e deuses. Deixei pela metade e peguei V. de Moraes, ele sim é uma revelação. Como eu gosto do Vinícius! Li mais ou menos uma hora. Lanchei (torradas, a D. Nana gosta muito de fazer), vi televisão (um filminho ou seriado, «Os Waltons», contando a primeira experiência, negativa, é claro, de um escritor principiante, e a solidariedade da família para com ele); isso, meio «desligada», observando as mínimas coisas que aconteciam no ambiente onde estava. Um gesto, um suspiro, uma conversa, um olhar, uma pergunta, uma resposta, uma agressão, um pedido, tudo isso era contado. Tudo isso era visto

por mim. Desligada? Força de expressão, quem sabe. Às vezes olhava tanto para uma pessoa (como foi o caso do Ró, o neto da D. Nana, muito meu amigo) que até irritava, inquietava. E olha que não sou de fitar muito as pessoas, mesmo aquelas que já me são familiares. Entrava, saía, pegava o telefone, tornava a colocar no gancho. Não me lembrei nem uma vez de você (o que é quase impossível!). Ria de tolices como o Gapes (como eu gosto deste gatinho) tentando puxar a cortina e levando um tombo atrás do outro. Peguei umas três apostilas pra estudar (estudar?) e acabei fazendo uma coisa completamente diferente, como ouvir as infundáveis histórias e lendas do Sinhô; é um velho interessante, que vive de jogar dama, fumar (2, 3 maços/dia), fazer algum servicinho caseiro como consertar uma fechadura, uma torneira, preocupar-se com a demora da água etc.; e lembrar do tempo em que corria pelo campo reunindo o gado, olhando a plantação, o engenho (era ele um fazendeiro lutador). Mas não é do sinhô que quero agora falar.

— Senhor, diz a noiva, antes que tome logar, a meu lado, n'aquelle leito, onde a lei lhe confere o direito de entrar, mas d'onde o sentimento dos seus interesses bem comprehendidos deveria afastal-o para sempre, é dever meu dirigir-lhe algumas palavras, que talvez não deixem de ter influência na natureza da nossa proxima intimidade.

— Hein? exclama o noivo.

(«A Noiva», em **Monstros Parisienses**,  
Catulo Mendés — Guimarães & C.a — Editores  
Lisboa — 1909).

Li esse livro há muitos anos, acho que o tenho ainda escondido em algum lugar naquela estante desarrumada como todos os meus papéis, no quarto de Manhã. Copiei alguns trechos e desse livro também gosto muito:

**Os Borrachos,**

Silva Guimaraens, Ty. Athene, 1921

Avenida Affonso Penna, 328 — Bello Horizonte

Foi em maio, pela volta do gado de labor á palha das primeiras colheitas, e pelo corte de um arrozal enorme, enorme, que abarrotou os paiões e como o qual, em memória dos negros, nunca se havia plantado em Palmares — descommunal recolta, onde a boiada toda, já sentida da arrotéia, emmagreceu, e até morreu um escravo da lavoira do vargedo paludoso às inundações do açude — que Venancio teve a derradeira alegria de sua vida, uma alegria immensa!

Foi pela ceifa do arrozal...

**«Venanço».**

Impressiona-me até hoje esta foto de jornal que agora olho. Um atleta ergue o troféu de campeão, sorri. Atrás dele várias pessoas olham para o troféu: um rapaz de óculos tem os olhos fixos no alto, à esquerda do atleta. À direita aparece o sorriso claro de uma negra que o braço do campeão cobre os olhos. E, no arco formado pelo braço direito erguido e a cabeça do atleta, dois olhos se destacam: um direito e outro esquerdo, de pessoas diferentes. O olho esquerdo é o mais aberto deles: o alvo é o mesmo de todos: o troféu no alto: que pouco se pode ver.

## MATA-ME DE AMOR

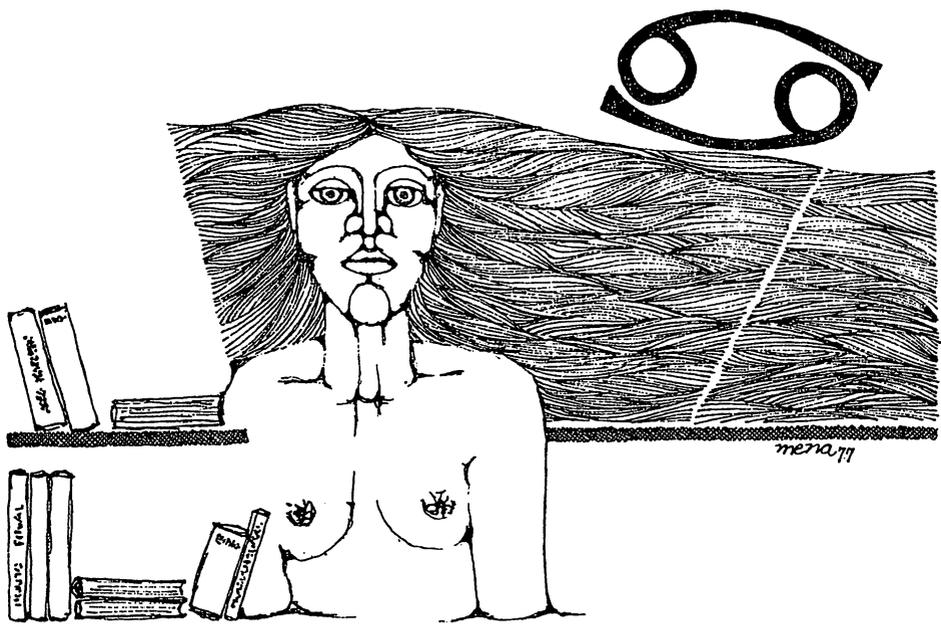
PIRATA

Lúcia Castelo Branco

Naquele dia fazia muito frio. Aline acordou — usava meias vermelhas e gorro e dormia de casaco por cima da camisola — ficou olhando pro teto como fazem essas moças do cinema ou da televisão. Porra de repente o frio aumentou — quase que me esqueço que preciso levantar logo, já deve ser tarde. Levantou-se, foi à cozinha, botou água pra ferver pro café. Ia caminhando mole, as veias da perna roxinhas de frio. Agora já não parecia mais a moça do cinema ou da televisão. Só pelo cabelo duro de laquê e de ferro quente, aquele mau hálito de dentes amarelos, aquela cara amarrada de ressaca, a gente não teria mais dúvidas. Em cima da mesinha o telefone cortado e a conta do gás pra pagar. Só então se lembrou quê que estava fazendo aquela água no fogo pro café, se não tinha gás não tinha fogo. Onde há fumaça há fogo — pensou — sua mãe e aquela mania de ditados, coitada, bem que não merecia morrer daquele jeito mas é isso aí, quem tudo quer tudo perde. É isso aí, o jeito era tomar banho e café frio, ainda bem que era Nescafé, graças a Deus, esses milagres da civilização como economizam tempo. Por falar em tempo olhou pro relógio velho em cima da geladeira. Mais um relógio velho que voltava a funcionar graças ao Uri Geller. E esse Uri Geller que tesão de homem que era e que pronúncia, minha nossa senhora, que pronúncia no inglês. Ficou pensando world essa é a palavra mais difícil que eu não consigo mesmo pronunciar. Sim, por que ela aprendia inglês por correspondência, os disquinhos e livretos che-

gando uma vez por mês com um pequeno atraso e frete a pagar, mas ela insistia em aprender por que seu sonho sempre foi ser secretária bilingüe. Tenho que ser rápida, já são quase três horas, preciso tomar banho, aí meu deus aquela água fria, lavar cabeça, fazer touca e pintar unha, buscar minha bota no sapateiro. Chegou na janela da área. Também com esse frio a gente não tem ânimo de sair, nem parece que hoje é sábado. Olhou pra cima — merda de se morar toda uma vida em quitinete, um dia ainda saio daqui — o único pedacinho de céu que dava pra se ver estava cinza. Olhou pra frente, estava dentro do apartamento do vizinho. O filho do vizinho, um meninão retardado todo se rindo e mexendo contorcido de risos safados de prazer. Que merda, a gente não tem o direito de manter nem mesmo a própria individualidade — falou alto pra ver se ele ouvia — ele continuou rindo e se mexendo do mesmo jeito — ela saiu e foi pro banheiro satisfeita com o período que acabara de construir. Gostava dessa palavra individualidade. Ficou repetindo baixinho pra ver se guardava. Essas palavras eram necessárias, de uma hora pra outra podia precisar, ainda mais hoje à noite na festa. Escritores? — ela ia se lembrando da cara de espanto que fez quando a amiga lhe disse que a festa seria na casa de um escritor e que lá estariam certamente milhões deles. Essa sua amiga fazia teatro na Escola de Artes Dramáticas e era muito bem relacionada. «Você precisa é tomar cuidado pra não cair em lugar-comum. Tente parecer o mais enigmática possível. Os escritores gostam de gente assim. Pense numas frases bem ambíguas.» E, até que o que ela disse sem querer pro retardado pegava bem. Seria prudente, no entanto, tirar o merda; soa muito comum e além disso não é ambíguo porra nenhuma. Ficava bem assim: Não se tem o direito de manter nem mesmo a própria individualidade. Restava só aguardar o momento de dizer a frase exata.

A água estava realmente gelada e cada vez mais as veias da perna iam ficando mais roxas. Quando me casar vou pedir pro meu marido contar todas as pintas do meu corpo. Acho que tenho mais de mil. Bem que podia dizer isso pro escritor,



conforme fosse o rumo da conversa. E se ele insistisse, na hora em que estivessem na cama, depois de já tê-lo feito lhe contar todas as pintas, ela o faria somá-las, subtraí-las, ver qual a parte do corpo que tinha mais. De repente se lembrou que os escritores têm pavor de matemática, ela é que era viciada, mania de tanto trabalhar em escritório de contabilidade. Não, quando eles estivessem na cama, ela lhe diria alguma coisa bem poética como por exemplo: Mata-me de amor! Era ousado mas de qualquer forma bem poético e ao mesmo tempo mórbido (ao gosto dos escritores modernos), além de ser também ambíguo: a morte poderia ser real ou metafórica e ainda bem que ele era escritor e naturalmente preferiria as metáforas.

As mãos são muito importantes numa mulher — manchete da Capricho — preciso tomar cuidado pra não tirar bife. Esse esmalte vermelho sangue me fica muito bem. Exótico. Exótico como eles, os escritores. Nunca tinha conhecido um, nunca tinha visto um de perto. «A festa vai ser sensacional, vai ter uma reunião de todos eles — a amiga tinha dito — é verdade que não há nenhum muito famoso mas são todos muito bons. Além de serem latino-americanos, o que está muito em moda, são todos marginalizados.» E ela já imaginava aqueles marginais, tipo Ramiro da Cartucheira, olhos fundos e vermelhos, barba por fazer, magros, tristes, exóticos. «Vêm escritores de todo o Brasil. Têm muitos de Minas. Dizem que lá é que têm os mais legais.» Um mineiro. Ê, o seu havia de ser mineiro. Tinha uma prima em Belo Horizonte que sempre dizia que os homens de lá são bárbaros. E além de tudo eles adoram as cariocas. Mas com escritores é diferente — pensou. De qualquer forma prefiro um mineiro. Já tinha ouvido falar dos poetas e contistas mineiros e sempre teve vontade de ter um. Mata-me de amor — pensou de novo — o imperativo pegava bem e ainda com o uso do tu. Ninguém diz que essa minha peruca é Kanekalon. Ê, ficava melhor mesmo é de cabelos soltos, revoltos ao vento, os escritores preferem as coisas ao natural. Mas ninguém vai desconfiar mesmo que a minha peruca é Kanekalon. A

roupa de Jeans colada no corpo, a bota vermelha até o joelho com a calça pra dentro feito bombacha. Ficou bonito. Meu deus, eu não consigo fazer pintura sóbria como eles gostam. Sem querer exagero, de exagerada que sou. E saiu correndo que, puta merda, o relógio do Uri Geller já marcava nove e quinze. É lógico que o perfume foi Patchouli, o que não podia faltar.

Na rua o frio estava bem pior. Eu, pra falar a verdade, não gosto mesmo de frio. Sim, chamo-me Aline. Sim, o nome da filha do Gauguin, nome de brisa. O meu signo é câncer, qual é o seu? Chovia uma chuvinha fina, a casa do tal escritor era na Avenida Atlântica no Leme e ela lá no três e meio. Ônibus difícil, o jeito era ir a pé. Arriscou levar o guarda-chuva, não, não pega bem com a minha roupa. Dane-se, melhor chegar de guarda-chuva que toda molhada. O porteiro do edifício tentou barrá-la na portaria, pô, será que eu estou com cara de puta? Não, essa maquiagem sóbria me vai muito bem. «Não senhor, eu vou pro oitavo, apartamento do senhor Alaor Lima, escritor.» Mesmo assim o porteiro não a olhou com muitos bons olhos mas terminou por deixá-la entrar.

Sim, chamo-me Aline — ia pensando. Nome de brisa, sou de câncer. Desceu no sétimo para dar um último retoque na maquiagem sóbria e passar mais um pouquinho de Patchouli. Deixou na escada o guarda-chuva. Ficou olhando com pena. Mas não pega bem com a minha roupa. Também, já estava velho mesmo, todo furado. Tocou decidida a campainha. A amiga das artes dramáticas veio atender a porta, toda de vermelho — a cor da moda — fazendo às vezes de dona de casa. Parecia que estava num palco, de tão brilhante. Aline pensou que talvez a maquiagem sóbria pudesse ter sido um pouco mais exagerada, arrependeu-se. Entrou, a sala era grande, tinha um bando de homens e umas cinco mulheres. Todos bebendo uísque. Uns muito gordos e baixinhos de camisa de tergal, outros mais altos de bigode e até um pouco bonitinhos. Alguns de óculos, mas nenhum era fundo de garrafa. A maioria era velho e tinha uns dois ou três de terno. Sen-

tou-se desanimada. Nenhum magro de olheiras, olhos fundos e vermelhos. Nenhum exótico. Nenhum. Puta merda, será que vou ter que dar pra todo esse museu? O garçon veio, ela aceitou um uísque. Antes o garçon, pensou. À sua direita, um grupinho deles discutia o caráter empresarial das editoras, o sistema, a ideologia. Lembrou-se do guarda-chuva na escada e deu vontade de ir lá apanhar de volta. A amiga brilhante vinha se aproximando com dois dos escritores pelo braço, muito risonha e falante. Apresentou-lhe os dois de uma só vez, disse: «Aline, esses são dois grandes escritores mineiros marginalizados.» Um era gordinho e baixinho, tinha um dente de ouro e usava camisa de poliéster volta ao mundo. O outro era mais alto e ria à toa de bochechinhas rosadas. Ela olhou para os dois e teve vontade de mandá-los às putas que os pariram. Lembrou-se prudente da mãe e antes um pássaro na mão que dois voando e ela ali, com dois na mão e nada. Sorriu então, no meio da maquiagem sóbria. Os olhos marrom de sombra, a boca brilhando marrom chocolate, a base brown da Avon carregando o rosto. Sorriu de olhar enigmático e sorriso ambíguo, muito branco:

— Sim, chamo-me Aline. Nome de brisa, sim. Sou do signo de câncer.

## MALÍCIAS DO PANO VERDE

ANGELINA

Sandra Lyon

Do lado de lá da rua, a preta que se chamava Olinda chegou, ajeitou o seu carrinho de coisas, o lenço de seda colorido amarrado na cabeça. Ali, vendia pipoca, amendoim torrado, algodão doce nas noites à luz do cinema na Santa Efigênia. A negra do Manuelão: ela, faceira, rebolado macio num corpo que desnor-teava, confundia.

Ele, malandro de risinho safado que vivia nas rodas de jogo, no fogo dos bilhares suburbanos. As bolas, na mesa coberta de verde, batiam-se em ruídos secos e as cores multiplicavam-se, encontravam-se, combinavam-se, depois largavam-se, tontas.

Olhos fundos em rostos magros, pálidos daqueles que comem mal, dormem pouco, os homens vadios povoavam os bares à tardinha. Nessa hora as ruas parecem inchar: é a pressa. As buzinas exigem passagem, carros e gentes apertam-se nas ruas, de repente iluminadas pelos letreiros dos anúncios que se acendem, apagam-se, acendem-se.

Manuelão era o dono da bola. Cheio de malandragem, manha e picardia, escolhe tacos enfileirados no canto do salão. Assim o jogo iniciava em tacadas cruzando olhos bobos no verde das mesas, o hos nas bolas, vigilantes. O jogo crescia, castigava. E as apostas da roda corriam, aumentavam e dobravam em torno da malícia das mesas.

Vinha fervendo o sangue na raiva: Olinda apareceu em meio ao salão, através da cortina verde. E falou baixo, falou humilde no medo de colocar tudo a perder. Vinha de paz, com a intenção declarada, firme de levar Manuelão para casa, para o seu aconchego e abraço. Dia após dia tinha aturado, aguentado muita ofensa, maltratos e deboche. Patife!, se quisesse, poderia agora lhe dizer tremendos desaforos.

Manuelão ria, o que sabia fazer era rir. Era trapacear, gostava era de folga e prosa fiada. O que machucava Olinda na pele era ver seu dinheiro contado, recontadinho, e que juntara dia após dia, ir minguando, sumir. Quando perdia tudo, voltava murcho, voltava para ela como menino vadio. Chegava sorrateiro, dava-lhe beijos estalados nos peitos, falava manso enquanto as mãos desciam lentas, errantes por aquelas ancas roxas, que mexiam indo e vindo, num movimento cadenciado, manhoso.

Ofendida, o coração partido em dois, Olinda, num golpe, está de novo na rua. Lá dentro, o jogo recomeça ganhando desenvoltura.

Traquinagem natural de jogo: Manuelão cresceu pouco a pouco, ficou agressivo, certo, total. Embocava de um só golpe, de estalo bola seis, depois bola sete na caçapa do canto. E vem a trapaça dissimulada, furtos de pontos no marcador. A meio palmo já, bola branca deslizando macio no pano verde: fechava o jogo ali. O parceiro batido, estraçalhado se enfezou. Corja de ladrões! E foi ali um deus nos acuda de tanta pancadaria.

Agora: a viatura da polícia roncava nas ruas do subúrbio, próxima. Manuelão encostado no muro pensou com ternura no corpo luzidio, morno da negra Olinda, e só tinha uma intenção: fugir.

CONCURSO  
DE  
CONTOS

TRABALHOS ESCOLHIDOS  
MENÇÃO HONROSA



# MARCOLINO

CAZUZA

**José Liberato Costa Póvoa**

Faculdade de Direito

A situação de Marcolino até que não era das piores. Morava à beira da rodovia, num lugar por nome Verdadeiro, onde todo dia passava o expresso, um ônibus velho, chacoalhando a poeira da estrada de terra, empencado de gente, que dava um ar de progresso àquele pé de serra, onde, de casa, só havia a de Marcolino e, a meio quarto pro rumo da serra, a de Zé de Napu, ambas de enchimento. O passar diário do expresso é que era sua valência. Toda vez que ali passava, às vezes de dia, às vezes de noite, Marcolino postava-se no meio da estrada, gesticulando para que o chofer parasse e tomasse um café, uma pinga ou um coité de garapa azeda de cana, moída na engenhoca do terreiro. E assim, conquistando as graças dos motoristas, Marcolino sempre tinha o café, o sal e outras coisas vindas da cidade, a troco de quitandas de sua roça ou de novidades que só o mato pode oferecer: balaios, periquitos, papagaios, ovos de jacu, enfeites, melancias, farinha de puba, óleo de pequi, vinho de jenipapo. E assim, o Verdadeiro foi-se tornando ponto de parada para o cafezinho. Depois, a empresa o incluiu no itinerário como ponto oficial de descanso, e não tardou Marcolino recebeu uma proposta:

— Marcolino! — era o chofer, Gersonildo.

— Pronto, pronto, patrão! — todo solícito.

— O dono da empresa quer fazer ponto aqui.

— O Dono de quê? — Marcolino não entendeu.

— De empresa, do expresso, Marcolino! — explicou.

Marcolino esfregou as mãos calosas, mostrou os dentes alvos emoldurados pelos lábios grossos e pisca-piscou várias vezes os olhos naufragados nas rugas da testa negra e saliente.

— E minhas panelas?

— Que é que tem?

— São deste tamanico, ó! — e mostrou com as mãos grandes que as panelas eram pequenas que nem coco.

— A empresa lhe manda panela grande, homem!

— E a mesa?

— Ela manda fazer uma! — o motorista animava.

— Ou então eu mando Zé Carpina — Marcolino contribuía.

— Pois é. E faz uma puxada na casa...

— ... pra caber mais gente, é verdade. E sem dúvida ela manda os pratos e as ferramentas, pois só tenho um casal de pratos e dois garfos, e assim mesmo ruins.

— Ela manda, sim. E manda também os mantimentos; você tem quem cozinhe?

— Tem minha mulher, Mariana, e a de compadre Zé de Napu, comadre Valeriana.

— Então, você aceita?

— Ora tá! Pra quand'é?

— Pra semana. Pode tratar de fazer a puxada na casa e a mesa, que pra semana eu venho com os trens.

— Ê pra almoço ou janta, pessoa? — quis saber.

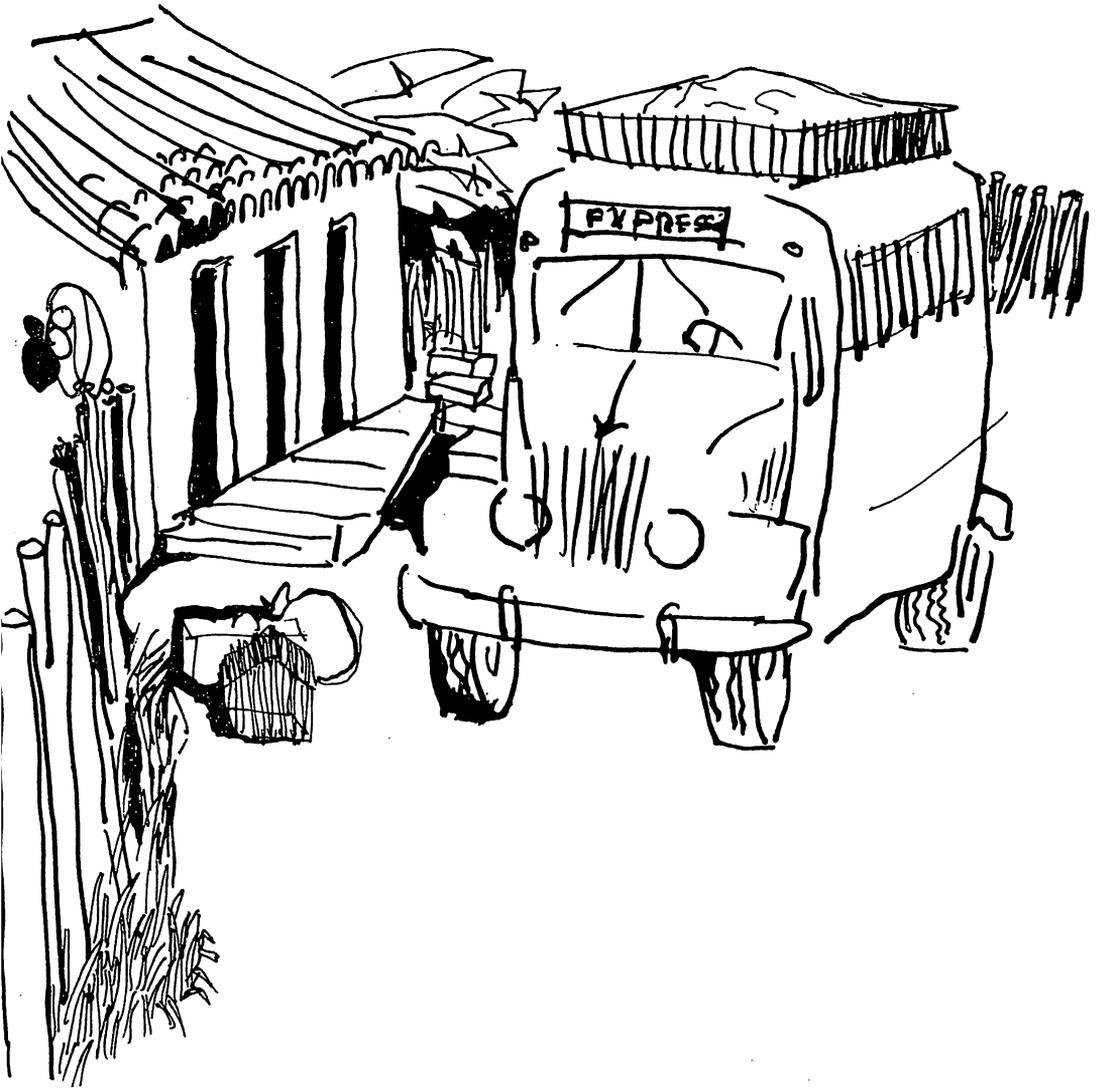
— Que eu venho?

— Não, o ponto.

— Os dois: ponto de almoço, na ida, e de janta, na volta.

E se o expresso der no adágio de atrasar? — Marcolino queria saber todas as minúcias.

— Você espera até a gente chegar.



— E o povo não vai reclamar, pessoa? O de comer frio...

— Tudo corre por conta da empresa. Além disso, quem anda de viagem chega varado de fome e não repara o de comer. É só requeentar e botar na mesa. Quem tiver de reclamar fica calado: daqui pro outro ponto regula meio dia de viagem. Se não quiser comer, fica com fome. Ficar com fome, ninguém quer.

Acertaram tudo. O expresso levantou poeira, gemendo e babando fumaça preta, enquanto Marcolino sacudia as alpercatas no rumo da casa do compadre Zé de Napu. Dar a notícia. E combinar a forma de pagar a comadre Valeriana no cozinheiro para os passageiros.

À boca da noite, estavam jantando, quando alguém interrompeu a conversa:

— Trovão?

Parece que não. Deve de ser o Gersonildo voltando da viagem.

— É. Deve de ser. A zoada vem dacolá de cima.

Não demorou muito, a estrada clareia no topo da ladeira. Era o expresso. Marcolino, como de hábito, foi para o meio da estrada, que lhe passava no terreiro.

— Noite, Marcolino! — saudou o chofer.

— Boa! Vamos apeando, pessoa. Mariana acabou de passar o café.

— Isto é bom! — O motorista disse, enquanto apeava do expresso, deixando o motor ligado.

— Quer dizer que na outra semana começa, né, pessoa?

— É, começa. — Confirmava Gersonildo, enquanto virava o último gole, e, fazendo um aceno, despedia-se.

O expresso, no correr da semana, passava, e Marcolino, que promovera um mutirão para construir a puxada, ia dando as novas ao motorista:

— Só falta acabar a mesa, mas Zé Carpina garante pra manhã. Mandei fazer dois bancos pra cobrir a mesa de fora a fora.

— Ótimo!

No dia aprazado, vêm os trens: panelões, muitos casais de pratos de esmalte, de garfos e colheres e bem duas quartas de arroz, mais de um celamim de feijão, meia arroba de carne verde e gordura enlatada.

— As misturas você pega na raça.

— Tá bom: maxixe, pepino, jerimum, verdura e ovo eu tenho um alarme, pessoa!

Faltava combinar a partilha dos lucros.

— A empresa só quer que você pague o que ela gastou. A sobra é sua.

Marcolino faz os cálculos. Vendendo os pratos de comida e pagando a empresa os mantimentos, o vasilhame e as ferramentas, dava o suficiente para ele tocar uma vidinha tranqüila.

No dia seguinte, chega o povaréu, morto de fome. Vem o almoço. Ninguém reclama. Todos pagam e saem satisfeitos. Na janta, da mesma forma. O negócio ia bem. No fim de uma semana, Marcolino juntou os cobres guardados no baú velho debaixo da cama — já um montão — e chamou o motorista:

— Vê aí o que é que é meu e o que é que é do expresso, pessoa.

O motorista pegou aquele montão de notas, fez conta no bico do lápis e separou em dois montes mais ou menos iguais:

— Este é seu; este, da empresa.

— Só, pessoa? — desconfiou Marcolino, estranhando.

— Só o quê, Marcolino? — disse o chofer, levantando as vistas meio surpreso.

— Aquela trezada toda só custou isto, pessoa?

— Não. A gente vai tirando de pouco. Daqui a um mês, o vasilhame tá pago e você tem capital pra comprar os mantimentos. E não precisa mais pagar nada, homem de Deus!

Marcolino clareou os olhos. Ia, pelo jeito, endireitar a rabeça. E ia poder dar a Mariana a roupa sonhada: um vestido

de seda lamê e uma sapatina de camurça. Mulher nova, morena . . . cabo-verde, com mais de trinta anos mais nova que o marido, era os quindins de Marcolino. Bonita, rosto liso que nem calcanhar de cutia e cabelos pretos e brilhantes que nem casca de jabuticaba, Mariana era uma criança, com seus dezoitos anos incompletos. Casara-se nos dois, seis meses antes. Mais tangida pela necessidade do que impelida por qualquer afeição a Marcolino. Seus pais eram pobres, a ponto de nem plantarem roça por falta de semente; Marcolino, viúvo e sem filhos, tinha uma nesga de chão e umas cabecinhas de gado, uma roça de mantimentos e um dinheirinho de ponta de lenço enrolado num pano cheio de naftalina, num baú a chave debaixo da cama de seu quarto escuro. Não era muito, mas dava pra ir vivendo, comendo o que a roça dava e inteirando seu dinheirinho com a venda das coisas do mato aos que, de quando em vez, passavam de carro ali no Verdadeiro. Morrera-lhe a velha, o esteio da casa, pois era quem arribava com a enxada na cacunda e, ao lado de Marcolino, se emparelhava com ele no trabalho como se homem também fosse.

Quando a doença do peito levou Salu do Verdadeiro, Marcolino sentiu desabar seu pequeno mundo cercado de mato. E sozinho velou e enterrou o corpo tísico da preta velha debaixo do pé de juá. Por uma semana, não teve consolo, entre o pensar tristonho sobre a vida oca e os ataques de choro a ponto de beber o fôlego. Dali a quase mês, é que os vizinhos mais próximos — quatro ou cinco léguas — vieram saber que Salu do Verdadeiro se despedira do mundo.

Tempos depois, vem Zé de Napu fincar as estacas de seu rancho na beira da serra, a um quarto de légua do Verdadeiro. Já havia com quem conversar.

A dificuldade com que Marcolino tocava a vida e a insistência de amigos fez com que ele pensasse em nova companhia. Mas, no íntimo, sentia qualquer coisa de traição com a falecida. Parecia que a vida, com a saída de Salu, era uma espiga de minho cujos grãos foram roídos até o sabugo. Sentia-a incompleta, irrestaurável. E, meses depois, Marcolino

ainda carregava nos olhos umedecidos de tristeza a melancolia do pássaro preto solitário na gaiola.

Mas o tempo foi passando, e a solidão pegou a gritar na alma de Marcolino. Foi quando ele deu para caminhar de um lugar para outro, tentando espantar a melancolia, pois as conversas na casa do compadre Zé de Napu não variavam de assunto: roça, «o negócio é conformar», as vaquinhas mirradas. E nas suas andanças, um dia foi bater no Cantinho; há uns dez anos não revia o velho Elpídio, companheiro de rapaz. Escorou o jumento na porta:

— Ô, de casa!

— Ô, de fora! Vamos apeando — uma voz respondeu lá no fundo do casebre.

Marcolino amarrou o jegue na sambaiqueira e desceu. Na porta apareceu a velha Tudinha com a mão em pala sobre os olhos, debaixo daquela solama de meio dia cozinando as vistas.

— Como vai, «Sá» Tudinha?

— Bem, e ancê? — a velha ainda não tinha adivinhado, e olhava-o com jeito de quem o conhecia dalgum lugar.

— Como vai o v'Elpídio?

— Aí, assim, meio meleno... — a velha Tudinha, que tentava aliviar a memória traída pelo tempo, quis por fim à dúvida:

— Conheço ancê dalgum lugar, mas num tô presente.

— Sou lá do Verdadeiro.

— Verdadeiro... Verdadeiro... Ah, bom... Qual é sua graça?

— Marcolino, «Sá» Tudinha. Marcolino Ferreira. Lembra agora, né?

— Alpídio vai ficá é alegre. Faz um bando de tempo que num vê ancê.

— E cadê ele?

— Lá dentro, deitado .

— Doente?

— O corpo cheio de curuba . Pispiô como sangue novo, com coceira e acabô abrindo chaga .

— E já exprementaram passar sumo de maçã de algodão verde, «Sá» Tudinha?

— Ixe! Demais! E nem vingô nada .

— E são-caetano?

— Também . Casca de imburana, de pau d'arco, banha de enxofre, e nada . Até a velha Supriana já rezou o «Pedro-que-tendes-senhor-cobreiro» e nada .

— E num seria izipa?

— Não; já botemo folha de pimenta com azeite, e nada . Mas vamos entrar, que o sol tá quente .

O caso era mais grave do que se pensava . E os dois entraram para ver o velho Elpídio . Tudinha entrou e Marcolino parou na porta até as vistas se acostumarem à escuridão do quarto miserável, onde num catre de varas de vaqueta jazia o velho, com a cabeça encostada num pedaço de cheda de carro de boi . Quando os olhos do chegante foram assimilando o interior do quarto, foram surgindo aos poucos as chagas do velho, cobrindo-lhe o corpo muxibento, envolto em palhas de bananeira .

Ali conversaram bastante; o visitante, lamentando a falta da mulher para a ajudar na roça e na solidão, ele, que não tinha filhos, pois o único morrera com mal-de-sete-dias; o enfermo, queixando-se da miséria, que já encontrara aberta a porta de seu rancho, e da impossibilidade de dar um futuro à família, com uma filha moça e sem promessas, pois, apesar de bonita e prendada, estava socada naquele ermo afastado de tudo e de todos; e para inteirar, o povo deu pra passar de largo, temendo que o velho estivesse com mal-de-são-lázaro .

Enquanto conversam, entra Mariana com um pote d'água à cabeça . Bonita .

— Essa é Mariana?

— É.

— Tá moça, Elpídio! Lembro dela pichitinha.

— Pois é. Mas vai acabar é encroada, pois tá no tempo de arranjar marido. E aqui, adeus, viola!

A moça ingênua ficou toda sem jeito e saiu com a rodilha molhada para estendê-la ao sol.

Foi aí que Marcolino deu vontade de decidir. E decidiu. Falou com o amigo dos tempos de rapaz que estava à procura de mulher. O velho sorriu, como se tivesse achado a solução para seus problemas. E, conhecido de Marcolino, concordou.

— Quer dizer que posso levar a moça, Elpídio?

— Pra amigar? Se é pra amigar...

— Não homem! Casar! Sou lá disso, Elpídio? Bem verdade é que eu vivia amigado com Salu, mas isto foi no tempo do onça. Padre e juiz eram fruta de outro mundo. Mas agora, é diferente.

Conversaram e acertaram tudo, quase à revelia da moça, ali encostada à porta do quarto com o cotovelo na cintura e a mão apoiando o queixo, enquanto observava indiferente a decisão sobre o seu futuro.

E não houve dificuldade em convencê-la, pois Marcolino era uma esperança de vida melhor, apesar de não ter-se afeiçoado a ele, tanto pela diferença de idade como de cor. Mas, num lugar daqueles, onde a subsistência era madrasta, Mariana aceitou de boa vontade, partindo o recém-noivo para a cidade no expresso, a fim de preparar a papelada do casório. Nada de amigar. Prometera casar. Não se contentou só no padre. E casaram-se nos dois. Mal se casaram, morre o sogro. Tranqüilizado. A sogra mudou-se para a casa de parentes, muito distante ali do Cantinho.

Assim, Marcolino arranjara Mariana, disposta e trabalhadeira. Caíra do céu para tapar o buraco que Salu deixara. Quando Marcolino se levantava, ao romper do dia, Mariana já estava velha acordada e com o café passado. Quando ele ia

saltar a cerca da roça pra voltar pro almoço, ela já chegava com a gamelinha de mocotó. E a diligência de Mariana ia comprando a alma do marido.

A passagem diária do expresso fascinava Mariana, que botava o marido pra sair da roça na hora do ônibus pra oferecer o cafezinho, a garapa azeda e a pinga ao chofer Gersonildo. E o hábito fez com que ele aprendesse a gostar daquilo.

Gersonildo, o motorista, pegou a ter um fuá danado com Mariana, ante o olhar complacente e ingênuo de Marcolino, que ficou foi mais amigo dele.

— Esse Gersonildo é danado de constante! Já trouxe um lenço de seda e um vidro de água de cheiro pra Mariana.

Os agrados de Gersonildo entusiasmasvavam Marcolino, que, na sua ingenuidade matuta, não percebia as intenções do chofer. Este, depositário da enorme confiança e amizade adquiridas a troco de presentinhos mirrados, mas significativos para Marcolino, uma vez que Mariana tinha por eles desmesurada estima, vendo que estava senhor da situação, passou a demorar mais meia hora no ponto de almoço e janta, pra descontar o atraso na poeira da estrada. E quando chegava com o expresso, primeiro cumprimentava Mariana, que já vinha toda regateira e repimpada, para depois dirigir-se a Marcolino. E um dia Gersonildo arriscou:

— Marcolino!

— Que é, pessoa? — veio todo gentil.

— Você não quer dar a sua mulher um passeio de expresso?

— Passeio onde, pessoa?

— Na linha do expresso mesmo: Traçadal, Estradinha, Boa Viagem...

— Pra quê, pessoa? — desconfiou.

— Ora, pra quê! Ela já andou de expresso?

— Não...



— ... mas tenho um bando de vontade de ir! — atalhou a mulher, querendo dizer que queria ir.

— Olha aí, Marcolino, — cutucava o chofer — ela precisa de distração e um passeiozinho assim de um dia não vai fazer diferença. Eu levo e trago.

Marcolino pensou e repensou, num dilema enorme: se não a mandasse, a mulher não faria falta na cozinha, mas certamente iria achavascar-se toda; se a mandasse, somaria um precioso ponto na afeição da mulher, mas, em compensação, o serviço ficaria falto de sua ajuda. E quis justificar:

— Mas, pessoa, e quem vai cuidar do cozinhame do povo?

— Um dia só, Marcolino? Não vai fazer diferença. Sua mulher precisa de um passeio, homem!

Mariana, ali de lado, torcia o nariz, dando a entender que queria porque queria ir.

— É, pessoa, bem que eu podia mesmo mandar a bichinha passear...

— E então? — o chofer atucanava.

— ... mas não vai dar.

Aí, Gersonildo, fazendo-se de ofendido, ensaiou um gesto de desconsolo:

— Tá bom, Marcolino, tá bom. Não se fala mais nisso. É questão de falta de confiança, né?

Marcolino quase cai. Ficou balbuciante e caçando um buraco pra enfiar a cara. Então não haveria de ter confiança no homem que sempre se mostrou pessoa decente e que quase todo dia vinha com agrados pra mulher? Ora, ora... E, arrependido de sua decisão, voltou atrás:

— Agora, só porque você maldou de mim, duvidando da minha confiança, ela vai, pessoa. Ela vai. E tá acabado!

Num minuto, Mariana correu lá dentro e voltou toda cheirosa, entrando no ônibus, que trafegava só com três passageiros: um pro Traçadal, ninguém pra Estradinha e dois pra Boa Viagem. Para o final da linha, ninguém, pois geralmente a passageirama toda era para as localidades interme-

diárias. O ponto final só se justificava por ser um entroncamento com uma federal, onde havia um posto de gasolina. A rigor, rodava quase duas léguas só pra abastecer, pois no caminho nenhum ponto de parada havia. No ponto final, era abastecido e ainda trazia vários galões de óleo para abastecer no caminho.

Marcolino foi acompanhando do terreiro o expresso subindo a ladeira poeirenta, com promessa de voltar à boquinha da noite.

Veio a boquinha da noite. Nada de expresso. As panelas tampadas em cima do fogão esperavam a qualquer hora o jantar.

— O expresso hoje deu no adágio de atrasar, compadre Zé! — Marcolino comentava com Zé de Napu, mais preocupado com a comida fria, pois a mulher estava na mão de gente boa.

De cima da ladeira, Marcolino contemplava a estrada de rodagem na campina, perdendo de vista, onde as sombras da noite baixaram seu cortinado negro, diluindo, acolá adiante, os contornos do horizonte. O expresso, nada. Em casa, já impacientes, alguns passageiros, de maca às costas, mornavam à espera. Marcolino volta, aparentando intranquilidade.

— Isto é algum atrapalho, compadre. Se aperreia, não!

Lá pelas tantas, lua alta, a zoadá do ônibus. A mesa foi posta às pressas. Marcolino postou-se no lugar de sempre: no meio da estrada. Daí a pouco, o cocoruto da ladeira iluminou-se, e a luz veio lambendo a estrada até à porta.

— Demorou hoje, hem, pessoa?

— O carro deu prego, Marcolino.

— E foi dos danado! — completou Mariana.

Desceram. Alguns passageiros que dormiam despertaram. Mariana contava as belezas da viagem, que fora um verdadeiro convite a um bis. Gersonildo explicava que o pneu do carro havia furado e demorara muito pra ser consertado.

— Mas com esse aribê de gente ficou mais fácil, né, pessoa?

— Que nada, homem! — e continuava a comer.

Na ponta da mesa, outros comiam. Marcolino corria de uma ponta a outra, agradando os passageiros:

— Uma pinguinha?

— É bom. Pinga dá espirito.

— Mais na frente, ao lado do chofer na mesa:

— Cansado, pessoa? — perguntou a um passageiro.

— Não, senhor. A viagem tá é boa.

— Não cansou com o consertame do pneu?

— Qual pneu? (Gersonildo olhou desconfiado)

— Do expresso, que furou. — Marcolino desconfiou.

— Não paramos nem uma vez de Boa Viagem praqui.

— Uai, Gersonildo, o pneu não furou?

Gersonildo, recompondo-se, explicou:

— Foi do posto pra Boa Viagem. Não tinha passageiro ainda, não.

— Ah, bom! — Marcolino entendeu.

Acabam de comer, o ônibus zoa e acende a luz. Todo mundo embarca. Ficam só os de sempre. A mulher, encantada, pois nunca pensou que andar de expresso fosse tão bom. Marcolino, satisfeito, pois não contrariara a sua mulherzinha, não fizera desfeita do amigo e ainda tirara bom lucro na janta.

— Quanto a gente já tem guardado?

— Na derradeira vez que contei dava pra comprar obra de uns vinte gados. Por que?

— E meu vestido e minha sapatina?

É mesmo. Vou encomendar Gersonildo.

— Eu é que queria comprar no comércio, pra não errar na cor e no tamanho.

— E onde é que você fica lá? Cê não tem conhecido e nem eu.

— Na casa da mãe de Gerso.

— Quem Gerso?

— Gersonildo. Ele falou que me leva na hora que eu quiser e não preciso pagar pensão lá na rua.

Marcolino ficou pensativo, mas não quis dizer que não, com medo de a mulher se zangar. E talvez até abrir fora dele. Na verdade, o que segurava a mulher em casa era o de comer, pois ele, já velho e consumido pelo trabalho duro, não oferecia esperanças de continuar a família. Ela ansiava por um filho, para satisfazer seus instintos maternos. Marcolino, que podia angariar a afeição da mulher de outra forma, só podia agradá-la com besteiras de vestidos de chita e água de cheiro vindos da rua. A pobre da moça, no verdor de seus vinte e poucos anos, virava e revirava na cama a noite toda, enquanto na rede Marcolino dormia sono solto pensando no dinheiro que estava ganhando. Ganhando e guardando no baú debaixo da cama. Mas para satisfazer sua vaidade, andava sempre com bons cobres no bolso da camisa quase transparente, de sorte que todos vissem que ele tinha dinheiro e era importante. Para qualquer emergência, tinha no bolso o necessário. No baú, nem se fala.

— Posso ir hoje no Traçadal, quando o expresso passar? Mariana voltava com a cegueira de andar de ônibus.

— Fazer?

— Uai, passear. Lá é bom...

— Deixa pr'outro dia. Hoje não, que é dia de muita gente pra bóia.

— E meu vestido de seda lamê?

— Deixa o expresso voltar, que a gente encomenda.

— E eu não vou?

E para suprir a falta que a idade não lhe permitia corrigir, Marcolino foi cedendo aos pedidos da mulher, que, dali a uns dias, passou a zanzar pra cima e para baixo no expresso. Havia dias em que só chegavam ela e o motorista, com desculpa de falta de passageiro, mas Gersonildo cozinhava o velho, que fazia questão de dizer-se desconfiado.

— Carece de preocupar, não, Marcolino. O de comer que não servir pr'amanhã, você desconta da empresa, que já tá combinado.

— Ah, bom! — Marcolino concordava.

E a promessa de mandar a mulher ao comércio no expresso para comprar a sapatina e o vestido de seda foi cumprida. Foi, e no outro dia o ônibus vem com outro motorista. Marcolino se preocupa:

— Cadê Gersonildo, pessoa?

— O senhor é Marcolino?

— É verdade!

— O Gersonildo manda avisar que adoeceu e não pôde viajar, mas amanhã tá aqui.

— Ah, bom! — Marcolino ficou aliviado.

No dia seguinte, chega Gersonildo com Mariana. Ele, dizendo que teve uma febre ligeira e braba que o derrubou de cama. Ela, falando maravilhas da rua e dizendo que ficou numa pensão, porque a mãe de Gersonildo tinha viajado, mas que tinha passado o dia e a noite muito bem.

— E o vestido e a sapatina?

— Gerso passou o dia na cama...

— Quem Gerso? — indagou o marido.

— Gersonildo, homem!

— Ah, bom! Eu tinha esquecido.

— Fica pr'outra vez.

— Fica.

Enquanto almoçam, Gersonildo vira-se para Marcolino e pergunta:

— Cê não tem filho. Marcolino? Por quê?

— Ah, pessoa, Deus num quis. Da primeira, morreu um com mal-de-sete-dias. Desta, cadê idade? Já tou velho, pessoa!

— Cê tá é enganado, Marcolino! Já tem remédio pra mulher ter menino sem precisar de homem.

— Ê a tal de piula?

— Não, esta é pra não deixar ter. Tem um remédio próprio e um tratamento que se faz no comércio.

— Ê mesmo, pessoa? — Marcolino clareou as vistas. Era o seu sonho dourado, ter um filho. Ainda mais que a mulher era outra que só falava em filho. Mas, cadê idade?

— Se você quiser, trago o remédio e depois levo ela pro tratamento, Marcolino. Ê duas vezes que ela tem de ir lá na rua. Não te empata?

— Não, pode trazer o remédio. Ê muito caro?

— Que nada. Eu até que tenho lá, que minha irmã tomou e sobrou.

— E o tratamento?

— Esse é que não custa nada. Ê só exercício que ela vai fazer, semana-sim-semana-não.

No dia seguinte, o chofer entrega a Marcolino um pacotinho com um bando de pastilhas.

— Ela deve chupar um comprimido de manhã e um de noite. Ê tiro e queda.

O expresso ziniu na estrada, enquanto Marcolino, feliz da vida, segredava à mulher:

— Gente boa, né, dona?

— Muito ótima. Só vendo como ele é bom comigo. Na sua frente, nem tanto. Pulou fora de você, ele vira outro, e parece até que sou ovo de indez: me chama é de «minha filha», me dá coisa de comer toda hora, pagou a pensão lá no comércio e fez questão de dormir no mesmo quarto, pois era terra estranha e eu tinha medo de ficar sozinha. Isto, fora outras bondades.

— Ê mesmo? E como é que vou pagar tanta coisa?

— Ixe! Ele não quer nem ver falar em paga. Diz que taí é pra servir a gente.

De manhã e à noite, Mariana chupava a pastilha, com o marido de lado, procurando saber detalhes do remédio, entusiasmado com a idéia de ser pai.

— É bom?

— Cê conhece hortelã?

— Conheço. Aquela que esfria a boca.

— Pois é assim o gosto do remédio. Quer provar?

— Não. Sei lá se esse bicho não vai me botar pra parir uma hora. Esses remédios de loja são cheios de patacoadas.

Na mesma semana, segue a mulher pra fazer o tratamento. Meses depois, as formas de Mariana começam a tomar outras feições, com vestidos não abotoando a maneira e os gostos extragantes dominando o antojo: fazia Marcolino zanzar atrás de pés de cagaitá e de araquá na chapada, e ele, sem dar ligança por conta do filho, ia pacientemente.

— É bom ou não é, o remédio? — era o chofer.

— Bom demais, pessoa! Se eu adivinho antes, já tinha comprado.

— Adiantava, não. Saiu agora, justamente na quadra em que comecei a trabalhar no expresso.

Um dia, Gersonildo pára na porta, e Marcolino vem todo eufórico:

— Nasceu, pessoa! Nasceu!

O motorista desce meio receoso e entra. No passar da porta, previne a Marcolino:

— Esqueci de te dizer uma coisa: menino de remédio não pode parecer com o pai. Todos parecem é com a pessoa que acompanhou o tratamento.

— Já desconfiava disso, pessoa. O bruguelo é a sua cara.

Gersonildo criou alma nova:

— E tá satisfeito, Marcolino?

— Ora tá, mas quá! E muito! Quanto devo, pessoa?

— Que é isso, Marcolino. Quando precisar, é só falar. De outro eu cobrava, mas de você, não! Com que cara, Marcolino?

E enquanto Gersonildo trabalhou no expresso, a casa de Marcolino encheu-se de menino branco, por força do remédio e do tratamento.

# ONDE ESTÁ MURIEL

CARMELA

**Maria Lúcia Silva Couto**

Faculdade de Letras

Quando a manhã chega melodiosa é porque a noite foi plena.

Ainda criança, falava com o corpo. Jeito de caminhar... sorrir delícias. Olhar infantil penetrando mundo afora. Não gostava de brigar. Achava absurdo bater. Barulho. Alguém chegava, querendo saber do acontecido. Muriel tentava explicar... não chegava ao fim. Soluçava tanto e tanto se emocionava que se tornava impossível entender palavra. O verdadeiro de leve nas faces. Sempre.

Muriel cantava a vida e ritmava o sol. Ficamos nos conhecendo no passeio das dez e meia. Dona Carmosina tomava conta de nossa merenda. Sons brincadeira pulavam de flor em flor. Toda a Escola reunida.

Vacilou na lembrança. Abotoando a camisa, afastou o corpo para o lado. Olhava ainda o retrato na parede, pêndulo da memória.

Ouvimos o som das flautas. Transbordavam tons em forma de bênçãos. Muriel abriu a janela e ficou a contemplar o tempo momento de nossas vidas. Eles chegariam a qualquer momento.

Sempre acordávamos à mesma hora. Bastava o vapor levantar-se da terra, buscando nuvens esparsas. Estação pri-

mavera. Em mim, a vontade de cheirar plantas que enraízam impossíveis sonhos e mergulhar de cabeça nas emoções desenfreadas. A existência em cinco minutos.

Com a doçura dos campos, abraçou-se e disse pausadamente: «O infinito se faz presente. Vamos caminhar um pouco».

### Muriel era assim

Senti o cheiro dos néctares acalentando o medo, presença constante em meu sentido. Na ponte do riacho nos avistaram. Enchentes de silêncio esperavam que a vida retomasse em seu sentido a razão do que vi. Muriel defendia o rosto com os braços. O coração batia... batia... o homem também. Não era possível calar todas as bocas de todos os corpos. Mas o medo tomava conta dos que desejavam a dor física longe de seus caminhos. Pouco a pouco iam esses adoecendo o espírito. Com os lábios, ainda me sorriu ternura; olhos de verde ilusão, abraçou os vales. Levaram Muriel. Procurei a pista, um sinal, algum caminho a percorrer...

Passeávamos juntos todas as vezes. Um dia me distanciei, olhando Muriel. Quanta clareza de sentimentos! Puxei o lençol liberto, por entre as sombras de um jasmineiro e me envolvi na sensibilidade das borboletas. Muriel presenteou-me com favos de uma colmeia esquecida. Um batalhão de formigas marchava, carregando facilmente, aos ombros, grandes pedaços de folhas. Pássaros revoavam reflexos do sol a se desfazer em cores. Adormecemos. A paz reclinava sua cabeça nos joelhos do campo verde.

A tarde se despedia quando resolvemos voltar. Os vales agradeciam nossa visita, acenando ao vento milhares de flores miúdas que começavam a bocejar.

### Trazíamos alguns pêssegos

Assim, nessas circunstâncias, provei o sabor da fé.

As sombras da lua já escondiam desejos recônditos. Uma velha coruja acordava do sono antigo.

O secreto assoviar das ventanias denunciava revolta. Forças em movimento aguardavam fluxos propícios. Enquanto o eco das canções de Muriel retumbar no calor das campinas, saberei reconhecer a cor das madrugadas. Cantava um folclore do coração.

Adeus priminha  
eu vou-me embora  
Não sou daqui  
eu sou lá de fora

A probabilidade das ilusões passageiras retém, neste divino espaço, o instante eterno. Esqueci, em passo lento, o degrau da porta.

Pé, barulho, solidão.

# AVATAR

**MARIA MADALENA**  
**Ângela Caçado Lara Resende**  
Faculdade de Letras

... assim éramos nós obscuramente dois, nenhum de nós sabendo bem se o outro não era ele-próprio, se o incerto outro viveria...

**Fernando Pessoa**  
Na Floresta do Alheamento

## AVATAR Nº 1

Nova York é bela. Loura como o ópio ou como uma miragem. As pessoas passam e carregam segredos antigos como o pó dourado das múmias. Mas você ainda não sabe. Você apenas sente que a luz aloirada da cidade é bela. Por detrás do blindex amarelo do hotel você aperta os olhos envoltos num véu de luz. O vento doirado bate ondeando fulvamente milhares de cabeças. É como uma intoxicação arruivada. Você quer continuar olhando através do vidro amarelo o rastro de oiro dos passantes. Você se abandona ao cenário dourado. Os jardins de Nova York, as suas árvores, os seus monumentos, os seus teatros estão dentro do círculo de ouro, tintilantes de luz. A chuva é uma chuva de águas douradas e o luar faz da St. Patrick uma catedral branca... E você vai pela cidade luminosa arrastado por fios de oiro. Os cartazes da cidade espiam com letras de fogo. E você está embriagado como se bebesse champanhe. Que rastro você

persegue? O seu espírito já se adaptou ao mistério e você sente que tudo pode se evidenciar como um clarão de chama. Você não estranha mais se achar na Madison Square. Você agora anseia pelo mistério e olha a pista de gelo louro sujo da praça como se esse mistério fosse o rastro de ouro de sua vida... Você se debruça sobre o metal fino do parapeito que o separa da arena. Há manchas de luz escorrendo na superfície do gelo. Enfim você se sente regressando a um mundo de sonhos. A pista apesar dos jorros de luz está na penumbra. Ainda hoje é impossível dizer se quando você chegou à pista já lá estava o menino loiro, muito loiro e alto que patinava. Fluido, por sobre os patins agudos ele dançava sem um som. Sua dança era uma apoteose. As curvas sobre o gelo se fechavam num círculo de ouro, que ia se espalhando, espalhando, leve e fugidio. O seu olhar se perdia nostalgicamente no infinito. Os seus gestos eram rápidos mas indecisos. Alto e escultural você o vê agora nitidamente. A penumbra é uma sombra áurea. O menino é talhado em ouro. Você se espanta que apenas você possa vê-lo. E maravilha — você se sente esbater, dissipar-se cor a cor, lentamente, até tomar a forma do menino bailando alucinadamente. Você se evola em silêncio como se extingue uma chama. O frio do gelo lhe fere os pés e a lâmina vermelha do gelo lhe corta a carne em chama. Você tomba inanimado no solo. Você mal tem tempo de se voltar e de se ver debruçado estaticamente sobre a grade da arena e sentir o brilho de ouro falso de suas pálpebras sem luz.

## **AVATAR Nº 2**

Você assentado nos degraus do Ginásio não deu pela entrada da ginasta loira. E no entanto, ela poderia ter surgido da luz como uma Afrodite metálica. Todos os reflexos luminosos incendiavam-se sobre ela. Cor a cor a luz caía-lhe e seus membros se estiravam cortantes por sob a malha distendida e dourada. Fios de fitas amarelas entrecruzavam-se no seu torso mágico e toda ela se dourara como uma Salomé aureolar. Os seus pés nus tinham unhas douradas e nas pe-

sadas tranças louras enroscara pedrarias de luz. Era todo um deslumbramento áureo. Dançava como uma bebedoura de absinto e seu olhar era antigo como o de um louco ou de um profeta. A cor escorria de seus membros como a areia loura de uma ampulheta amarela. Você assentado nos degraus do Ginásio ouve os aplausos e freme o mesmo gélido calor do réptil sutil que dança. Você não sabe quando seus membros começam a se estirar como a pele de uma serpente áurea. Você apenas faz a ginástica como se sempre houvesse possuído a ciência do ritmo e da dança. Você sabe o momento exato de vultear o dorso e olhar o infinito e esperar numa aura o atear da chama. A ginasta agita a asa dourada como um chocalho fatídico. Você e seu corpo são um só. Num mesmo mágico vaguear pelo centro do anfiteatro, num último turbilhão, você vê seu corpo enrodilhado como uma casca amarelecida, na grade do ginásio.

### AVATAR Nº 3

Você está preso no quarto transparente como uma mosca dourada na caixa. Você tem partes como um animal. A luz branca incide sobre você como um bisturi. Você está doente e pensa. Você está na luz e quer dispor em células de fogo seus pensamentos. Mas tudo se esvai como a cera das velas. Para distrair a dor de ter sido você presta ouvidos às vozes, à vida da casa além da caixa transparente, além da sombra e da luz na parede desenhada. O pai morto, o irmão desleal, a mãe, a mãe... Enclausuraram você nesse quarto como se esconde um doente embaixo da cama. Que são essas luzes projetadas? O esquecimento, uma bola de fogo incendiada. Você acompanha pelas paredes o jogo da luz e da chama. Mas são tentáculos de aurora. Você sobe pelas paredes como uma aranha dourada. A cor lhe foge. Você se joga nas sombras e tece uma realidade aureolar. São fios de luz fulva. Você escorrega da parede iluminada. Do alto você vê desenhados pelo seu corpo estranhos traços irreais como a areia fina e amarela que cobre o túmulo de um cemitério abandonado.

**RL**

revista literária

---

CONCURSO  
DE  
POEMAS



1º Lugar

# QUATRO TEMPOS E O REVERSO

LAMPILÃO

**Ozias Ribeiro Neves**

Curso de Ciências Sociais da FAFICH

Para meu pai Raimundo e para  
meus irmãos Oscar e Odair,  
operários da construção civil.

## I

debaixo de um céu de cimento  
a vida é resumida em ais  
& consumida em pedras e  
argamassas  
num ritmo marcado  
pelo relógio de ponto  
que neste momento bate  
no estômago do operário  
a hora exata de esquentar  
a marmitta.

## II

enquanto o tempo não muda  
o antigo laço secular  
o martelo bate na bigorna  
forjando formas compactas  
de matéria inacabada.

enquanto o tempo repete  
a angustiosa exploração secular  
um corpo alça vôo  
do último andar do edificio  
insistindo em desafiar o espaço.

— pela calçada uma marmita rola e  
um corpo se transforma em número  
nas estatísticas.

### III

dentro duma casa muito estranha  
construída a sete palmos da superfície  
um corpo reside / fóssil fácil  
derramado em fossa fria,  
frágeis olhos  
desarmados de paisagens.  
Outrora pássaro sem raízes  
singrando o céu  
desafiando o espaço  
ao cair do andaime.

### IV

não enlouquecer nem trair  
o coração me avisa.  
nascido no subúrbio  
de uma cidade grande,  
não tenho casa e  
trago o sorriso desconfiado e  
trágico e por isto  
meu poema não é atadura  
para colocar nas feridas  
nem colírio para os olhos  
d'alguma donzela.  
não é bandeira de nação alguma  
nem quartel de palavras ocas  
sem sentido, veiculadas pela



literatura oficial.  
meu poema não é sonho nem deleite  
da pequena burguesia e  
nem instrumento nas mãos do carrasco.  
meu poema é compromisso, é faca,  
navalha, face mutilada, barro, berro,  
ódio, cancro, lepra, desespero e  
fede a suor das seis da tarde  
dentro de um ônibus de um bairro  
operário.  
não enlouquecer nem trair  
o coração me avisa.

### O REVERSO

— o cálice sobre a mesa aguarda  
a boca ansiosa, a garganta sedenta,  
o corpo frágil.  
— na vitrola um disco de gardel reprisa  
o tempo antigo de tua face morta  
anunciando o dia num crepitar de metralhadora.  
— bebamos o último trago de vida,  
o último tango  
a derradeira derrota.  
— teu corpo de anjo jaz abatido no canto  
da sala, aberto feito pássaro caído enquanto  
rastejo até a janela.  
: na rua os operários desfilam armados  
anunciando um novo tempo.

# TALVEZ

LARA

**Lígia Augusta Muniz**

Curso de Comunicação Social da FAFICH

hoje eu passearei veredas  
e colherei a flor  
capaz de espantar uma ausência  
e devolver meus sonhos

eu vou evitar estradas  
e pisar o verde  
então, lembrarei a esperança  
e cantarei alvissaras de encontro  
pros meus passos tropicais

e ainda,  
voltarei ouvindo aquele cancionero  
que me consola  
e vislumbrarei o infinito com suavidade

talvez...  
meus restos de dúvida, seja você assim:  
— sem canções —  
inaugurando um silêncio maior que o meu  
e me transformando em interrogações decrescentes.

**3º Lugar**

## VIAJANTE - CAMINHANTE DAS QUEBRADAS DE ALÉM - MAR

CRIOULO

**Lúcia Castelo Branco**  
Faculdade de Letras

Vejo-te em rio.  
Vens navegante  
Trazes da palma a trela o fio  
de eternos passos caminhantes  
mesmos passos de hoje  
e de antes  
de estreitos tempos  
Estreitos de Gibraltar.

Treme o teu corpo  
Já que o teu medo é tua  
única arma.  
Arma-se o porto  
perde-se o pouco  
do que há de novo sobre esta terra  
que aliás não difere assim  
nem tanto desse mar.

E no entanto é o teu corpo  
o que vem maldito, malvindo  
estreitos passos oceânicos  
das quebradas de além-mar.

Vens viajante oceânico  
sereno mar transatlântico  
de ares frios, vento sul,  
                  quentes vapores,  
indefinível hábito de marés.

Tu que trazes o veneno  
de ondulantes ondas  
das legítimas do Hawaií.  
Tu que trazes o impossível  
                  e o possível  
previsível de amanhã.  
Tu maresia veneno pecado  
do meu consentimento mudo.

Tremo-me louca, desesperadamente  
louca, fera lúcida,  
                  alucinada.  
Por ti, cavaleiro das ondas  
Quem te fez veleiro navegante  
que me fez barçaça navegada.



CONCURSO  
DE  
POEMAS

TRABALHO ESCOLHIDO  
MENÇÃO HONROSA



# CANTO PARA A AMADA QUE DORME

PONTONEGRO

**Alvaro Eustáquio Rocha Fraga**

Curso de Comunicação Social da FAFICH

Amo teus sonhos,  
quando tua alma foge de ti e voa,  
irriquieto Beija-flor noturno

Voltando na madrugada,  
gosto de mar na boca,  
seios feito coral, braços e cabelos,  
algas me prendendo a ti.

Amo teu silêncio,  
quando te dissolves na bruma,  
e depois voltas.

Trazendo o sol na voz,  
me contando lendas e coisas de teu  
desconhecido mundo.

Amo tua ausência,  
porque nela te quero mais.  
E me faço louco, palhaço, bufão.  
Descobrimo nas sombras tua inexistente  
presença.



**RL**

revista literária

---

SEGUNDA SEÇÃO



# POEMAS



# ARS POÉTICA

Luiz Carlos Alves

A palavra que tem o homem  
é seu vidro  
entre transparente e opaco  
mas espelho.

A palavra que tem o homem  
é seu cacto  
que penetra na carne  
até o íntimo do sangue.

A palavra que tem o homem  
é sua lança  
contra o fora e o dentro de outro homem  
e fere raso ou fundo.

A palavra que tem o homem  
é seu mapa  
que o lê nas cores e nos risos <sup>1</sup> /c  
e tem cálculo e direção.

A palavra que tem o homem  
é seu fio  
que o trança em nó de rede  
desde e mesmo suas malhas.

A palavra que tem o homem  
é seu lance  
jogado por essa e esta forma  
a de necessário ofício.

A palavra que tem o homem  
é sua chave  
tanto o diz como desdiz  
que o diz em lúcido resumo.

1976

## POEMA

**Luiz Carlos Alves**

A palavra sem seu muro  
nunca tem poder de lei  
— toda palavra no muro  
é que é palavra de rei.

Como andar por este escuro  
sem ter palavra de lei  
e não se estourar no muro  
contra a palavra do rei?

A palavra é o ser impuro  
manchado de fome e lei,  
é o objeto mais duro  
codificado na grei

e está riscando no muro  
— liberdade contra o rei.

1/9/76

# INTERVENÇÃO

**Danilo dos Santos Pereira**

De repente  
chegaram cuspindo fogo,  
a ferro e sangue  
demonstraram sua força;  
Mataram tudo que viram  
e à noite beberam cerveja;  
Riram como loucos,  
estupraram nossas mulheres;  
Disseram a que vieram  
e não podíamos crer  
que estivessem nos salvando  
de algum monstro ameaçador;  
Nada que nos dissessem  
serviria para aplacar a dor;  
Nada que seus pastores  
fortes e vigorosos  
pregassem nas nossas ruas,  
serviria para estancar  
as lágrimas das viúvas,  
dos órfãos, dos feridos;  
Porém, não faltaram brindes  
em comemoração à vitória  
de interesses escusos.

# ATLÂNTICO

**Valéria Furtado Azevedo**

De coração aberto  
Ao vento,  
As tempestades,  
Em tormentosas buscas,  
Naus perdidas.

E os recifes da vida,  
Os mares rudes,  
A verde cor cruel  
Da solidão de águas.

Ah, os não-horizontes,  
Horizontal largueza,  
O ponteados céu,  
Igual.

Punhais de estrelas,  
Escuridão rasgada,  
E nada.

Ah, ver-vos surgir da vaga,  
Como Circe,  
Vossa canção de sereia,  
Como guizos.

Ah, o vosso corpo esguio,  
Transmudado,  
azul.

Coral nos pulsos,  
Algas nos cabelos,  
Entrançados.

Ah, que já vos vejo  
(Miragem, morte),  
Como ao tempo em que vos via  
Em terra, em vida.

# EU, À PROPÓSITO DE UM “CUBA-LIBRE”

**Eduardo Lopes**

## Problema

um dia desvendarei o segredo do sorriso humano  
se, por um incontrollável incidente histórico, o  
homem aprender a sorrir

## Reuerdo

na última vez que papai noel saiu de trenó, as  
estrelas sorriam  
hoje, elas enchem o céu como placas de contra-mão

## Projeto

construirei edificios com espuma de andrômeda  
e os homens obrigatoriamente saberão que existem  
estrelas

## Ato de fé

enquanto não vens, tecerei as tardes e roerei a lua  
quando chegares, pelo menos, nadarás no sangue  
fresco dessas vítimas

ângulo

o espaço que faço termina em você e o arco-íris  
gerado desse encontro me olha e foge

futuro

meu último passo será na chuva:  
cairei no mar e os peixes farão meu epitáfio de graça

ave

de manhã, dei alviste ao canário cativo  
à noite, sonhei que sua liberdade tinha sido votada  
em assembléia da onu

# CANÇÃO URBANA

**Ronald Claver**

(à moda de letreros, cartazes, canções out-doors, etc)

— A AVENIDA É UM CORPO TRANSEUNTE —

É PRECISO DESCOBRIR A CIDADE  
DESPERTAR TEUS ENCANTOS VISITAR  
TEUS QUEBRANTOS

(de um anúncio da Prefeitura local)

A MOCHILA NAS COSTAS

O DESERTO NOS OLHOS

A RESPOSTA NO PEITO

AS CONTAS DE HAVER

A FÚRIA NOS GESTOS

A SOLIDÃO NO SER

(trecho de uma letra latino-americana ouvida no  
rádio de um táxi)

PERCORRER TEU CORPO E VERDEJAR

(slogam de uma Cia. Imobiliária que  
loteou uma área verde na zona sul)

Ê MAIS FÁCIL ESQUECER DO QUE PROTESTAR  
Ê MAIS CÔMODO CALAR DO QUE FALAR  
(de um candidato do MDB)

NOTURNO AMOR AQUELE AMOR  
(frase escrita a canivete em uma  
árvore da avenida)

PROVISÓRIO RETRATO ESTE  
GUARDADO NO FUNDO  
DO OLHO

ESPELHO PARTIDO  
DISSOLVIDO NOS OCOS DA MEMÓRIA  
(de um jornal literário, caído no  
asfalto, onde se lê: poema para  
Olga S., o nome do poeta foi rasgado)

FECUNDA Ê A HUMANA SEMENTE  
(trecho de um slogan para o dia da  
criança)

ANTES AS MONTANHAS  
ONDULAVAM NO HORIZONTE  
DOS OLHOS  
ERA BELO O VERDE

ERA BELO ESPERAR A TARDE  
CAIR NO TEU CORPO  
ATÉ QUE ELES CHEGARAM  
COM FERRAMENTAS, PÁS, PALAVRAS  
TELEGRAMAS, TRILHOS, SIGLAS  
E ANCORARAM TEU CORPO NOUTROS  
MARES

HOJE A LINHA DO HORIZONTE  
SE MEDE À RÉGUA

(de um panfleto que circulou à noite  
sobre a Serra do Curral e que por descuido  
amanheceu)

PARE OLHE SIGA  
É PROIBIDO FUMAR  
PSIU! HOSPITAL  
É LEI ESTADUAL

PARE OLHE SIGA  
É PROIBIDO CONVERSAR  
COM O MOTORISTA  
TAMBÉM COM O COMUNISTA  
É LEI NACIONAL

(de uma campanha de esclarecimento público)

OS OLHOS DO HOMEM CONTINUAM  
DIALOGANDO COM DEUS

(out-door da secretaria de turismo  
para a Serra da Piedade)

MEU CORAÇÃO PARA  
PARTIDO EM MUITAS  
DORES

PARTIDA ÁRVORE  
SINAL VERDE  
PARA OS ESPECULADORES  
(versos pichados no muro de  
uma igreja católica)

MEU CANCER EM TUA VEIA  
HÁ DE SER UMA VIAGEM  
(frase escrita em baixo do cartaz  
do filme Love Story)

A ESPERANÇA NÃO É VERDE  
É ANTES BRANCA E PRETA  
(de um torcedor do glorioso Clube Atlético  
Mineiro depois de uma vitória sobre o Pal-  
meiras)

ITINERANTE É O CORPO E NAVEGÁVEL  
É O MAR QUE CIRCULA NAS VEIAS, VÁ...  
(lead do 3º caderno de um jornal da capital)

À NOITE A SOLIDÃO BRILHA EM GÁS  
NEON, UMA PALAVRA ASSALTA OS OLHOS:  
COMPRE  
(de um luminoso da avenida)

ENQUANDO MEUS OLHOS VIAJAM  
NESTE CORPO TRANSEUNTE  
UMA CANÇÃO SUBMERGE  
ITINERANTE

# CONTOS



# UM CANSADO CAPORAL

Danilo Gomes

O fruto maduro no fim do outono. Por todo o período, a estratégia do amadurecimento: palavras ditas ou sopitadas, olhares bem nos confins dos olhos, ausências, silêncios, revelações por etapas (cautelosas como raposas, algumas vezes; outras, como investidas de tigres). Inútil agilizar processos, correr, perder o fôlego, querer chegar por meios de afoiteza. Inútil, vão e particularmente ridículo. Esse fruto não é teu, caporal. Deixar-te ires, como folhas, e grãos de mostarda.

Um céu cinzento, e a opressão que sentes. Folhas, e grãos de mostarda. Teu pai amava os tangos e um lenço branco no bolso pequeno do paletó. À noite tinha dores no peito: tu corrias para a farmácia, em pânico.

Tu, caporal. A antiga tática de avanços e recuos, os mapas examinados sob abajures, as possibilidades abertas em leque, as conseqüências danosas ou não, os lances de risco e imprevisto (o rosto afogueado de um aventureiro-mosqueteiro), certo planejamento e os insondáveis silêncios de quem sombriamente pressente derrotas, armistícios, acordos imprescindíveis, capitulações, um fim inglório para toda a campanha. Taciturno, sovado, curtido, pensa no curso das operações passadas, presentes, ele, como um marechal-de-campo, antigo como a batalha de Verdun.

Desatas o nó da gravata: não marechal-de-campo, mas simples pequeno caporal, com marcas, cicatrizes, um resto de pó de outras campanhas, outros outonos, maios, dezembros

encharcadas de chuva. Moravas numa casa verde com alpendre e dalias, na tua infância havia um rio, duas avós, o cachorro Brinquinho que morreu sob teus olhos e foi o único de tua vida.

Sabia-se apenas no limiar da Idade do Lobo (sentia dentro de si a inquietação, a ambição, a força, a garra, a malícia desse animal das estepes). Caporal apenas e ainda. Cansado passageiro da correnteza.

Nessa rua, nessa rua mora um anjo — miravas longamente o prédio, voltavas para o fundo do bar ao lado, novamente bebias e recordavas.

Sou um caporal novamente envolvido numa campanha de fim nostálgico, melancólico, um naufrágio de grande porte — pensou, jogando-se numa velha poltrona da sala de visitas da avó (era como se ela estivesse ainda no mundo dos vivos, toda a sala estava impregnada de sua presença sorrateira, os chinelos arrastando-se, atenta a tudo; ali estava o piano para valsas e minuetes há tanto abolidos, o guarda-louça, as compoteiras, os castiçais, um ar de sala antiga com segredos e fantasmas, na penumbra.

Tomou um café (a garrafa térmica perto dos livros que trouxera para ler naquele sábado e nem abrira, nem mesmo o «Figuras de Azulejos»), acendeu o cachimbo, ficou olhando pela vidraça (casa, árvores, o céu cinzento de novembro — sim, choveria).

Como se tivesses vivido no século XIX, sentes nostalgia daquele tempo de mulheres de luvas a caminho dos teatros, nos tálburis com sonolentos cocheiros. Já terias pago teu tributo à vida. Mas agora és um raso caporal na sala antiga (que avantesmas estariam agora discreteando aqui sobre fúteis acontecimentos de 1874 ?), arquitetando planos, pensamentos em vai-e-vem como esse velho relógio de parede que foi de teu bisavô Firmino.

Se fosses o Marechal Montgomery haverias de programar tudo com soberbo rigor. Se fosses a Raposa do Deserto, o Primeiro Lord do Almirantado, Napoleão em Austerlitz e Marengo... Mas és um simples caporal com poucas armas e

bagagens muitas, lutando sozinho, desprovido de apoio logístico, flancos em aberto, retaguarda desguarnecida, tendo como quartel-general uma simples sala do século passado com suas toalhas de renda, sua carga de evocações, mistérios, uns restos de música que alguém gostava de ouvir contemplando o perfil da pianista — um perfil para Renoir. Combater à sombra — pensar, enquanto olhas a jarra sem flores sobre o piano — mas que sombra?, que mapa e que futuro?

---

O fruto amadurecido como o trigo nos campos de Moab. Apenas mordiscado: não lhe morderás a polpa tenra. E o Doce Pássaro da Juventude, que é também o Amargo Pássaro da Paixão, não lhe entrarás novamente pela vulnerável janela da cidadela interior. Bloquearás a janela, cerrarás os ouvidos ao seu canto doce como o mel do Carmelo. Esse tempo passou.

Sentado, cansado, mais meia dúzia de cabelos brancos e esse gosto de fel que a boca a custo suporta. Final de campanha, pensou, enquanto tomava outra xícara de café, e de repente esse leve terremoto interior, como se todo o mecanismo do espírito e do coração estivesse passando por um processo de mutação. Firmou os pés no chão, como se fosse enfrentar um vendaval. Sim, a Idade do Lobo Solitário: é onde agora entras: e é aqui que vedas a entrada ao Pássaro do Desengano — selas a entrada e destróis as chaves.

Esse tumultuado outono inesquecível. E agora vais à janela: é a chuva. A compulsão de morrer sobre os cabelos de Pulchra, esse gosto de fel mais uma vez, e, de repente, a lembrança de que ia para o Grupo Escolar, durante o inverno, com aquela grande capa azul espanhola que já não se usa mais, e nos dias de chuva ficava brincando no quarto até que a mãe ou Baía chamasse para o café-com-leite e pão-com-manteiga, e fosse noite e tio Antônio, que não tinha filhos, lhe segurasse a mão até que dormisse, com medo das matracas da Semana Santa.

Cessa a chuva e a noite é chegada. Lá, naquela rua, mora um anjo, que não é teu. Com uma boca que não beijarás e um alvo colo que será de outro.

---

Olhou ainda uma vez o piano, lamentando não saber tocar nem mesmo uma breve sonata, uma simples ária, um prelúdio qualquer, um adágio barroco, um oratório de Haendel. Bateu o cachimbo no cinzeiro, consertou o nó da gravata com que fostes à reunião, apagou as luzes, sem te despedires de ninguém saís para a rua, sentiu o vento forte no rosto, cerras os olhos, perguntou-se se, no patamar da Idade nova a um homem como ele ainda seria lícito encontrar-se novamente com Pulchra, polpa tenra de fruto de Teerã, tâmara de Casablanca, adeus.

Enfiou as mãos nos bolsos, como se enterrasse desejos sufocados no sumidouro do tempo, e vais, cansado caporal, caminhando lentamente, cheio de uivos como um Lobo, em direção ao bar que há muitos anos existe naquela mesma esquina.

# ALÉM DA GRAXA E DO ÓLEO

**Antônio Barreto**

Assim que você terminar uma tarefa passo para outra rapidamente. Não espero que alguém venha lhe dizer o que deve ser feito. Pegue na vassoura, no esfregão e deixe a sala dos chefes brilhando até que o suor comece a gotejar-lhe pelas faces. Então tire o meu lenço do bolsinho da blusa e enxugue seu rosto sem sofrimento, sem sobressalto, lentamente e pense que estarei fazendo o mesmo debaixo dos caminhões de carga. Imagine meu rosto sujo de óleo e graxa, ouça o ruído dos canos de descarga... Meu cérebro estará manipulando o estômago das máquinas. Depois de um breve descanso, Joana, pergunte a alguém da seção onde se guarda os utensílios domésticos e reponha-os em seus devidos lugares, à espera do elogio. É certo que ele virá. Mas não espere sentada. Continue fazendo alguma coisa como averiguar se os filtros de água estão cheios ou descubra possíveis teias-de-aranha nos cantos de todas as salas e procure não tornar-se incômoda a quem porventura estiver conversando por perto. Talvez, meses depois, certamente o Diretor a chamará em sua sala e enquanto você espera ouvir o que dele quer ouvir um leve tremor de músculos percorrerá seu corpo, eu sei, mas não fique pálida quando ele disser:

— Sente-se, senhorita Joana.

E enquanto continua esperando, ele examinará sua folha de serviços com um dos indicadores no final das sobranceiras

e depois dirá, como se de suas palavras dependessem todos os destinos:

— Muito bem, senhorita Joana, muito bem.

Pense um pouco em mim nesta hora, que minhas mãos já estarão também dormentes de tanto esforço inútil, que o cheiro de gasolina me embrulha as vísceras e a cabeça dói: estarei comprimido entre as engrenagens à procura de um defeito no motor. E quando sair do gabinete do Diretor com o aumento de salário contra o peito será a hora de sorrir e fazer planos, porque, sem nenhum segredo, a sirene vespertina dos escritórios abrirá sua garganta no infinito e você agradecerá a Deus por tanta felicidade, que finalmente poderá fazer uma feira num Supermercado da cidade e comprar pequenos presentes para a família e dar entrada naquela televisão portátil que vira há muito tempo na vitrina e depois, no final da semana, na casa de sua mãe, esperar-me com um bife bem passado e três cervejas no almoço.

Ao final de doze meses, talvez já tenhamos mudado muito um para outro. Mesmo assim continuaremos a subsistir, com afinco, na rotina, investindo contra os muros, buscando agora um significado mais concreto para este sonho burlesco: o nosso casamento. Aí você se tornará uma extensão de meu ser e não terá mais importância o fato de acreditarmos ou não no que fizemos um pelo outro, porque, na verdade, já nos amávamos desde o início e que de agora em diante os gestos não serão mais estudados e nem medidas as palavras. Contudo, terei cuidado para não cairmos mais na mesmice das coisas, que você bem sabe, não a suportamos agora. E não pensarei: perdê-la? Sim, desviarei meus olhos para a porta entreaberta do guarda-roupa, descobrindo teu retrato entre as roupas velhas e macacões remendados. E quando sentir que faz frio lá fora, a noite se precipitando sobre mim, cobrirei teu sorriso com meu corpo até que a madrugada acelere seus motores na vidraça do meu quarto.

Mas continuará lutando e fazendo tudo da maneira mais correta possível, mesmo que agora não precise espanar móveis nem encerar o chão: você estará confortavelmente sentada à uma máquina de escrever, trabalhando com vestidos novos, usando baton e rímel nos olhos. E ao ouvir agora o chamado do Diretor ao seu gabinete, não mais sentirá receio de coisa alguma. Terá certeza do que dele espera ouvir. Um leve rubor tingirá suas faces, eu sei, mas não se sinta ofendida quando ele disser apenas:

— Boa tarde, Joana. Sente-se.

E enquanto continua esperando ele examinará seus olhos e seu corpo com um cigarro entre os dedos e tentará descobrir aquele mesmo tremor que suspeitara da primeira vez e quando, depois do convite, ele deslizar suas bem cuidadas mãos sobre seu seio e suas coxas, Joana, a sirene da fábrica se colocará entre o silêncio de vocês dois. Então será a hora de sorrir e fazer novos planos, pois você terá quase certeza de que havia alguma coisa muito obscura que eu não te ensinei e que estava muito além do óleo e da graxa escorrendo destes meus dedos rudes, muito além de tua inocência virgem.

BH-06-02-75

## À NOSSA VOLTA

**Regina Neves**

Daquele dia lembrava-se desde o momento em que, vestida de azul, ficara passeando pela sala, cantando bem alto, gesticulando, a radiola na maior altura, seu corpo livre correndo no espaço infinito que sabia criar entre aquelas quatro paredes. Pouco depois Luigi entrou, sem tocar a campainha ou abrir a porta e a ficou olhando (seus olhos eram negros) até que ela se encolheu no canto estreito, sentada na cadeira entre a mesa e a parede, quieta, sem coragem de dizer, vá embora; sem coragem de pensar, vá embora.

Porque já há muito tempo a sua presença não era bem-vinda. Luigi trazia de volta todas aquelas lembranças que a impediam de aprender o segredo de ser feliz com os estranhos. Na sua ausência ela sentia que poderia consegui-lo mas ele voltava e, juntos, recomeçavam o ritual do sonho, ficando cada vez mais difícil a travessia da ponte para o lado de cá. No entanto faltava-lhe coragem de dizer isso a ele: temia a reação que pudesse ter — Luigi tinha uma forte vida própria — e já eram amigos há tantos anos.

Foi naquela grande casa antiga, com ratos no sótão e uma cortina de ciprestes à sua volta, que Luigi apareceu pela primeira vez. Ela morava ali quando pequena e estava sempre sozinha, na companhia de algumas bonecas que não aprendiam a falar nunca, por mais que se conversasse com elas. Naquele tempo, gostava de ficar escondida perto dos ciprestes, bem encolhida, para que os estranhos que passassem pela rua

não a vissem. Nesse caso ririam nervosamente e, partindo deles, o riso era a única coisa que a incomodava. Só conseguira viver tanto tempo com aqueles outros estranhos que compartilhavam com ela a casa velha (como era mesmo que se chamavam? — Pai, mãe. Tinha outros nomes é claro mas gostavam de ser chamados assim) porque eles nunca riam. Gostava também de ouvir o rádio que ficava na sala da cortina grená, que conservava cerrada para que os estranhos não a invadissem. No rádio existiam pessoas que ela podia compreender: viajantes do espaço, cavaleiros mascarados em luta contra a opressão e onde os bons recebiam sempre sua recompensa. Todas essas coisas certas e, portanto, lógicas que não ocorriam no mundo dos estranhos à sua volta.

Ouvia o rádio, sentada na cadeira grande, quando Luigi apareceu, alto e bonito como o cavaleiro negro da Rádio Nacional. Ele lhe dissera «Nayara, você tem que me ajudar a salvar o homem que El Rei mantém prisioneiro». E sem dar tempo para que ela pensasse completou: «monte no cavalo branco de arreios de prata. Ele conhece o caminho da alameda das grandes flores amarelas, onde fôra o Conde. Entregue-lhe essa mensagem». E fizeram planos por muito tempo, até que um dos estranhos havia gritado «Margarida, você está falando sozinha?» Eles eram assim, falavam coisas sem sentido e, também, nunca haviam aprendido o nome dela. Diziam: Margarida, Margot, filhinha. Luigi, não. Luigi sabia todos os seus nomes: Nayara, Cybele, Pérsia e nunca os confundia.

Às vezes, Luigi vinha roubá-la no cavalo negro para salvar as pessoas em perigo em Antuérpia ou na Mesopotâmia mas podiam também ficar prosaicamente por perto de casa pois Luigi sempre dizia «os que nos cercam também estão injustiçados.» Lembrava-se do dia em que iam ser queimados numa fogueira mas na última hora foram salvos porque eram justos e, aí, os bons lhes jogaram flores. Luigi era também o irmão que ia encontrá-la abandonada em terras estranhas ou o pai que corria com ela pelo jardim, enquanto cantava «um dia essa festa será de todos» (nos jardins da casa de

ciprestes não entravam outras crianças). Mas importava-lhe principalmente, em tudo isso, que era imprescindível para ele, para as ações dele, para a vida dele. E nada era tão bom quanto isso: ser imprescindível. Para os estranhos ela era apenas Margarida, que existia como peça componente de alguma coisa que haviam desejado muito e a que chamavam «lar».

Quando cresceu, Luigi dançava com ela nos bailes e dizia-lhe belas coisas. Eram maravilhosas as festas acontecidas no espaço de poucas paredes, festas que eles, os dois, povoavam de todos os estranhos, sem se importarem de que não se lembrassem de nada depois. Por essa época Luigi havia lhe dito em muitas ocasiões: «Hoje, trouxe-lhe flores» ou «Eu te amo» e os estranhos ficavam encantados (quando em sonho eles eram bons).

Mas foi também quando cresceu que as coisas começaram a mudar. Antes, bastava-lhe saber que Luigi viria trazendo o sonho, mas há o dia da chegada da consciência e, a partir daí, não dava mais para viver no fio estreito entre os dois mundos... Não podendo atravessar paredes ou surgir da brisa como o amigo só lhe restou aprender a difícil arte de viver com os estranhos até se tornar um deles. O primeiro passo foi abandonar a casa de ciprestes.

Por algum tempo Luigi não apareceu. E ela já estava até agindo como os estranhos, no princípio analisando claramente seus atos e, depois, já surpreendendo-se quando agia como os outros, sem notar. Era capaz de visitar os estranhos, de conversar longamente com eles sobre o sol e sobre a chuva, de dizer, «o mundo foi sempre assim». Mas, de repente, sem tocar a campainha ou abrir a porta, Luigi voltou e antes que tivesse tempo de mandá-lo embora tomou-a pelas mãos e disse como se fosse segredo: «muitos bons foram feitos prisioneiros».

Mas naquele dia ela resolveu que não iria mais com ele e invocou a força dos estranhos. Num minuto estava agindo como eles. Da cintura de Luigi tirou o punhal de prata que

ele herdara de Lucrecia Borgia e começou a brincar com ele. Talvez tenha sido o medo que viu nos olhos do amigo que fez com que se aproximasse. Luigi chegou a segurar com força o seu pulso mas depois soltou-o com um sorriso triste e não teve mais nenhuma reação.

Ajoelhada ao lado dele, esperou por vários minutos que o corpo sumisse, como seria natural, mas ele teimou em ficar. E, então, foi invadida de sentimentos diferentes que se sucediam rapidamente. Pensou em jogar o corpo pela janela mas teve medo de que a descobrissem (os estranhos fazem leis que lhes causam medo) e, por isso, resolveu guardá-lo numa arca de couro que decorou com sua coleção de selos, em desenhos assimétricos, cheios de poesia (a vida é um sonho, a morte é bela), antes de enviá-la para longe.

Nos Correios iriam certamente perguntar-lhe que carga era aquela e achou melhor levá-la para lá durante a noite deixando-a com um bilhete: «Favor enviar ao Afganistão». (Os estranhos não estão programados para reagir ao insólito e, assim, obedeceriam.)

Não teve vontade de voltar para casa e andou pela cidade toda a noite e todo o outro dia. Uma grande paz estava em torno dela não bastante forte para expulsar uma tristeza sentida até nos seus passos. Quando voltou para casa ainda havia no chão da sala o sangue de Luigi e a marca de seu corpo, que não desapareciam nunca. Durante toda a noite ele a chamou para sonhar e ela se desesperou por não saber como se livrar dele. Mas, finalmente, se lembrou de gritar «Vá embora. Você está sujando de sangue meu tapete» e quando tornou a amanhecer as marcas haviam sumido.

Foi divertido acordar como um estranho tomando café e lendo jornal mas começou a pensar que não agira certo (a consciência dos estranhos recrimina seus atos) e, por um momento, achou que o melhor seria confessar o crime. Mas iriam lhe perguntar quem era Luigi e como lhes responderia. «Um sonho. Não vive aqui. Não come, não mora?».

Resolveu que não iria dizer nada (mais tarde descobriria que todos os estranhos guardam segredos) e gritou bem alto «Meu nome é Margarida» e o disse tantas vezes que acabou acreditando. A partir daí tornou-se um deles.

Até hoje só não pode explicar a estranha remessa que lhe chegou um dia pelo correio: uma grande arca de couro onde encontrou um belo punhal de prata, vindo do Afeganistão. Mas Margarida não estava programada para reagir ao insólito e achou mais fácil abandonar o presente num canto qualquer de sua casa.

## ROBERVAL & ELIANA

**Eugênio Gomez**

, esperei que ela acabasse de assistir à novela pra lhe dizer que eu ia embora no dia seguinte — a passagem já comprada, não veio dela uma só palavra, eu esperava uma cena, desviou os olhos para os comerciais, um silêncio de 5 minutos, levantou-se e desligou o aparelho, a sala ficando terrivelmente muda de repente, tique-taque do relógio, no sofá estirada parecia uma gata de luxo, imóvel, fui ao quarto pegar as minhas coisas nas gavetas e arrumar a mala, ia no ônibus das 6, de volta à sala, continuava imóvel, gata de porcelana, tentou dizer alguma coisa sem conseguir fôlego, olhando depois para as lâmpadas do candelabro, mariposa cega rodopiando a claridade, dirigiu-se ao banheiro e apanhou no armário 3 comprimidos para insônia, engoliu-os sem água, adormecendo 14 minutos depois ali mesmo no sofá da sala, fui para o quarto e fiz o mesmo, às 5 horas da manhã pousei sobre ela pateticamente adormecida, um último olhar, vestia uma camisa social de homem, branca de mangas compridas, um seio pulava fora, as suas pernas nunca me pareceram tão bonitas, demorei os olhos, mesmo uma vontade de, era uma mulher atraente, penugem amada, saí na ponta dos pés, pedi café e biscoitos no bar da Rodoviária, 10 para às 6, manhã descolorida na chuva, quando ela acordasse iria fazer compras ou cortaria os pulsos, tomei o lugar no ônibus, respirei fundo, logo seria a irreversibilidade da Rodovia, o livre e o novo, eu estava dando o fora, o ato de dar o fora me enchia de uma indizível satisfação, vida nova, porque o motorista demora tanto? 6 horas e 1 minuto, será que

ele não sabe que ela é meio louca e que a essa hora já pode estar acordada e a caminho daqui, disposta a fazer o maior escândalo?, eu bem que avisei: são as pequenas coisas que matam o amor, ela não ouviu ou não deu importância, o nosso amor começou a morrer naquela noite, quando chegamos de uma festa, bêbados, eu peguei um long-play dos Românticos de Cuba e falei: Eliana, estou com uma vontade louca de dançar, que tal um drink e depois girar o resto da noite?, ela fez uma careta exausta e entre dois bocejos perguntou se eu havia ficado maluco, tive que dançar sozinho naquela noite, tomando todo o gin que havia em casa, sacaneado com ela, filha-da-puta, o amor nasce e morre com muita facilidade, já estamos com 6 minutos de atraso, o motorista está batendo papo com um cara na porta, o alto-falante já anunciou a partida do ônibus e ele nessa displicência!, quando estivermos correndo nas grandes rodovias será como se houvessem crescido asas nas minhas escápulas, vida nova, urubu na vertigem do azul, mais cedo ou mais tarde teria que acontecer, não tínhamos um único ponto em comum, por exemplo: ela adorava filme intelectual, esses babados pela crítica, eu nunca suportei essas coisas, sempre dormia na metade da fita, no fim da sessão ela me acordava, o cinema já estava completamente vazio, Eliana, há quanto tempo não durmo tão bem, você é dos homens mais burros que já conheci, tenho culpa de não gostar de filme preto-e-branco?, pena que você não tenha capacidade de ver um pouquinho além da superficialidade, pra mim coisa boa tem que ter ação ação ação, ora, um travelling feito com genialidade vale por 100 planos, um o que?, travelling!, ah! mas é preciso que se tenha uma mínima dose de sensibilidade, lambe a minha nuca pra ver se eu tenho ou não sensibilidade, mais cedo ou mais tarde tinha que acontecer, ô motorista, se demorar eu espero, taocá, meu chapá?, fica aí boneco que ela aparece e é muito mulher pra sequestrar essa viatura, seu bobo!, vamos parar em Cuba!, foi assim que eu conheci Eliana: perguntei pra ela se ela sabia que ela era a mulher mais charmosa da festa, respondeu que não sabia, sabia era que eu era o sujeito mais bobo do recinto,

aí eu falei que ela havia me ofendido e que tenho a mania de bater em mulher por qualquer coisinha, ela duvidou, eu chamei pra ir lá fora, que levar tapa ao relento, sob noite estrelada, é muito mais romântico, e além disso aquela festa estava ficando muito chata, no jardim eu sugeri que, como ela havia se declarado apreciadora das artes plásticas, fôsemos para o meu apartamento onde eu guardava um tesouro — um Picasso legítimo!, havíamos entornado muito pileque naquela noite, os primeiros tempos foram até bons, um não interferia na vida do outro, ela com Luchino Visconti, eu com Charles Bronson, onde se viu gostar de fita preta-e-branca?, isso, motorista, atéquenfim!, às grandes estradas, aos espaços abertos!, isso cara, finca o pé!, pregamos uma peça nela, rapaz!, ela vai ver que ninguém recusa a Roberval Severo da Silva uma dança e fica impune!, atola o casco, quero ver o asfalto correndo, loucamente, ela ficando pra trás, até a vista, até um dia, até nunca mais, megera!, você é boa-de-camas eu sou melhor ainda, em outras cidades outras, camas, outros lençóis se abrirão, as mulheres de-seja-onde-for não resistirão ao meu ímã, você não me descobrirá o paradeiro, nem mesmo eu sei pra onde este ônibus está indo, deve ser um lugar pois a passagem custou muito caro, Curitiba, Salvador, Porto Alegre, Recife, dá no mesmo, qualquer coisa longe de você, vai ser ruim longe de Você, é ainda pior perto de Você, muito gozado isso, são pavorosas a sua ausência e a sua presença, talvez o que esteja de errado seja comigo, mas não posso dar o fora da minha pessoa, por isso estou fugindo dela e dessa cidade, não suportava mais acordar e encontrá-la ao meu lado, ela acordando também e querendo me beijar com aquele mau hálito matutino, é ruim estar perto, é ruim estar longe, é ruim estar dentro de mim, apesar de tudo continuo habitando o meu corpo, seria uma solução trocar de corpo, ou não é nada disso, a solução seria, o corpo não importa, 6 e 12, já deixamos a Rodoviária, o ônibus parou no sinal fechado do princípio da Avenida, vejo Eliana atravessando em direção a Rodoviária, o rosto pálido triste molhado de chuva, chegou tarde, um engraçadinho murmura qualquer

cantiga no seu ouvido, ela responde qualquer coisa que deve ser um palavrão e corre, na esperança vã de ainda me encontrar, o mesmo engraçadinho passa agora rente à minha janela, eu não me contenho e ponho a cabeça para fora e grito: filho-da-mãe, não tem vergonha de ficar importunando mulher dos outros às 6 horas da manhã, bunda-de-peru?!, na calçada ela se vira de repente reconhecendo a minha voz, Roberval!, pera um tiquinho só, chofer, guenta aí um minuto!, Eliana, você promete não me recusar mais uma dança, nem me beijar sem escovar os dentes?, promete, Eliana?, promete que eu desço!...

# A BARATA

**Kenneth Albernaz**

A barata corria pela parede em ziguez-zagues, indecisa, estonteada pela luz forte da sala... Estonteada como o homem que a olhava, seguindo seus passos, imaginando-a... Vida simples, curta e sem problemas... Uma semana, duas, comer, fugir de outros bichos, esconder-se, reproduzir-se e depois morrer sem sentir... Nada de complicações. Ninguém abria inquéritos pela morte de uma barata, não se preocupavam em punir o criminoso... Aliás, nem é crime pisar uma barata... É crime matar. Deus castiga, os homens prendem... Que se dane deus, que se danem os homens... Eles gostam de matar... Precisam da morte para viver... Um com o temor dela, outro temendo-a...

Um amigo... Morto, cheio de buracos de bala, sangrando... Cheiro enjoativo daquela coisa vermelha, viscosa, que encharcava a camisa de Anastácio, passava pelo colchão e escorria ao chão... Zoada forte no ouvido, zumbido louco na cabeça... Um, dois, três... Até que não houvessem mais estampidos, até que sua paz morresse por completo... As vistas escuras, o quarto imenso, difícil de cruzar, o banheiro distante... Por fim o alívio. Sensação de se atirar inteiro no vaso, mergulhar naquela imundície e não ver a cara tranqüila do Anastácio todo cheio de buracos e sangue.

Um amigo? Uma conversa, cachaça e cerveja na mesa...

— Então vem morar comigo... Não precisa pagar nada.

Aceitou na hora, sem pensar em nada, com medo de dormir na rua como os bêbados sem nome... Desempregado, ninguém queria dar alunos a um professor boêmio, alcoólatra inveterado, metido a filósofo... Podia corromper a juventude... Ele também já foi juventude um dia e tentaram salvá-lo da corrupção, da subversão... Saber o mundo, ver dentro dos homens... É proibido, como é proibido sentir a fome comer as tripas... O pobre não tem fome, não existem pobres...

— Quero um favor seu... Quero que você me mate.

— Você está brincando comigo.

— Não. É sério. Eu quero que você me mate.

Loucura aquela... Morrera seis vezes por suas próprias mãos... Cada frustração, cada ato de covardia, cada fuga, fora uma morte... Agora teria que ser morto definitivamente, por outra pessoa... Uma que fosse estranha e não tivesse compromissos com ele... Loucura? Por que loucura? Por que ninguém havia pensado a vida desse modo? Porque ninguém via a morte como Anastácio via? De que modo tem de ser? Cada um escolha sua vida, ou sua morte... É o que é justo... As leis não tem nada com isso...

Um grande favor a alguém realmente necessitado... Por que não fazê-lo? Não recebera ele próprio um grande favor? Não estava também necessitado quando aceitou o teto que Anastácio lhe oferecia? Dormir na rua ou ficar cheio de buracos? Que diferença faz?

— Mas tem que ser sete tiros... Todos no coração.

— Eu não sei atirar... Nunca atirei... Não sei se posso... Eu não vou conseguir...

— É fácil... Eu assento na cama, você encosta o revólver em meu peito e vai puxando o dedo, até não sair mais tiro nenhum... O revólver tem sete balas contadas... Nenhuma vai falhar.

Ele pensara em tudo... até no bilhete justificando sua morte... Mas o doutor não gostou da história... Não credi-

tou... O doutor é autoridade, não tem problemas, manda e desmanda... Não precisa se preocupar... Mas agora era ele quem decidia... O bilhete, várias vezes assinado pela letra de Anastácio, para ninguém duvidar de sua intenção... Para ninguém botar a culpa em Olegário...

Duas semanas no quarto, duas semanas de discussões filosóficas para ser convencido... A validade da vida, a validade da morte, a relação, inter-relação de uma e outra... Religião, Código Penal... Moral e Humanismo... Suicida é covarde, vai para o inferno, pecador... Que se danem os pecadores, os infernos, todos, o daqui, o de cima e o de baixo... Que vá para o inferno, o inferno em todos os seus níveis!

— Mate-me, pelo amor de deus!

— Deus não tem nada a ver com isso... Nós não temos nada a ver com ele...

— Então pelo ódio do cão!

— Divino e demoníaco... Tudo uma só idéia... Interpenetrando-se, tornando possível até que dois velhos materialistas, meio esquecidos da ideologia, fudidos de cachaça e frustração discutam deus...

— Então por qualquer coisa... Pelo materialismo... Pelo bem que me quer... Mate-me de uma vez!

— Não é tão fácil assim como você pensa...

— Não? E os massacres históricos? A história é um rosário de assassinatos em massa.

— São históricos... Sem dono nem responsabilidade... Eu sou um indivíduo... Cairão sobre mim, como se eu fosse uma barata.

Cairão sobre todas as baratas que ousar por a cabeça para fora de seu imundo esgoto... Na parede... Arriscando-se a ser esmagada, corria de um lado a outro, fazendo coisas muito suas, uma barata despreocupada nas dependências de uma delegacia... Será crime ser barata? Matá-la não é. No cartório

de uma delegacia, passeia uma barata aos olhos de Olegário Martinho, indiciado em crime de homicídio...

— É crime, Anastácio... De qualquer jeito é crime...

— É a mesma coisa de suicídio, perante a lei... Eles não podem me condenar se eu mesmo puxar o gatilho...

— É outra coisa. Completamente diferente...

— Não é não. Não sou eu que estou pedindo? Em sã consciência quero ser morto... É como se eu puxasse o gatilho.

— É impossível...

... Era impossível... Não é mais... Porque foi feito deixou de ser impossível? No fim, estava vencido, com o revólver na mão, apontando-o para o peito de Anastácio Boaventura, o amigo providencial que o tirara da rua e pusera em sua casa... Em outro momento estava puxando o gatilho, que dócil, deixava-se pressionar, percutir a espoleta... O cano não impedia que as balas saíssem e o ar era permissivo por demais, levando-as na direção exata do coração de Anastácio... Sua carne não opunha barreiras ao chumbo, deixando-se penetrar, esburacando-se, abrindo-se como as pernas das mulheres da rua dos Mineiros, que fervilhava lá embaixo...

Gostaria de um copo d'água, para tirar o gosto azedo da morte, gostaria de uma corrente de ar, para levar o cheiro enjoado do sangue e da pólvora... Gostaria de se ver nas trevas, para não ver o peito de Anastácio...

Deviam tê-lo deixado no banheiro, com a cabeça enfiada no vaso, sem pensar em nada, sem ver a morte, com a zoadá nos ouvidos, abafando o pensamento... Deviam tê-lo deixado no escuro do banheiro, entre a porta e a privada, entre a vida e a morte... Como se nada tivesse acontecido... E na verdade nada aconteceu... Anastácio morreu, mas isto não alterou a ordem das coisas, o mundo continuou mundo, o pobre continuou como estava e o rico está rindo de prazer... Foi uma coisa pessoal, entre ele e o amigo...

Podiam ter sido amigos... Ele não precisava morrer para que fosse amigo de Olegário Martins, um professor secundário, de cor, pobre e sem destino... Olegário Martinho aceitava qualquer coisa... Por mais infame que fosse... E a bem dizer ele não era infame só por que quis morrer... Ninguém podia julgá-lo, nem Olegário Martinho, esse admirador de baratas... Ele escolheu, não escolheu? Exercitou seu direito à liberdade da melhor forma que pôde.

— Mate-me pelo amor de deus!

Ê indecente... Ou decente é esse homem fumar um cigarro atrás do outro manter a boca ocupada? Ou esse outro assoprar-se como um cavalo?... Ê crime... Ou crime seria deixá-lo queimar-se durante anos em seu inferno particular... Ou crime seria torturá-lo com a expectativa da morte...

— De onde Olegário Martinho veio ninguém pedia para ser morto e morria sem querer... Assim foi com o pai, que nem conheceu, depois a mãe... Morreu até o sonho de sair da favela, ser professor e voltar para a favela e ensinar... Ensinar a pedir para morrer... Mas não suportava o cheiro podre da favela, nem sua cara feia, nem ouvir seu lamento fúnebre.

Estudou e começou a vê-la... Encarapitada nos morros, pendurada nos barrancos, esparramando-se pelas baixadas, fedendo, morrendo e renascendo de seu próprio cadáver, que nunca era sepultado... Foi aí que a detestou e não quis mais voltar... Jamais voltou a andar pelo meio de seus becos varados de esgotos, nem quis ouvir as tosses, resmungos e pragas. Nem quis ver seus defuntos esfarrapados, magros, que nem ao menos eram tristes, pois já haviam gastado toda sua tristeza em troca de mais um dia... Nem quis ver suas crianças, pequenos monstros deformados, nem ver os homens, monstros já formados... E no entanto adorava-os de longes... Só não gostava do cheiro de seus corpos... Por isso não voltou... Ou talvez foi por meio de ficar, grudado na lama dos dias chuvosos, ou perdido no labirinto de becos...

A barata voltou a correr cheia de coragem pela parede... Talvez pressentindo que era inútil ter medo dos pés ferrados que a esmagariam... Mas Olegário ouvia a máquina do escrivão, ouvia passos e vozes, arrastar de cadeiras e sentiu uma pesada mão no ombro, comprimindo seus ossos amolecidos de terror:

— Vamos logo, fale. Por que você matou o rapaz? Fala!

— Mate-me, pelo amor de deus!

# EM DECÚBITO DORSAL

Plínio Carneiro

O ar abafado da cidade parecia transformar as ruas numa imensa sauna, os transeuntes com os rostos brilhantes e suados corriam para debaixo das marquises, fugindo do sol pleno do meio-dia. Era a hora da pressa, todo mundo deslocando-se para o almoço, as lanchonetes apinhadas, quentes, intransitáveis.

O mulato, alto e magro, vinha descendo a rua lendo uma revista, sem pressa, sem prestar atenção aos esbarrões que levava por estar na contra-mão do passeio cheio de gente. Na esquina da avenida, ele parou um momento, junto às pessoas que esperavam o sinal abrir. Continuava lendo a revista, segura com a mão direita, a esquerda levando a marmita redonda, encapada de pano marrom.

O sinal amarelou e uma onda de gente começou a descer do meio-fio, preparando-se para atravessar a rua. Foi quando alguém gritou «cuidado, lá vem um pesado». Era um caminhão-betoneira, tentando aproveitar o sinal amarelo, que vinha desabalado, quase junto do meio-fio. O motorista ainda tentou frear, mas era tarde: o mulato alto e magro, lendo a revista, havia descido do passeio e fora pego pela roda direita do caminhão, sendo jogado para cima.

A multidão recuou no grito de morte do mulato. Tudo muito rápido para a vista, para a compreensão do povo que se comprimia ao lado do sinal luminoso. O motorista da betoneira parou o veículo e abriu a porta. Sem sair do estribo,

olhou para baixo, mas só viu os pés do atropelado entre as rodas dianteiras e trazeiras. Num átimo, ele viu também os rostos dos pedestres e sentiu um frio percorrendo as veias. Não pensou duas vezes, acelerou o caminhão e arrancou.

O mulato, leitor de revistas, já devia estar morto debaixo do caminhão. Se não estivesse, o arranco que levou, ao ser novamente atropelado pelas rodas trazeiras, se encarregaria de destroçar o que restava de seu corpo, comprido e magro. Quando o corpo se acomodou novamente no asfalto, um estreito fio de sangue, vermelho e grosso, começou a correr entre a poeira.

A betoneira havia feito um estrago naquele corpo que agora se comprimia de barriga para cima, entre a boca-de-lobo e o meio-fio. A cabeça estava escondida debaixo do braço direito, a mão ainda segurando um exemplar de uma revista de palavras-cruzadas; as pernas desarticuladas pareciam extensões de marionetes. Mas não havia sinal de sangue no corpo: o sangue escorria por debaixo do tronco, formando um pequeno canal que terminava no bueiro.

O caminhão havia arrancado um pedaço da camisa e as calças e a cueca do atropelado estavam nos joelhos, deixando à mostra o púbis do mulato, o pênis murcho apoiado na barriga.

O povo se juntara à volta do corpo, guardando uma distância de dois metros, invadindo a rua. As pessoas formavam um círculo de espanto, os olhos pregados naquela massa disforme que há pouco representava um ser humano, de revista e marmitta em punho.

Homens, mulheres, meninos, formavam a roda que guardava o cadáver. Os olhos de todos, na falta de um rosto à mostrar no corpo inanimado, fitavam o membro do mulato, circuncisado, murcho, sem serventia. As pessoas queriam olhar para o rosto do morto: o rosto estava escondido — não havia sangue nem machucões, apenas aquele membro a incomodar os olhares públicos.

Um velho destacou-se do grupo e, desdobrando seu jornal, tentou cobrir o púbis do morto com as folhas do caderno

de pequenos anúncios. Inútil, porque o corpo estava muito apertado no meio-fio e qualquer ventinho tirava o jornal do lugar, deixando à mostra o membro do cadáver.

O grupo continuava a velar o atropelado, os de trás tentando um lugar mais perto do corpo, os primeiros resistindo aos empurrões, informando com palavras curtas os «que-que-foi» dos retardatários. Ninguém falava alto, os cochichos abafavam até o barulho das buzinas, do povo apressado que, impossibilitado de ver o falecido pela massa compacta à volta do morto, continuava a correr pelas ruas.

E não aparecia nem uma autoridade para resolver o problema: mais de vinte minutos debaixo do sol forte e o morto continuava na mesma posição, exposto e descomposto aos olhares públicos, desconjuntado ao lado da boca-de-lobo que bebera seu sangue, o membro à mostra.

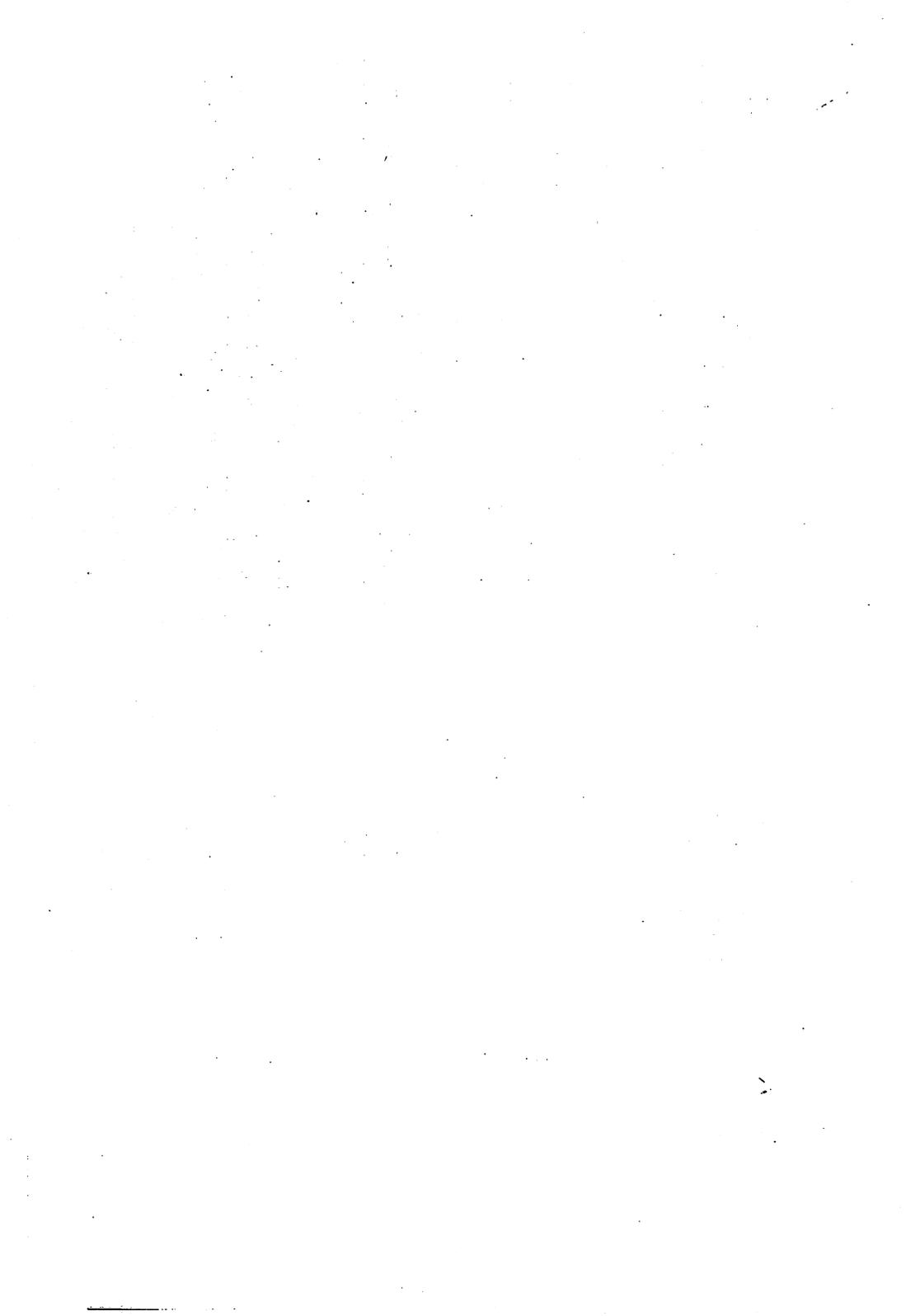
Havia um mal-estar entre os assistentes, estacionados à volta do corpo, os olhos fixos em cada pedaço de carne do mulato: só o púbis, porque o resto era pano e sapatos. Até as mãos tinham sumido entre os cabelos e o meio-fio.

O pessoal não arredava pé, cada um guardando sua posição para ver o desfecho. Foi quando o porteiro do hotel da esquina abriu passagem e, desenrolando uma toalha de banho, cobriu o púbis do cadáver.

Um quase imperceptível suspiro de alívio percorreu a roda, as pessoas se olharem e começaram a desmanchar o círculo. Ainda se viam as pernas desarticuladas do mulato, a cabeça escondida no meio-fio, a revista de palavras-cruzadas, a marmita forrada de pano marrom, o fio de sangue coagulado que ligava o corpo ao bueiro.

Um suspiro generalizado pareceu aliviar a moral da cidade, acostuada a atropelamentos. A roda humana se desmanchava rapidamente: já não havia no corpo do mulato sinal que o classificasse de ser humano — tudo estava encoberto pela toalha.

A cidade voltava a correr, afinal todos tinham pouco tempo para o almoço.



ENSAIO



# O TRÁGICO EM “BOQUINHAS PINTADAS”: SENTIDO E FUNÇÃO DO DESTINO

Vera Lúcia Andrade \*

Este estudo propõe-se a tratar do problema do trágico, considerando que tal vocábulo não é somente um epíteto que se associa à tragédia, mas uma palavra que abarca uma realidade mais ampla e profunda, se pensamos, como Max Scheler, que o fenômeno do trágico constitui uma estrutura fundamental do universo<sup>1</sup>.

Nosso interesse é determinar os elementos do trágico presentes em *Boquinhos Pintadas*, de Manuel Puig<sup>2</sup>, mostrando como os mesmos aparecem aí modificados, se tomamos como ponto de referência a tragédia clássica, essa última considerada como realização máxima do trágico no seu sentido mais puro.

A escolha da abordagem da obra, a partir deste enfoque, surgiu de uma frase que se encontra no romance e que nos pareceu fundamental: «Mas já estava escrito no livro do Destino que devia ser assim (...). Tudo já estava escrito<sup>3</sup>».

Visto que a noção de «Destino» está intimamente ligada à tragédia, pareceu-nos oportuno procurar estudar a obra sob esse ângulo. Examinaremos, ainda que superficialmente, dois

---

\* Professora de Teoria da Literatura da Faculdade de Letras da UFMG. Aluna do Mestrado em Literatura Brasileira.

outros componentes do trágico, a problemática da culpa e do herói. Devemos ressaltar, no entanto, que o objetivo primeiro do presente trabalho é determinar o sentido e a importância do «Destino», em **Boquinhos Pintadas**.

Tomando como elemento-síntese do romance a frase do mesmo já citada acima, tentaremos, numa perspectiva estruturalista, «remontar» a obra salientando-lhe todos os aspectos que se prendem à noção de «Destino».

## 1. O ELEMENTO TRÁGICO NA TRAGÉDIA CLÁSSICA E EM BOQUINHAS PINTADAS

Nem todos os fatos chamados trágicos apresentam a mesma intensidade fenomenal, mas em todos eles encontramos mais ou menos o mesmo mecanismo. No entanto, não é fácil reduzir o trágico a um único componente. Vários são os elementos necessários para a criação do efeito trágico, destacando-se, dentre eles, principalmente três fatores: o destino, a culpa e o herói.

Como nossa intenção é procurar mostrar como tais elementos aparecem caracterizados na tragédia clássica, seguidos de sua transformação na obra de Puig, usaremos um quadro em que, esquematicamente, tentaremos definir cada um deles, nestas duas fases de sua realização. Vejamos:

### TRAGÉDIA CLÁSSICA

- a) **Destino:** «o que está escrito» por determinação dos deuses (decreto chegado do alto para abater-se sobre os espíritos humanos e decidir o curso de sua história).
- b) **Culpa:** o «mistério» da culpabilidade da inocência, que implica a existência de um inocente culpado.

### BOQUINHAS PINTADAS

- a) **Destino:** «o que está escrito» na ordem social (leis derivadas da própria hierarquia social).
- b) **Culpa:** o «mistério» da inocência da culpabilidade, implicando a existência de culpados inocentes (deslocamento da culpa: todos são culpados, mas procuram isentar-se).

c) o herói:

1. homem justo, cujo infortúnio decorre não de qualquer vício ou depravação, mas de algum erro de julgamento.
2. assume a luta, opondo sua vontade à prepotência de todos: busca a verdade, por seus próprios meios.
3. conserva íntegra a dignidade da grandeza humana, inclusive na morte.

c) o anti-herói:

1. homem cujo infortúnio decorre do vício e da depravação.
2. não assume a luta, submetendo-se à vontade dos outros: a busca da verdade é deslocada para as mulheres.
3. com a morte, revela a fraqueza de seu caráter aparecendo como o ladrão, o sedutor, etc.

Um rápido exame desse quadro é suficiente para revelar-nos a distância existente entre as entidades comparadas. Embora guarde pontos de contacto com a tragédia clássica — pelo menos a semelhança de elementos que entram na composição do trágico — o romance de Puig utiliza-os de uma forma inteiramente nova, dentro de uma outra visão do mundo e das coisas.

Assim, à concepção do Destino conhecida pelos gregos, dentro de um espírito fatalista, em que a fatalidade aparece como uma imposição divina a abater-se sobre os homens, Puig propõe uma outra noção, ainda determinista em certo sentido, mas que exclui a dualidade deus/homem, transpondo a «fatalidade» para um plano apenas humano, impregnado de um forte sentido social.

A força do Destino, atuante em **Boquinhos Pintadas**, apresenta, pois, o caráter de uma lei derivada da própria hierarquia social. «O que está escrito», no plano de cada personagem, e será cumprido, é aquilo que está «inscrito» no contexto em que elas vivem. E o cumprimento da «fatalidade» ocorrerá, porque para isso concorrem as pessoas implicadas na ação. São as próprias personagens que «traçam o Destino», ao agirem da maneira como o fazem.

Todos os fatos que ocorrem possuem uma “explicação” racional. Analisando-se a obra e trabalhando-se o seu material pode-se chegar a esta conclusão a respeito da noção de Destino. Realmente, existe “algo escrito” que se realiza no decorrer do romance. E tudo nele é pré-anunciado e pré-visto, o que se manifesta, inclusive, no plano da estruturação da narrativa, conforme mostraremos mais adiante.

Quanto ao segundo elemento componente do trágico, presente na obra de Puig — problema da culpa — podemos observar uma inversão. Enquanto a tragédia clássica traduz o «mistério» da culpabilidade da inocência, que implica a existência de um **inocente culpado**, **Boquinhos Pintadas** leva-nos a considerar o «mistério» da inocência da culpabilidade, implicando a existência de **culpados inocentes**.

O que se verifica no romance é um deslocamento da culpa: todos são culpados, mas procuram isentar-se, instalando-se assim um processo de transferência de «culpas». Nenhuma personagem assume inteiramente a responsabilidade de suas ações e, em todas as ocasiões em que uma delas se empenha em descobrir o «culpado» por determinado ato, percebe-se uma burla em seu procedimento. É o que acontece, por exemplo, com Mabel, a respeito do assassinato de Pancho. Para que Raba não revelasse a verdade completa, Mabel faz uma chantagem: «Quando a pobre acordou eu lhe disse que se ela contasse a verdade iriam condená-la à prisão perpétua e ela não veria mais o filho». (BP, p. 183).

Da mesma forma, Celina não aceita a morte de Juan Carlos como decorrência natural de um tratamento mal feito, em parte, por culpa do próprio Juan Carlos, que não seguia as prescrições médicas, em parte, por sua própria culpa e de sua mãe, que não lhe mandava dinheiro suficiente para manter-se em bom hospital. (Não se pode esquecer aqui a carga sócio-econômica que o fato implica). Necessitando «vitalmente» de encontrar alguém em que pudesse depositar a culpa, Celina investe sobre Nélide, que se torna assim um «bode-expiatório». E como Nélide, outros «bodes expiatórios» surgi-

rão na obra — a viúva, Raba, etc. — justificando o que se chamou aqui de «culpados inocentes».

O terceiro elemento do trágico utilizado por Puig confirma a posição do autor, com referência à atitude assumida frente a esse fenômeno. A inversão observada quanto ao problema da «culpa trágica» processa-se novamente aqui, através da figura do «anti-herói».

Ao «herói trágico», que é caracterizado sempre como um homem justo, cujo infortúnio decorre não de qualquer vício ou depravação, mas de algum erro de julgamento, e que assume a luta, opondo sua vontade à prepotência de todos, buscando a verdade, por seus próprios meios, Puig opõe uma personagem de caráter fraco, totalmente alienado de sua situação.

Juan Carlos, o herói/anti-herói, de **Boquinhos Pintadas**, é um indivíduo todo feito de aparências — aquele que usa uma «jaqueta típica de fazendeiro rico» (BP, p. 54) sem ser fazendeiro; age como um Don Juan, sendo cobigado por várias mulheres, por causa de sua «figura viril», de seus olhos castanhos-claros e de seu rosto que «não tinha nenhum defeito» (BP, p. 52), mas que na realidade não tem condições físicas para ser um Don Juan, pois é um tuberculoso. A imagem que dele se depreende no romance é a de um marginal, inconsciente de seus problemas e de seus deveres: «A versão circulante, na qual acredito, é que gosta demasiado de divertir-se, que é um mulherengo e que pelo menos uma vez por semana se embriaga com seus amigos». (BP, p. 38).

No caso de Juan Carlos, portanto, o infortúnio — a enfermidade que lhe rouba a vida — aparece como uma decorrência natural de sua vida desregrada e ele nada faz para lutar contra sua desgraça. Pelo contrário, enviado a um hospital para tratar-se, desobedece as ordens médicas, justamente por não conscientizar-se de seu papel de doente.

Enfim, Juan Carlos não assume a luta em momento algum do romance, submetendo-se à vontade dos outros.

A busca da verdade, na obra, é, conseqüentemente, deslocada para as mulheres. São elas que, após a sua morte, empenham-se em descobrir o que elas acreditam ser a ver-

dade. Nélide diz à Dona Leonor, em sua primeira carta: «acredito que nós duas juntas talvez pudéssemos arrancar a máscara da verdadeira assassina de Juan Carlos. E contra esta é que teria de se voltar sua filha Celina, e não contra mim». (BP, p. 31). E não se pode esquecer que toda a trama do livro é armada por Celina, na ânsia de encontrar o culpado e vingar-se dele.

Um outro aspecto que diz respeito ao «anti-herói» de **Boquinhos Pintadas** inverte mais uma vez a característica própria do herói da tragédia clássica. Enquanto esse último conserva íntegra a dignidade da grandeza humana, inclusive na morte, o personagem de Puig, com sua morte, é que possibilita a revelação da fraqueza de seu caráter. O coroamento dessa revelação dá-se no décimo quarto fascículo do livro quando, através de «mea culpa» das mulheres, Juan Carlos aparece sucessivamente como o sedutor da menina da chácara, o responsável pelo roubo do dinheiro da prefeitura e pela hipoteca da casa da filha da viúva De Carlo.

Assim analisados os elementos do trágico em **Boquinhos Pintadas**, torna-se claro o novo sentido que o fenômeno pode vir a assumir na atualidade, desvencilhando-se da «tragédia» enquanto gênero, para traduzir, antes, uma forma específica de se expressar um determinado mundo.

## 2. O DESTINO

A partir da frase usada por Nélide — «Mas já estava escrito, no livro do Destino que devia ser assim (...). Tudo já estava escrito». (BP, p. 23) — estabelecemos no romance uma série de relações que vieram comprovar a importância deste «estar escrito». Deste modo, o sexto fascículo do livro, que narra o episódio da visita de Juan Carlos à tenda de uma cigana que lê a sua sorte — aparentemente sem grande função no texto — ascende a um primeiro plano nesta nossa leitura.

Procuraremos mostrar a razão dessa nossa afirmativa, através do exame minucioso do citado fascículo e do relacionamento que iremos estabelecer entre as «cartas» da cigana e o «livro do Destino».

## 2.1. As cartas da cigana e o «Livro do Destino»

O chamado «Livro do Destino» aparece concretamente representado, dentro do romance, pelas «cartas» da cigana, na medida em que se percebe que nelas já está escrito tudo que o romance contém.

De fato, os acontecimentos principais do livro são anunciados nas cartas que a cigana põe para Juan Carlos, embora de forma indireta. Aqui o narrador, apropriando-se da linguagem enigmática da personagem-cigana, incorpora a sua leitura da vida das várias personagens àquela que a cigana faz da vida de Juan Carlos.

Tentaremos mostrar, através desse episódio, como os acontecimentos são «relatados:»

a). A ida de Juan Carlos para o sanatório é assim anunciada: «... ao lado está o Dois de Espadas, olhe como são bonitas as duas espadinhas azuis, e o cabo de prata está do teu lado e te anuncia uma viagem por terra (...), irás fazer uma viagem para escapar do que contra ti estão preparando o velho e a careca...» (BP, p. 77).

b) A oposição do pai de Nélide ao seu namoro com Juan Carlos também é referida: «Então o pai da garota com quem andas não te quer em casa, e a Pelada o ajuda, a pequena é loura ou morena?» (BP, p. 77/8).

c) A traição — ambígua no caso, podendo-se referir à atitude de Celina com respeito a Nélide, ou à atitude da própria Nélide que abandona Juan Carlos para casar-se com o leiloeiro público — aparece no seguinte trecho: «Dois de Paus, os dois pauzinhos, olha que espinhas negras, é uma carta feia — alguém te vai trair, mas não será nem o velho nem a pelada (...) — sim, quem menos vós esperais é que irá te fazer uma sujeira.» (BP, p. 78).

d) O casamento de Nélide é sutilmente anunciado, através da imagem do «vinho». Podemos lembrar-nos de outra passagem do livro em que Juan Carlos diz a Nélide: «Como vamos ser felizes, rubi, vou beber todo o vinhozinho que você tem dentro de você.» (BP, p. 97).

Já nas cartas da cigana, pode-se ler o seguinte: «O Sete de Copas — casamento! mande-me doces, meu pombinho, mas se é você o fisgado, melhor que não sejas, porque as copas estão dando voltas, o vinho se derrama no chão, que pena, porque gosto muito de vinho, meu pombo, pois faz bem a saúde, mas quando se derrama no chão deixa um cheiro asqueroso, sois vós que casais? não...» (BP, p. 78):

e) A referência à proteção da viúva e a seu relacionamento com Juan Carlos faz-se em: «... aqui ao lado está me aparecendo uma mulher velha, a Dama de Paus traz uma faca na mão direita, mas é para te defender (...). Não, não é a tua mamãe, esta é velha mas não gosta de ti como filho, mas é boa, e a vós, meu pombo, saem mulheres por todas as partes.» (BP, p. 78/9).

f) Os mexericos do povoado, a respeito de Celina, Mabel, Nélide e a viúva também estão presentes nas cartas: «O Cinco de Espadas é Falatório, as más línguas cortam como o gume de ferro, cortam e ferem — mas isso não te importa, são as mulheres que o Cinco de Espadas mata, e quanto a vós, quanto mais falem de ti, mais te convém, não tenho razão?» (BP, p. 79).

g) A doença de Juan Carlos é prevista através de: «O Quatro de Paus é enfermidade grave». (BP, p. 79).

h) O relacionamento amoroso de Pancho e Mabel aparece sugerido nas cartas, através da imagem dos «ramos». É possível deduzir-se isso, a partir de relações que se podem estabelecer com outros trechos do romance. Todas as vezes em que Pancho e Mabel se encontram, faz-se referência à figueira e a seus ramos intrincados. Além disso, há uma passagem em que Pancho parte um ramo de uma árvore, antes de dirigir-se à casa de Mabel.

O texto da carta da cigana é o seguinte: «O Seis de Paus, olha esses galhos cheios de ramos novos, bem tenros, e esses espinhos e estes pés para cima! é a carta dos beijos, as carícias, o amor meio louco, e estes pés para cima, deve ser aquela que te trai.» (BP, p. 80).

i) O assassinato de Pancho, embora não especificado, também é dito nas cartas: «... tem cuidado porque alguém vai morrer de morte violenta, o Seis de Espadas depois dos Paus é morte com gritos (...) não te esqueças que alguém vai tombar de morte violenta, tem cuidado, não te metas em perigos, vejo sangue e ouço um grito de alguém ferido de morte.» (BP, p. 81).

j) A volta de Juan Carlos a Vallejos e seu retorno ao Sanatório aparece em «tira outra carta... por fim aparece algo bom, o Três de Copas é alegria, vais ter uma grande alegria depois de tantas penas, vira uma outra carta!... O Dois de Espadas, outra vez a viagem (...), é uma viagem por terra e não muito longa, e te fará bem.» (BP, p. 81).

l) Até mesmo o bom relacionamento que se estabelece entre Juan Carlos e o velho do quarto número quatorze do Sanatório é referido: «... O Cinco de Copas e saiu certo, é boa carta, quer dizer que vais conversar muito com alguém, e os dois se porão de acordo.» (BP, p. 81/2).

m) A vingança de Celina, bem como a alusão à cremação e às cartas queimadas também estão presentes nas cartas da cigana: «A Dama de Espadas pelada, será que alguma cadela morreu queimada? a cadela queimada tinha pelo, o carvãozinho, a cinzinha, a Pelada ou é uma Mentira de pomba prenhe que não está prenhe ou é uma Vingança de alguma pomba má.» (BP, p. 82).

Como se pode notar, a trama do livro acha-se resumida neste sexto fascículo. Apenas, como já foi dito anteriormente, o autor consegue enganar o leitor quanto à importância do mesmo, através de uma técnica artilosa: o fascículo é enigmático como a linguagem da cigana, e, como tal, exige que se desvende o que nele foi dito, o que só se torna possível quando, conforme fizemos, procura-se relacioná-lo com os demais fascículos do livro.

2.1.1. O vaticínio da cigana e o oráculo — As cartas que a cigana põe para Juan Carlos, fazendo uma leitura de sua vida e, indiretamente, a de todas as outras personagens

do livro, funcionam como o «oráculo» na tragédia clássica: é uma espécie de «vaticínio» que o leitor verá cumprir-se, à proporção em que a estória se desenrola.

Quanto a esse ponto, é interessante notar-se a nova inversão que surge no romance. Enquanto o oráculo da tragédia prediz sempre uma sentença negativa, em **Boquinhos Pintadas**, o vaticínio da cigana tem um caráter positivo: esta trapaceia Juan Carlos, revelando-lhe apenas o «bom». Sua leitura, enigmática e ambígua, prevê a sua morte, mas somente para quando ele estiver velho: «Ótimo, meu pombo, quer dizer que morrerás velho ao lado de tua mulher que também estará velha como eu...» (BP, p. 82). A cigana trapaceia-o, cometendo uma inversão. A verdade é que ele morrerá ao lado de uma velha — a viúva — mas ainda quando moço.

Enquanto, porém, as cartas da cigana revelam-lhe o «bom», o romance, como um todo, como um baralho que precisa ser ordenado pelo leitor, consiste na revelação do «bom e do mau».

No plano de cada personagem, há trechos básicos que, combinados, revelam-nos este «bom e mau», assim como as cartas do baralho que, conforme a sua disposição, ganham um sentido diferente.

Indicaremos aqui, a título de ilustração, estes trechos, procurando, ao mesmo tempo, traçar um ligeiro perfil das personagens.

- a) **Nélida:**
1. cartas para D. Leonar
  2. a quinta-feira, 23 de abril de 1937 (p. 46)
  3. o 27 de janeiro de 1938 (p. 114)
  4. as novelas «o Capitão Ferido» e «A Promessa Esquecida».
  5. a viagem para La Falda (p. 207).
  6. a carta para Mabel contando sua lua-de-mel (p. 120).
  7. a conversa telefônica com Raba.

O conjunto desses elementos compõe a figura de Nélide como uma típica representante da mulher da baixa classe média, cujo único objetivo na vida é um casamento vantajoso que lhe traga segurança e lhe proporcione o conforto desejado. Nélide sonha com esse marido ideal, não hesitando em casar-se com Massa, um leiloeiro público, que lhe acena um futuro promissor. Mas, contrariando as suas ilusões, o casamento a faz defrontar-se com a dura realidade de uma vida rotineira, feita de trabalho na limpeza da casa, de fraldas e mamadeiras.

A sua total alienação do contexto social, político e econômico, que a cerca, leva-a a um tipo de vida amargurada, sem sentido algum. Então ela volta-se para as novelas e filmes, através dos quais consegue ver seus sonhos realizados.

A obsessão de que é tomada, após a morte de Juan Carlos, por tudo que lhe diz respeito, é o melhor exemplo para caracterizar o tipo de mulher sonhadora, idealizadora e eternamente insatisfeita com o que o real pode lhe proporcionar, só se realizando através da imaginação e do sonho.

- b) **Juan Carlos:**
1. álbum de fotografias (p. 32)
  2. agenda 1935 (p. 42)
  3. a quinta-feira, 23 de abril de 1937 (p. 52)
  4. o 27 de janeiro de 1938 (p. 115)
  5. carta do médico do Cosquín (p. 87)
  6. cartas para Nélide
  7. «perguntas que fez a si mesmo o ocupante do quarto quatorze ao considerar o caso do seu amigo (p. 98)
  8. imagens e palavras que passaram pela mente de Juan Carlos enquanto dormia (p. 101)
  9. a viagem de volta a Coronel Vallejos (p. 107)

10. a notícia de sua morte (p. 9)
11. a reza das mulheres (a menina da chácara, a mãe de Juan Carlos, a viúva e Celina), após a sua morte (p. 188 a 193).

O personagem Juan Carlos constrói-se, como os demais, metonimicamente, ao longo de toda a narrativa. O primeiro elemento indicado no esquema, o álbum de fotografias, é fundamental para caracterizá-lo. Através de suas fotografias, acompanhamos a sua «transformação», sendo que ele aparece sucessivamente como: o «menino de meses, nu, louro» (BP, p. 33); «entre uma laranjeira e uma palmeira, uma cisterna com uma grade do tipo comum, sentado na cisterna um menino de três anos, descalço e vestido apenas com uma calça branca, bebe leite numa mamadeira, agitando as pernas.» (BP, p. 33); «a figura de um menino com paletó de abas arredondadas, gravata de laço boêmio, calça que chega aos joelhos e polainas claras;» (BP, p. 33); «os grupos que se seguem, à esquerda, até terminar o álbum, pertencem a diferentes momentos das décadas dos vinte e trinta, com a presença freqüente de um jovem de cabelo castanho-claro e comprido, que lhe cobre as orelhas, figura atlética e de invariável sorriso» (BP, p. 33).

Logo em seguida a uma nova descrição de Juan Carlos e de seu amigo Pancho, encontramos: «os dois jovens já descritos, sorrindo sentados junto a uma mesa coberta de garrafas de cerveja e quatro copos, em seus joelhos estão sentadas duas mulheres jovens, com amplos decotes, carnes fatigadas, rostos piorados pela pintura excessiva e, ao fundo do balcão do bar-armazém repleto de garrações, um barril de vinho, prateleiras com latas de conservas, pacotes de gêneros, cigarros, garrafas;» (BP, p. 34).

Esta última fotografia, como se pode notar, revela a sua faceta de jovem mulherengo e boêmio, imagem que irá perdurar durante todo o romance, apesar da mudança que ocorrerá em seu físico, devido à doença de que será acometido.

Esta também será revelada, metonimicamente, através de novas fotografias: «contra um fundo de montanhas e álamos, vestido com um poncho, o pulôver metido nas largas calças brancas de cintura alta que vai até o diafragma, o jovem de cabelo castanho-claro agora mais magro, mas com a pele bronzeada pelo sol e seu sorriso característico» (BP, p. 35); «o jovem de cabelo castanho-claro, mais magro, com os olhos notavelmente maiores cavados no rosto, olha para seu copo com um sorriso apenas esboçado; o jovem de cabelo castanho-claro numa charrete tendo como fundo montanhas e cactus, não se distinguindo os detalhes devido ao fato de a foto ter sido batida quase contra luz» (BP, p. 35).

Voltando à idéia central do trabalho, ou seja, a de demonstrar como no livro tudo já «está escrito» anteriormente à sua realização, este álbum de fotografias comprova a afirmação.

Além do álbum de fotografias, os demais elementos citados (de 2 a 11) também são importantes para a caracterização de Juan Carlos. Aos poucos, reunindo os detalhes que cada um deles nos fornece, compomos a personalidade de Juan Carlos, cujo caráter já foi descrito.

- c) **Mabel:** 1. dormitório de moça, ano de 1937 (p. 35)
- 2. cartas para o consultório sentimental, o «Espírito Confuso» (p. 37 a 41)
- 3. a quinta-feira, 23 de abril de 1937 (p. 60)
- 4. o 27 de janeiro de 1938 (p. 116)
- 5. a conversa com Pancho, enquanto este apanha os figos (p. 136)
- 6. a ata inicial da Polícia de Buenos Aires (p. 152)
- 7. confissão com o padre (p. 180).

O «dormitório de moça, ano de 1937», assim como as «cartas para o consultório sentimental» revelam-nos a moça burguesa

sa, preocupada com as aparências, que é Mabel. Alienada, como Nélide, mas desfrutando dos privilégios que sua posição superior lhe oferece, Mabel demonstra mais requinte em sua alienação. Enquanto Nélide gosta dos filmes e artigos argentinos, Mabel só assiste a filmes americanos e «seu maior desejo era ver entrar sigilosamente, pela porta do seu quarto, Robert Taylor, ou, em seu lugar, Tyrone Power, com um buquê de rosas vermelhas na mão e nos olhos um voluptuoso desígnio» (BP, p. 118).

Preocupada com a aparência das coisas, Mabel é uma mulher de duas faces. Sua «verdade» só será revelada ao leitor, através dos elementos citados em 5, 6 e 7 do esquema acima.

- d) **Pancho:** 1. a quinta-feira, 23 de abril de 37 (p. 65)
2. «pensamentos predominantes de Pancho diante de Raba, na escuridão (p. 85)
  3. ficha da polícia da Província de Buenos Aires (p. 166)
  4. o 27 de janeiro de 1938 (p. 118)
  5. conversa com Mabel, enquanto apanha os figos (p. 136).

Pancho representa o elemento da classe operária, pobre e trabalhador, cuja ambição é «subir na vida», o que se traduz pelo seguinte: «sua aspiração de entrar para a polícia, como suboficial» (BP, p. 68). É também um sujeito preocupado com a aparência, ou, mais especificamente, com os benefícios que poderá usufruir a partir dela: «Pensou na inconveniência de que funcionários da polícia o vissem no botequim. Pensou na conveniência de que o vissem passeando com Juan Carlos, empregado da Prefeitura» (BP, p. 69).

Uma vez feito «Suboficial da Polícia», Pancho tem em sua farda a sua grande força: «tirou do armário o flamante uniforme de Suboficial da Polícia e passou a junta dos dedos

na gabardina do dólma e das calças, no couro brilhante das botas, nos fios dourados das dragonas, nos botões de metal, lustrados, costurados à gabardina com duplo fio. Vestiu-se lentamente, temendo desfazer alguma costura, ou arranhar a superfície das botas.» (BP, p. 118).

É interessante observar-se que é exatamente com esse indivíduo, à sua maneira preocupado com as aparências, que Mabel vai ter um relacionamento amoroso:

- e) **Raba**: 1. a quinta-feira, 23 de abril de 1937 (p. 71)
2. os festejos populares (p. 82)
  3. pensamentos predominantes de Raba diante de Pancho, na escuridão (p. 86)
  4. Ficha do hospital regional de Vallejos (p. 106)
  5. o 27 de janeiro de 1938
  6. Raba lavando as roupas de Mabel (p. 141)
  7. ata inicial da Polícia de Buenos Aires (p. 152)
  8. a quinta-feira, 15 de setembro de 1968 (p. 213).

Assim, como Pancho, Raba é um elemento da classe mais pobre. Sua situação ainda é pior do que a dele, pois é uma simples empregada doméstica, sem aspiração alguma de ascender a uma outra posição. É interessante, no entanto, o fato de ser ela a única personagem que realmente «sobe» na vida. No final do romance, Raba aparece como a viúva de Lodiego, um fazendeiro, gozando de boa situação econômica.

Mas a principal função de Raba, no romance, assim como a de Pancho, é a de ser um «bode expiatório». Por ser de classe inferior, e inconsciente de seus direitos, ela vai ser usada para encobrir erros alheios.

- f) **Celina**: 1. conversa com a viúva (p. 159)
2. oração, após a morte de Juan Carlos (p. 193)
  3. as cartas que escreve, como se fosse D. Leonor.
  4. a conversa com sua mãe (p. 200).

Celina é uma personagem muito interessante. Ainda que focalizada somente em segundo plano, uma vez que se estuda a obra, estabelecendo as relações que o autor deixa implícitas, ela se revela como a mola propulsora do romance. Invejosa da sorte de Nélide, que se tornou «Rainha da Primavera de 1936», ocupando o lugar que, segundo sua opinião, era de seu direito, Celina não a perdoa jamais, passando a perseguí-la, e armando um plano de vingança que levará Nélide à destruição.

Como as demais mulheres do romance, Celina é marginalizada, apresentando-se como aquela «a quem sujaram o nome até que se cansaram. E ficou solteira, e essa é a sua raiva maior». (BP, p. 28).

2.1.2. **A leitura das cartas e a trapaça do jogo** — A leitura que a cigana faz das cartas consiste em um jogo de trapaça, assim como a própria narrativa se constrói à base desta. De mesma forma, a leitura do romance será para o leitor a revelação de uma série de trapaças, algumas das quais serão nomeadas a seguir:

a) Celina trapaceia Nélide — primeiramente, quando tenta forçá-la a desistir de ser a Rainha da Primavera, usando como arma o que ela sabia a respeito do caso de Nélide com o doutor Aschero.

Nova trapaça surge quando Celina pede a Nené o endereço do escritório de seu marido, dizendo que a Senhora Piaggio queria um terreno em Buenos Aires e gostaria de contar com a ajuda de Massa, e usa o endereço para evitar a este as cartas que Nélide escrevera a Juan Carlos e a D. Leonor.

Sua maior trapça, porém, foi fazer passar-se por D. Leonor, escrevendo cartas para Nélide, em nome dessa senhora obtendo, desta forma, informações que nunca lhe seriam dadas.

b) Nélide trapaceia o marido, na medida em que lhe esconde «tudo», até mesmo as cartas que escrevia à D. Leonor.

c) Raba trai Nené, revelando aos outros o que acontecera entre Nélide e o doutor Aschero: «Pensou que havia procedido mal com Nené, não havia cumprido sua promessa». (BP, p. 75.)

d) Juan Carlos também trai Pancho, denunciando-o: «Juan Carlos queria que seu amigo abandonasse o curso que estava fazendo na capital da província, para que voltasse a lhe fazer companhia, e falando com o delegado durante uma partida de pôquer, involuntariamente, fez alusão à gravidez da empregada dos Saenz.» (BP, p. 114).

e) Mabel engana Raba quanto ao crime, fazendo com que esta assumia a inteira responsabilidade pelo menos: «Quando a pobre acordou eu lhe disse que se ela contasse a verdade iriam condená-la à prisão perpétua e ela não veria mais o filho.» (BP, p. 183).

A trama do romance de Puig, enfim, constrói-se à base de um jogo de promessas e traições, em que todas as personagens acabam por envolver-se.

**2.1.3. As cartas «marcadas» e as pessoas «marcadas»**  
— Assim como as cartas da cigana são cartas marcadas, também as personagens do romance são pessoas que trazem em si um certo tipo de marca.

A própria Nélide diz, em uma de suas cartas: «E já que estou em maré de confidências vou lhe contar como foi que me deixei marcar para toda a vida.» (BP, p. 24) Nélide, no momento, estava referindo-se a seu caso com o doutor Aschero. Sua marca, portanto, é de caráter moral e Nélide não consegue, por mais que tente, ver-se livre dela.

Juan Carlos é outra personagem marcada, mas em seu caso a marca é física, traduzida pela doença que lhe rouba a vida.

Em Mabel, pode-se dizer que se trata de uma marca sócio-econômica, revelada pela falência de seu pai. Há ainda uma segunda marca, que se desloca para outra geração. Mabel tem um neto paralítico, que «evidencia» a «mancha» que ela ocultara em si e denuncia a impossibilidade de se fugir ao castigo.

Quanto a Pancho, Raba e Celina, eles trazem uma marca social. Pancho infringe a lei social e é assassinado. Raba é marcada pelo crime e, principalmente, pelo fato de ser mãe solteira. Celina, por sua vez, permanece solteira e acaba entrando «para a turma dos caixeiros-viajantes, e aí, então, nunca mais ficou sem alguém que a acompanhasse à casa depois do baile» (BP, p. 28). Dela Nélida diz: «Tomou um mau caminho, você sabe que é fatal meter-se com caixeiros-viajantes (BP, p. 168).

No que diz respeito a marcas, podemos dizer também que, no plano geral do livro, os próprios fascículos funcionam como cartas cujas marcas são as epígrafes<sup>4</sup>.

### 3. A ESTRUTURAÇÃO DA NARRATIVA

3.1. **A pré-anúnciação dos fatos** — Podemos dizer que, em *Boquinha Pintadas*, a própria estruturação da narrativa se inscreve no âmbito «do que já está escrito», uma vez que os fatos são aí anunciados anteriormente à sua realização, não de forma direta, evidentemente, mas sugeridos através de deslocamentos ou de «pequenas pistas» que o narrador vai deixando ao longo do romance.

Desta forma o autor, que se vale de uma técnica típica da novela policial, exige grande atenção e raciocínio de seu leitor, que terá que «montar» as peças esparsas pelo livro.

Exemplificaremos, a seguir, algumas destas «pistas» deixadas pelo narrador, ao longo da narrativa.

a) A verdadeira autoria das cartas enviadas a Nené (o fato de ser Celina e não D. Leonor quem as escrevia) já vem «anunciada» no início do romance, quando Nélida diz: «muito me surpreendeu o pulso que a senhora tem para

escrever, sua letra parece de uma pessoa jovem, felicito-a por isso, nem parece que nos últimos anos a senhora sofreu uma desgraça tão grande. A não ser que as suas cartas sejam escritas por outra pessoa, o que não acredito. (BP, p. 13).

b) O fato de Pancho ser surpreendido em casa de Mabel aparece «deslocado» na observação que este faz a Juan Carlos: «Sentados no botequim, Pancho lhe disse que tivesse cuidado para não ser surpreendido em casa alheia, por que não se contentava com Nené?» (BP, p. 69).

c) A morte de Pancho, assassinado com uma faca, também é pré-anunciada quando Raba está lavando as roupas de Mabel e pensa: «... prometo que quando receber te compro sapatinhos e se teu pai nos ver, afinal, ele passa por aí e diante das pessoas te dá o desprezo?... será, que ele teve medo de que eu lhe desse uma facada e por isso entrou na confeitaria?» (BP, p. 148).

d) A vingança de Celina também é sugerida antes que o leitor tome conhecimento de que ela é a verdadeira autora das cartas enviadas à Nené, quando encontramos: «e que nunca mais ela cruze o meu caminho porque se tal acontecer não respondo por meus atos, que o céu não o permita! Não quero saber onde está, se viva ou morta! Mas que não cruze o meu caminho porque eu a estraçalho...» (BP, p. 193)

e) A morte de Juan Carlos, com uma «forte dor no peito», é sugerida em seu sonho: «um ferro vertical lhe atravessa o coração e finca-se no chão, outro ferro atravessa as costelas e mantém seus braços abertos». (BP, p. 101). De certa forma, esse fato também anuncia a morte de Pancho. Podemos relacionar o «ferro» com a faca, por meio da qual ele é morto.

3.2. Técnica do deslocamento e da condensação — A importância desta obra de Puig, que estamos estudando, deriva em grande parte da precisão da técnica utilizada pelo autor. Como estamos procurando mostrar, quase nada na obra é dito diretamente, mas tudo se «encaixa» de modo perfeito, segundo um raciocínio lógico e objetivo.

Existem no romance vários deslocamentos e condensações, de que Puig se vale para dizer, de forma «encoberta», aquilo que não pode, ou não deve, ser dito às claras. Vejamos:

a) A cena em que se descreve Raba matando uma galinha pode ser vista como um deslocamento do assassinato de Pancho; «... **com o facão cortei a asa de um frango depenado, o pescoço, as pernas e tirei o fígado e o coração para cozinhá-los na caçarola, é preciso botar na caçarola todos os pedaços já cortados, o frango assado não corro atrás dele no galinheiro, agarro-o, estico o pescoço e com uma facada lhe corto a cabeça, bate as asas ainda por uns instantes depois de eu lhe ter cortado a cabeça, bate os olhos, tiro-lhe todas as penas e com toda força lhe dou outro golpe com a faca para lhe abrir o peito, arranco-lhe as porcarrias que ele tem dentro e lavo-o na torneira com o jorro de água fria...**» (BP, p. 148)

O assassinato de Pancho é assim descrito, na «Ata inicial» da polícia: «... e a isto o Subcomissionário que referenda o presente sumário deseja acrescentar que tudo comprova que a **primeira ferida foi a do abdômem, enquanto que a do coração foi feita quando a vítima já se achava caída...**»

(... **um corte de uma faca de cozinha, de lâmina afinada de vinte e oito centímetros de comprimento, que lhe penetrou por entre as costelas e foi direto ao coração, golpe este que mulher não poderia ter dado estando a vítima em posição vertical, mas sim em posição horizontal, o que permitia à referida mulher meter a faca de cima para baixo num corpo que já se acharia indefeso.**)» (BP, p. 154)

Note-se que, em ambos os casos, há referência a dois golpes — verificar os grifos — sendo um na parte superior do corpo (na «cabeça» da galinha e no «abdômem» de Pancho) e o outro, o certo, no «coração» de Pancho e no «peito» da galinha.

b) A novela «Capitão Ferido», a que Nélide e Mabel assistem no rádio (ver página 169 a 176), aparece também como um deslocamento do caso de amor entre Juan Carlos e Nélide. Pierre e Marie, os protagonistas da novela, são des-

locamentos daqueles dois. É interessante observar que Marie é uma enfermeira, assim como Nélida o havia sido, trabalhando para o doutor Aschero. Mas, na novela, Pierre, ferido no peito pelos soldados alemães, é curado com «ervas» que Marie coloca nos curativos, enquanto que Juan Carlos, também «ferido no «peito», pela tuberculose, é consumido por «musgos» que ele sente possuir em seus pulmões: «Pensou na possibilidade de aguentar sufocado na cama, dias e semanas, até que o calor seco puzesse um fim à umidade dos seus pulmões: a umidade e o frio fariam brotar musgos em seus pulmões». (BP, p. 53).

É importante notar que o título desta novela, «Capitão Ferido», bem como o de uma outra, «A Promessa Esquecida», são já por eles mesmos, alusivos ao caso amoroso de Juan Carlos e Nélida.

c) No trecho em que se relata a viagem de Nélida para La Falda, ocorre novo deslocamento. Em outro momento da narrativa, quando Nélida conversava com Mabel, que a estava visitando, dissera-lhe que gostava de boleros «porque os boleros diziam verdades» (BP, p. 178). Agora, durante a viagem de Nélida, a «verdade» é dita com letra de bolero: «Juan Carlos, se podes tu com Deus falar, que esquecer-te não pude Ele te responderá... a vida, com seus pratos sujos e fraldas e beijos de outro que tive de evitar, pretendeu a vida desse modo teu amor apagar? mas tu, quem sabe até onde irás, quem sabe a qual de tuas ex-noivas escolherás, preferes aquela tipa velha a mim?» (BP, p. 207).

Este trecho é uma paráfrase de bolero chamado *Perfídia*<sup>5</sup>.

d) No diálogo que se estabelece entre Mabel e Pancho, enquanto este último apanha figos para ela, uma série de deslocamentos pode ser observada. O primeiro deles aparece através do próprio fato de «comer os figos», expressão ambivalente que traduz, ao mesmo tempo, a relação amorosa dos dois. O figo é um deslocamento de Mabel.

Em um dos trechos desse diálogo: «Uma galinha branca para o galo, não existe um galo no quintal, de noite uma raposa

vai se meter no galinheiro» (BP, p. 137). — são evidentes as correspondências galinha/Mabel e raposa/Pancho.

Ainda neste diálogo, outro deslocamento surge, estabelecendo-se a relação cerca/Mabel: «Pode me chamar, ponho a escada do outro lado e num instante subo na cerca, trepo, salto, subo, desço, pego nela» (BP, p. 137).

Finalmente, em outro trecho — «O cobertor de lã tirada de alguma ovelhinha mansa, deixa que o carneiro se aproxime de você: bem abrigada está a boneca de tamanho natural.» (BP, p. 149) — é possível relacionar-se «carneiro» com Pancho, e «boneca» com Mabel.

e) Outro deslocamento existente no livro aparece na cena em que Raba está lavando as roupas de Mabel, procurando tirar-lhes as manchas. Aqui o «lavar as sujeiras» está para o fato de «assumir a culpa do crime».

f) o rio Láteo — «um rio mitológico situado na saída do Purgatório, onde as almas purificadas se banham para apagar as más lembranças antes de empreenderem o vôo para o Paraíso» (BP, p. 101) — é, como se pode ver, um deslocamento do Sanatório.

g) Ao lado desses deslocamentos, e de muitos outros que não foram aqui citados, há no romance também bons exemplos de condensação. Um deles é o que aparece no sonho de Juan Carlos: «Voltou a dormir, sonhou com tijolos avermelhados, o lugar onde se misturam os materiais para fazer os tijolos o poço ardente da cal, os tijolos crus, moles, os tijolos cozidos, os tijolos endurecidos, indestrutíveis, os tijolos deixados às intempéries na construção da Delegacia nova...» (BP, p. 53).

Este sonho de Juan Carlos é uma condensação da cremação com a construção da delegacia.

h) Outro exemplo de condensação é o trecho intitulado «Imagens e palavras que passaram pela mente de Juan Carlos enquanto dormia: um forno para tijolos, ossos humanos com crostas e manchas de gordura, numa churrasqueira no meio do campo, uma costela sendo assada em fogo lento, camponeses

procurando carvão e ramos secos para alimentar o fogo, um camponês encarregado de vigiar o assado toma uma garrafa de vinho inteira e adormece, deixando que o assado queime, a carne fica seca, o vento aviva as brasas e as chamas se alastram, um morto exposto ao fogo fincado no espeto, um ferro vertical lhe atravessa as costelas e mantém seus braços abertos, o morto se mexe e geme, está reduzido a ossos humanos manchados de gordura negra, um corredor comprido e escuro, uma prisão sem janelas. . . » (BP, p. 101)

Mais rico que o exemplo anterior, esse trecho sintetiza uma série de acontecimentos importantes do romance. Nele aparecem, ao mesmo tempo, a construção da delegacia, a cremação, a cozinha de Pancho, o piquenique da Primavera, a morte de Pancho, a morte de Juan Carlos e o próprio Sanatório.

#### 4. CONCLUSÃO

A presença do Destino, como uma força que «decide» a vida das personagens, é, inegavelmente, uma constante em **Boquinhos Pintadas**. O levantamento feito a respeito do assunto, apresentado no decorrer do trabalho, parece ser o suficiente para demonstrar que «o que está escrito no livro do Destino» fatalmente ocorrerá. Tudo se passa no romance, de acordo com este pensamento de Mabel: «— Escute, Nené, acredito que tudo está escrito, sou fatalista, você pode passar o tempo quebrando a cabeça pensando e planejando coisas e depois tudo sai ao contrário.» (BP, p. 174).

#### NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. DOMENACH, Jean Marie. **El retorno de lo trágico**. Tradução de Ramón Gil Novales. Ediciones Península, Barcelona, 1969.
2. PUIG, Manuel. **Boquinhos Pintadas**. Tradução de Joel Silveira. Editora Sabiá Ltda., Rio de Janeiro. 1969.
3. PUIG, Manuel. op. cit., p. 23.  
Observação: todas as citações desta obra, que se encontram no corpo do trabalho, referem-se a esta edição e serão, daqui por diante, indicadas com a sigla **BP**

4. O estudo de todas as epígrafes do livro, e de sua significação e função no contexto, foi realizado por Ângela Serra, em sua pesquisa intitulada «O trágico e o social em **Boquinha Pintadas**»
5. O caráter de paráfrase do texto de Puig torna-se claro, quando ele é comparado ao bolero «Perfidia», cuja letra é a seguinte: «Mujer, se puedes tú con Diós hablar / Pregúntale se alguna vez/ me deja por te adorar / al mar, espejo de mi corazón / las veces que me a visto llorar / la perfidia de tu amor / yo voy / y non te puedo hallar y non te puedo hallar / para que quiero tu besos / se tu labios non me vengan a besar / tú, quién sabe por dónde andarás / quén sabe que aventuras tendrás / que lejos estás de mi».

# RESENHA



# CONCURSO DE CONTOS E DE POEMAS

O 11º Concurso de Contos e de Poemas da REVISTA LITERÁRIA do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais recebeu um total de 332 trabalhos, sendo 19 conjuntos de contos — no total de 57 contos — e 55 conjuntos de poemas — no total de 275 poemas.

Em onze concursos, a estatística da RL está assim:

ESTATÍSTICA DA RL				
ANOS	ESTUDANTES	TRABALHOS RECEBIDOS		
		CONTOS	POEMAS	TOTAL
1966	61	18	146	164
1967	102	57	198	255
1968	46	38	131	169
1969	121	76	265	341
1970	105	131	221	353
1971	161	68	257	325
1972	123	118	231	349
1973	199	144	238	482
1974	269	172	478	650
1975	92	96	230	326
1976	76	57	275	332
<b>TOTAL</b>	<b>1.355</b>	<b>975</b>	<b>2.770</b>	<b>3.745</b>

Os contos e poemas não classificados foram devolvidos aos seus autores.

A relação dos 332 trabalhos recebidos, com os respectivos pseudônimos, é a seguinte:

## CONTOS

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
1	Cenas de Ciúmes	— Angelina
	Malícias do Pano Verde	— Angelina (3º lugar)
	Contas de um Rosário	— Angelina
2	Por Trás da Janela	— Cactus
	Hora Incômoda	— Cactus
	Esboço	— Cactus
3	Onde Está Muriel?	— Carmela (Menção Honrosa)
	É Preciso Enxugar o Suor...	— Carmela
	Foi Porque Você Insistiu...	— Carmela
4	Mercê	— Cajuzinho...
	Jaburu	— Cajuzinho...
	Tendepá	— Cajuzinho...
5	Quatro Segundos	— Cão
	De Glúteos Músculos no Colo	— Cão
	Comece a contar	— Cão
6	Marcolino	— Cazuza (Menção Honrosa)
	Maria José. Crioula. E da Silva	— Cazuza
	Noite de São Bartolomeu	— Cazuza
7	Zoológico	— Condenado
	Cachos e Pencas	— Condenado
	O Inventor do Vôo	— Condenado
8	Quando os Amigos se Encontram	— Critillo
	Está Tudo em Paz e Tranquilidade	— Critillo
	Enquanto Avança a Noite	— Critillo
9	Fantasma da Montanha	— Erval
	Trilha	— Erval
	Pampulha e Pane	— Erval
10	A Casa	— Fabíola
	Obsessão	— Fabíola
	Triste Acaso	— Fabíola

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
11 —	Sonho 1	— Hymalem
	Metade	— Hymalem
	Ara,...	— Hymalem
12 —	As Fotos	— Maluco
	Amnésia do Tempo	— Maluco
	A Sexta Vogal	— Maluco
13 —	Presença de Espírito	— Maria Azul
	A Moça Feliz	— Maria Azul
	Lembranças	— Maria Azul
14 —	O Reencontro	— Nabucodonossor
	Os Cometas Gêmeos	— Nabucodonossor
	Violinista	— Nabucodonossor
15 —	Mata-me de amor	— Pirata (2º lugar)
	Fim de Noite	— Pirata
	Lia em Noite de Lua	— Pirata
16 —	Queijo do Serro	— Prêta
	O mundo sufoca?	— Prêta
	Aprendi na Infância	— Prêta
17 —	Além	— Sim (1º Lugar)
	Em Teu Seio	— Sim
	Assim de Pijama e Descalço	— Sim
18 —	A Fuga	— Arabesco
	A Fantasia do Gênio	— Arabesco
	Relembanças	— Arabesco
19 —	Avatar nº 1	— Maria Madalena (Menção Honrosa)
	Avatar nº 2	— Maria Madalena
	Avatar nº 3	— Maria Madalena

## P O E M A S

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
1 —	Que importa o tempo?	— Andrade
	Amanhã	— Andrade
	O Azul	— Andrade
	Esbanjamento	— Andrade
	A Glória	— Andrade

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
2 —	Utopia	— Anin Andrade
	Viviência	— Anin Andrade
	Só	— Anin Andrade
	Existência	— Anin Andrade
	Passagem para o Inferno	— Anin Andrade
3 —	Relatos de Viagem 1º	— Antônio D'Óculos
	Relatos de Viagem 2º	— Antônio D'Óculos
	Se fosse Diferente...	— Antônio D'Óculos
	Meu Anjo Preto	— Antônio D'Óculos
	Poema I, II, III	— Antônio D'Óculos
	Cavalos	— Antônio D'Óculos
4 —	Teoria	— Arcete
	Seres	— Arcete
	Deux	— Arcete
	Nave	— Arcete
	Ponto	— Arcete
5 —	Me Diga Alguma Coisa	— Barão
	Efemérides	— Barão
	Uma Rosa	— Barão
	Cantiga de Roda	— Barão
	Propedêutica	— Barão
6 —	De Uma Mulher Apaixonada	— Bernard
	Quando eu Estiver Assim...	— Bernard
	Estranho Momento	— Bernard
	Tempo Parado	— Bernard
	Alegre Menina Triste	— Bernard
7 —	Teoria da Origem	— Caiçara
	Idéia Seca	— Caiçara
	Espelho	— Caiçara
	Anti-Pensamento	— Caiçara
	Retirante	— Caiçara
8 —	Dos Princípios	— Carneiro
	Eu Versus Calipto	— Carneiro
	Hoje	— Carneiro
	Processo	— Carneiro
	Naturalmente	— Carneiro
9 —	Involução	— Cliff
	Pesadelo	— Cliff
	Comunhão	— Cliff
	S Ex/Pacial	— Cliff
	Cara a Cara	— Cliff

Nº	TÍTULO	PSEUDÓNIMO
10	— As Margens Plácidas	— Crioulo
	Faremos Todos	— Crioulo
	As Mortes Dela	— Crioulo
	Viajante-Caminhante...	— Crioulo (3º Lugar)
11	— Vida Feliz	— Cruz Afir
	Perpetuação	— Cruz Afir
	Um Pouco de Sonho	— Cruz Afir
	Estrela Criança	— Cruz Afir
	O Preço da Liberdade	— Cruz Afir
12	— Paisagem Bucólica	— Curuz
	A Sua Presença	— Curuz
	Vinte e Dois Anos	— Curuz
	Puro	— Curuz
	Encordas de Bacalhau	— Curuz
13	— Poemas de Gaveta	— Dalú
	Abismo	— Dalú
	A rosa	— Dalú
	Cavalo	— Dalú
	O Filho	— Dalú
14	— Último Encontro	— Dedê
	Explicação	— Dedê
	Visualização	— Dedê
	Infinita Solidão	— Dedê
15	— Cólera de Amigo	— Maguto...
	O Tempo	— Maguto...
	Pensando	— Maguto...
	Só	— Maguto...
	Gente Inocente	— Maguto...
16	— Pequena	— Dorim
	(3) Movimento	— Dorim
	As Águas	— Dorim
	É Preciso	— Dorim
	O Viaduto	— Dorim
17	— A Palavra Emudece	— Ed A.H Paz
	Quero Sempre Querer	— Ed A.H Paz
	Arre Terra	— Ed A.H Paz
	Ode às Ondas	— Ed A.H Paz
	Os Seus Olhos Não Vêm	— Ed A.H Paz

Nº	TITULO	PSEUDÔNIMO
18	— Alquimia	— Ele
	Linhas	— Ele
	Cristal	— Ele
	Máquina	— Ele
	Monge	— Ele
19	— A Visita	— Enicê...
	Solidão na Tarde	— Enicê...
	Sentindo a Lágrima	— Enicê...
	Tu	— Enicê...
	A Vida Continua	— Enicê...
20	— Um Dia Rio	— Curuz
	O Meu Pão Como Poesia	— Curuz
	A Ela	— Curuz
	Selos Seus	— Curuz
	Aceno Incompleto	— Curuz
21	— Inquisição	— Esopo
	De Como Falhou a Idéia...	— Esopo
	O Exército	— Esopo
	O Discurso do Governador	— Esopo
	Minha terra Val...	— Esopo
22	— A Ilha Atem a Meta...	— Evelyn
	A Chuva na Rua	— Evelyn
	A Chuva Escorrega...	— Evelyn
	Ponto-ar	— Evelyn
	Contemplando Rios...	— Evelyn
23	— Panorama	— Gabriel...
	Bois & Berrantes	— Gabriel...
	Classe «A»	— Gabriel...
	Palácios	— Gabriel...
	Regresso	— Gabriel...
24	— Estória	— Haizim
	E a Epidemia Brotou...	— Haizim
	Aonde os Andes Acabam	— Haizim
	A Rua Continua...	— Haizim
	A Rede que Machuca	— Haizim
25	— Previsão	— Henrique...
	Vida de uma Sertaneja	— Henrique...
	Incerteza	— Henrique...
	Tentativas	— Henrique...
	Desencontro	— Henrique...

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
26 —	Ser só	— Iara...
	É Preciso Cantar	— Iara...
	Civilização	— Iara...
	Onde Está o Amor?	— Iara...
	Meditação	— Iara...
27 —	Emocional	— Joana
	Auriverde	— Joana
	A Você Que Virá...	— Joana
	Nem Todo Mineiro é Santo	— Joana
	Tardança	— Joana
28 —	Poética nº 1	— Klaus
	Vida (No Campo)	— Klaus
	Homem (Do Campo)	— Klaus
	Ave-Maria (No Campo)	— Klaus
	Lua (No Campo)	— Klaus
29 —	Quatro Tempos e o Reverso	— Lampião (1º Lugar)
	I, II, III, IV	
	Reverso	— Lampião
30 —	Fragments	— Liz
	Sombrio Caminho	— Liz
	Ode	— Liz
	Visão	— Liz
	Libertação	— Liz
31 —	João Morto na Noite	— Mira Mirade
	Desencanto	— Mira Mirade
	Roda-Rotina	— Mira Mirade
	Palavras-Espectro	— Mira Mirade
	Resto de Comida	— Mira Mirade
32 —	Paralelismo	— Machão
	Absurdo	— Machão
	Canção do Escravo	— Machão
	Ferida Profunda	— Machão
	Mordaça	— Machão
33 —	Berço de Fantasias	— Nandy
	Amanhã-Talvez	— Nandy
	Semente	— Nandy
	Mudez	— Nandy
	Formas de Vidro	— Nandy

Nº	TITULO	PSEUDÔNIMO
34	— Loteria	— Nena
	Re...ver...so	— Nena
	Objetiva	— Nena
	Canto	— Nena
	Rés-do-Chão	— Nena
35	— Encontro	— Nimar
	Vermelho-Verde	— Nimar
	Dor	— Nimar
	Mas se Você Vem	— Nimar
	Segundo Dimensão	— Nimar
36	— Outono de Pablo	— Paulo Nalyd
	Cianofaríngeo	— Paulo Nalyd
	O Verniz	— Paulo Nalyd
	Carne Ensolarada...	— Paulo Nalyd
	Ode a Vida Humana Passa	— Paulo Nalyd
37	— Espaço Retratado	— Peninha
	De Passagem	— Peninha
	Vestibular	— Peninha
	Lições de Você...	— Peninha
	Amor e Sistema	— Peninha
38	— Indecisão	— Peninha
	Abstração	— Peninha
	Espaço Magoado	— Peninha
	Maldição	— Peninha
	Máquina	— Peninha
39	— O Bêbado e o Fim	— Pigmeu...
	Delinqüência no Vai-e-Vem	— Pigmeu...
	Escritor Desiludido	— Pigmeu...
	O Horizonte Atrás...	— Pigmeu...
	Morte no Morro	— Pigmeu
40	— Canto Para a Amada...	— Pontonegro (Menção Hon- rosa)
	Semeadura	— Pontonegro
	Vinte Anos	— Pontonegro
	Poema do Corpo de Vera	— Pontonegro
	Pirataria	— Pontonegro
41	— Epílogo	— Poupoux
	Delirium Tremens	— Poupoux
	Para não Falar que...	— Poupoux
	Divagações	— Poupoux
	Instantâneo	— Poupoux

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
42 —	Flutu-ar	— Racklem
	Noite de Estrelas	— Racklem
	Homens e Mulheres...	— Racklem
	Entre a Casa e a Vida	— Racklem
	Uma Rua, Nada Mais	— Racklem
43 —	Poema Pra Kátia	— Ricardo...
	Incoerência	— Ricardo...
	Poema Para Rubens	— Ricardo...
	Poema	— Ricardo...
	Data	— Ricardo...
44 —	Mim	— Rildo Dias
	Eu Entre Deus	— Rildo Dias
	Lei da Lua	— Rildo Dias
	Liane	— Rildo Dias
	Saudação	— Rildo Dias
45 —	O Pato	— Rolando...
	O Cão	— Rolando...
	O Galo	— Rolando...
	A Pulga	— Rolando...
	O Papagaio	— Rolando...
46 —	Eu Conheço Uma Moça...	— Rosemary...
	De Uma Tarde Que se Põe	— Rosemary...
	Você é Todas as Minhas	— Rosemary...
	Se eu Tivesse Simplesmente...	— Rosemary...
	Nos Portos Para...	— Rosemary...
47 —	Minha Alma Está Ferida	— Sigh
	Vida, Não te Quero...	— Sigh
	São Olhos de Caveira...	— Sigh
	Vida, Se Tenho Mesmo...	— Sigh
	Vem a Noite	— Sigh
48 —	Des-Carte	— Sinistromanus
	Transa	— Sinistromanus
	Fumaça de Março	— Sinistromanus
	7, 17, 77	— Sinistromanus
	Essa não...	— Sinistromanus
49 —	Belezas que se Acabam	— Teixeira
	Menino de Rua	— Teixeira
	Vida Vazia	— Teixeira
	Eu e a Chuva	— Teixeira
	Em Busca da Paz	— Teixeira

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
50	Desânimo	— Tocha
	Lágrimas	— Tocha
	A Piscina	— Tocha
	A Nuvem	— Tocha
	Estranho Vale	— Tocha
51	Descoberta	— Vinimar
	Café da Tarde	— Vinimar
	Miragem	— Vinimar
	Estilhaços	— Vinimar
	O Palhaço	— Vinimar
52	Brisa	— Viliam...
	Roda	— Viliam...
	Fim	— Viliam...
	A Capa do Copo na Copa...	— Viliam...
	Neva	— Viliam...
53	Vontade de Solettrar...	— Yafly
	Guardarei Todas...	— Yafly
	Palácios Construídos...	— Yafly
	Não Quero Falar...	— Yafly
	Eu te amo nas Solidões...	— Yafly
54	Talvez	— Lara (2º Lugar)
	Anseios	— Lara
	Relembraças	— Lara
	4 Sentidos Sem Consolo	— Lara
	Vem	— Lara
55	Poema	— Leninha
	Urbanecer	— Leninha
	Rios	— Leninha
	Poema	— Leninha
	Poema	— Leninha

## PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

- «Meia-Sola», da Cordel Editora Artes-Visuais Ltda. — nº 1 — Belo Horizonte — MG.
- «Symposium», Revista da Universidade Católica de Pernambuco — nº 18 — Recife — PE.
- «Experiências», do Grupo de Criação — nº 5 — Rio de Janeiro — RJ.
- «Sumumario Actual de Revistas», do Instituto de Cultura Hispânica — nºs 8, 9 e 13 — Madrid — Espanha.
- «Poemas», de Narciso Lobo — Rio de Janeiro — RJ.
- «San Marcos», Revista da Universidade Nacional Mayor de San Marcos — nº 13 — Lima — Peru.
- «Revista de Poesia e Crítica», coordenação de Antônio Fábio Carvalho da Silva — nº 1 — Brasília — DF.
- «O Perfeito Amor», de Jessé Torres Pereira — Rio de Janeiro — RJ.
- «Ce Coeur de Barbarie», de David Scheinert, da Maison Internationale de La Poesie — Bruxelas — Bélgica.
- «The Centennial Review», do College of Arts and Letters, da Michigan State University — nº 4 do volume XX — Michigan — EUA.
- «Franciscanum — Revista de Las Ciencias del Espiritu», da Universidad de San Buenaventura — nº 53 — Bogotá — Colômbia.
- «Courier du Centre International d'Études Poétiques», da Maison Internationale de la Poesie — nºs 113 a 116 — Bruxelas — Bélgica.
- «Violeta Trindade», de Edgard Pereira — Interlivros Ltda. — Belo Horizonte — MG.
- «A Solidão dos Muros», de Libério Neves — Interlivros Ltda. — Belo Horizonte — MG.

## ALGUMAS CRÍTICAS À REVISTA LITERÁRIA DO CORPO DISCENTE DA UFMG

### CARTAS

«Cada vez melhor... de alto conteúdo... parabéns.»

Fábio Gomes Notte — São Paulo — SP.

«Incrível ainda existir a Revista Literária da UFMG e ainda mais incrível verificar que ela vem saindo com regularidade. Parabéns ao Plínio Carneiro, que a fundou e a dirige até hoje. Participei do primeiro concurso, em 1966, quando era acadêmico do 5º ano de Medicina e até hoje minha família me envia os exemplares. Parabéns.»

João Bosco Mafra Campos — Manaus — Amazonas.

«Há dois anos não recebo a Revista Literária... pensei que ela tivesse tomado o rumo da Orquestra Sinfônica da UFMG... a Universidade não pode deixar de apoiar esse instrumento de ação integradora e, mais que isso, de apoiar os escritores universitários. O número 9 estava de se tirar o chapéu e é isso que faço agora.»

Mauro Macedo Novaes — Belo Horizonte — MG.

«Li um artigo... e notei que ela contém muita coisa de interesse e que ela seria muito útil para mim... parabéns pela iniciativa de criar uma revista deste gênero... nós mineiros estivemos sempre na vanguarda das letras no Brasil.»

Aurélio Pinto Cardoso — Ribeirão Preto — SP.

«... o maravilhoso exemplar da RL nº 10. Beleza de coletânea, a revelar novos escritores mineiros.»

Aldemir Fernandes Lima — Belo Horizonte — MG.

«Desde 1970 venho recebendo... essa excelente Revista Literária...»

Octávio Ribeiro de Mendonça Neto — São Paulo — SP.

«... da RL... realmente uma revista de grande gabarito...»

**Alfredo Rodrigues Souza Peres — Rio de Janeiro — RJ.**

«... venho cumprimentá-los pelo pleno êxito dessa excelente publicação, única no gênero entre nós. O entusiasmo reinante em torno da RL e a qualidade dos trabalhos publicados representam uma garantia para a sua permanência. Merece destaque, também, a sua bela apresentação gráfica... assegurada a sua contribuição às letras nacionais... essa publicação que defende e valoriza a nova intelectualidade mineira...»

**Wilson Alvarenga Borges — Rio de Janeiro — RJ.**

«... RL continua tendo alta significação na história da literatura mineira...»

**Walden Camilo de Carvalho — Belo Horizonte — MG.**

«... recebendo essa excelente publicação, que tanto honra o corpo discente da UFMG...»

**Augusto Martínez Perez — Paranaíba — MT.**

«... cada nova página nos traz agradáveis mensagens literárias... parabéns por mais essa publicação que vem enriquecer as letras brasileiras...»

**Albair de Carvalho Neumann — Juiz de Fora — MG.**

«... recebi a RL... toda vez que isto ocorre sinto dupla satisfação: de saber que ela resiste à época atual... pela qualidade, cada número mais apurada...»

**Ricardo Viana Decat — Belo Horizonte — MG.**

«... pelo seu alto nível literário... receber regularmente a Revista Literária do Corpo Discente da UFMG...»

**Sylla Ribas — Biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas — Pelotas — RS.**

«... parabéns pelos dez anos ininterruptos de cultura literária, das melhores, revelando, certamente, cultores de nossa língua...»

**Prof. Eticar Kuhn — Franca — SP.**

«... pelo brilhante trabalho que tem desenvolvido durante os dez anos de existência...»

**Ildelfonso Magalhães Bassani — Belo Horizonte MG.**

## JORNAIS

«... a sempre importante Revista Literária da UFMG...»

**Jornal de Minas — 02 de outubro de 1976 — Belo Horizonte — MG.**

«... está no número 10 a Revista Literária da UFMG, sempre mostrando os bons trabalhos dos estudantes que pretendem seguir carreira literária...»

**Diário da Tarde — 10 de janeiro de 1977 — Belo Horizonte — MG.**

«... há numerosas revistas escolares, das mais simples e humildes às mais complexas, ricas e sofisticadas, efêmeras ou permanentes. Poucas no entanto, me pareceram tão de acordo com o espírito da Universidade quanto a Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais... Mais de 200 páginas refletindo o intenso labor literário de estudantes e mestres... Todo um mundo de inteligência e cultura extravasantes em bom-gosto e senso cultural do que é válido nesse elogiável empenho de prática literária. RL deve ser conhecida e imitada, acreditem-me...»

**Oswaldo Lopes de Brito — Crítico Literário do Diário da Manhã — Ribeirão Preto — SP.**

«... todos os anos podemos contar com a excelente Revista Literária da UFMG...»

**Estado de Minas — 28 de janeiro de 1977 — Belo Horizonte — MG.**

«... desapareceu o Suplemento Literário do Minas Gerais; as pequenas revistas de contos e poesias também estão difíceis de serem editadas. Só resta agora, como expressão da literatura mineira, a Revista Literária da UFMG que, com altos e baixos, vem atravessando os anos e levando a cultura mineira ao povo...»

**Diário de Minas — 21 de maio de 1976 — Belo Horizonte — MG.**